

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



SIGNIFICADOS DE RELIGIÃO EM DIFERENTES
CONTEXTOS EDUCATIVOS

CÉLIA MARIZE BUNDCHEN

Canoas, 2005

CÉLIA MARIZE BUNDCHEN

**SIGNIFICADOS DE RELIGIÃO EM DIFERENTES
CONTEXTOS EDUCATIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marisa Vorraber Costa

Canoas, 2005

Uma característica do mundo atual é o pluralismo cultural e religioso. Esta diversidade manifesta uma riqueza de expressões culturais, mas também provoca fechamento e rigidez institucional. Se uma religião pensa ser proprietária exclusiva da revelação divina e compreende a si mesma com a única verdadeira, descartará as outras e as combaterá. Hans Küng, teólogo suíço tem razão: “Ou as religiões se entendem, ou não teremos paz neste mundo” (BARROS, 2002)

Ao meu esposo, Fermino e aos filhos: Leandra, Éber, Daiana e Priscila, bem como ao genro, Ezequiel e à nora Fabrícia e aos queridos netos, Ezequiel Jr, Carolina e Greice que compreenderam a minha ausência de suas vidas quando o estudo absorveu os momentos que poderíamos ter desfrutado no convívio familiar.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me proporcionou mais esta oportunidade de estudar, aperfeiçoando os conhecimentos, buscando novas perspectivas de olhar a educação e entender os alunos, na caminhada que transcorre pelas diferentes fases de suas vidas. Agradeço, também, a minha família pela compreensão e incentivo. À professora Marisa Vorraber Costa, que aceitou orientar esta dissertação e me incentivou na busca de novas perspectivas, pela compreensão de minhas limitações.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer e discutir o significado de Religião em três diferentes grupos inseridos em contextos educativos distintos: a) um grupo de professoras de escolas públicas que participavam do curso de extensão universitária Metodologia do Ensino Religioso; b) um grupo de estudantes de sétima série de uma escola municipal de Cruz Alta; c) um grupo de mulheres atendidas em um projeto social organizado por uma entidade religiosa em parceria com a Prefeitura Municipal de Cruz Alta. Tal foco de estudo surge em decorrência de preocupações que se constituíram ao longo de minha trajetória como professora de Ensino Religioso. A dissertação compõe-se de duas partes. Na primeira – *Contextualizando* – procuro demarcar e caracterizar o panorama cultural em que se inscreve o estudo. Parto de um levantamento inicial de perspectivas históricas e legais do Ensino Religioso no Brasil, enfocando também os Parâmetros Curriculares para este Ensino. Acrescento a isso uma discussão sobre Religião no mundo contemporâneo, relacionando-a a algumas abordagens que vêm sendo dadas ao Ensino Religioso com vistas a evitar o proselitismo e inscrever tal ensino no conjunto dos saberes escolares propícios à preparação dos estudantes para viverem e conviverem em um mundo plural. Na segunda parte – *Problematizando* – apresento o problema de pesquisa e uma discussão sobre religião a partir da análise e reflexão sobre os significados de religião expressos pelos grupos nos três contextos educativos pesquisados. Para captar, analisar e discutir os significados de Religião que circulam nestes diferentes grupos, propus a montagem de painéis ilustrados sobre o tema, recolhendo-se as imagens e os textos escritos de farto material disponibilizado para recorte como revistas, livros, folhetos, jornais, etc. Realizei a pesquisa com base nos subsídios teóricos de autores que tratam de religião e ensino religioso, como Jostein Gaarder, Anísia Figueiredo, Valter Kuchenbecher e Hans-Jürgen Frass; bem como de autores dos Estudos Culturais, como Stuart Hall e Douglas Kellner, que destacam a importância das imagens, da visibilidade e da mídia no cenário da cultura contemporânea. As análises mostraram que os painéis expressam a relação entre significados de religião e questões problemáticas do mundo atual. Há diferenças entre as formas como os grupos de cada contexto organizam seus painéis e também entre aquilo que é destacado ao expressarem o significado de religião. Observa-se, igualmente, que a mídia é produtiva na criação e veiculação de algumas imagens de religião como, por exemplo, a grande disseminação da figura e da vida do Papa. Registra-se a

predominância de elementos da cultura cristã e do catolicismo. Sonhos, angústias, esperança, amor, saúde e paz são expressões que apareceram intensamente associadas aos significados de religião nestes contextos educativos.

Palavras-chave – Religião, educação, Ensino Religioso, significados de religião, currículo.

ABSTRACT

This study aimed at finding out and discussing the meaning of Religion in three groups from three different educative contexts: a) a group of teachers of public schools who attended a university extension course called Methodology of Religious Teaching; b) a group of seven-grade students of a town school in Cruz Alta; c) a group of women participating in a social group organized by a religious institution in a partnership with Cruz Alta Town Hall. The focus of this study originated from concerns which have emerged along my trajectory as a Religion teacher. The dissertation consists of two parts. In the first one – *Contextualizing* – I attempted to delimitate and characterize the cultural panorama in which this study is inscribed. From an initial survey of legal and historic perspectives of Religious Teaching in Brazil, I also focused on the Curriculum Parameters of this kind of teaching. In addition, I carried out a discussion about Religion in the contemporary world, relating it to some approaches to Religious Teaching in order to avoid proselytism so as to inscribe such teaching among the school knowledges which prepare students to live in a plural world. In the second part – *Problematizing* – I introduced the research problem and a discussion about religion from the analysis and the reflection on the meanings of religion expressed by the groups in the three different educative contexts studied. In order to capture, analyse and discuss the meanings of Religion that have circulated among those groups, I proposed the construction of illustrated panelboards about the theme, with pictures and texts taken from several materials which were available, such as magazines, books, folders, newspapers, etc. The research was based on the theoretical contributions of authors who have approached both religion and religious teaching, such as Jostein Gaarden, Anísia Figueiredo, Valter Kuchenbecher e Hans-Jürgen Frass; as well as authors of Cultural Studies, such as Stuart Hall and Douglas Kellner, who emphasize the importance of images, visibility and media in the contemporary culture scenery. The analyses showed that the panelboards expressed the relationships between meanings of religion and problematic issues of the present world. There were differences between the ways the groups of each context organized their pannels and also between that which was emphasized when they expressed the meaning of religion. It was also observed that the media has been productive in the creation and diffusion of some images of religion such as a wide dissemination of the Pope's figure and life. Predominance of the Christian culture and Catholicism has been observed. Expressions such as dreams, anguish, hope, love, health

and peace appeared intensively associated with the meanings of religion in those educative contexts.

KEY WORDS: Religion – Education – Religious Teaching – Meanings of Religion – Curriculum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I - CONTEXTUALIZANDO	18
CAPÍTULO 1	
ENSINO RELIGIOSO – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, LEGISLAÇÃO E	
DIRETRIZES CURRICULARES	19
Perspectivas Históricas	19
Educação e Ensino Religioso em nova concepção	22
Prestando atenção na legislação	28
A organização do Ensino Religioso nos Estados	32
Os desafios continuam	37
CAPÍTULO 2	
RELIGIÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO - UMA DISCUSSÃO	43
O papel da religião na vida das pessoas	43
Diversidades ideológicas.....	45
A Busca pelo Sagrado em diferentes formas de religiosidade.....	49
PARTE II – PROBLEMATIZANDO	56
CAPÍTULO 3	
RELIGIÃO E CULTURA – UM JEITO DE OLHAR, SENTIR, VIVER	57
O problema da Pesquisa	57
Religião - Um jeito de olhar, sentir, viver.....	60
Imagens e significados	62
Caracterização dos grupos e contextos educativos	64
Caracterização do grupo A – Professoras e Professores de Ensino Religioso.....	66
Caracterização do grupo B – Estudantes	67

Caracterização do grupo C – Grupo de Assistência Social.....	69
CAPÍTULO 4	
SIGNIFICADOS DE RELIGIÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS	71
Lendo os painéis como textos culturais	71
Grupo de Professores – painel – A	73
Grupo de Professores – painel – B	78
Grupo de estudantes – painel – A.....	83
Grupo de estudantes – painel – B	86
Grupo de estudantes – painel – C	89
Grupo de estudantes – painel – D.....	93
Grupo do Projeto Social- painel – A.....	99
Grupo do Projeto Social- painel – B.....	104
CAPÍTULO 5	
RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E ENSINO RELIGIOSO	108
REFERÊNCIAS.....	113

I NTRODUÇÃO

Na minha juventude, época de decidir por uma profissão, expressei o desejo de atuar na área da saúde e não queria ser professora, visto que meus pais o eram e eu não desejava seguir a carreira deles. O tempo foi passando e eu optei pelo casamento. Com ele veio também uma mudança em minha vida, transferindo residência do Paraná para o Rio Grande do Sul. Fui me incluindo no trabalho com Ensino Religioso dentro da Igreja a qual pertencia e depois nas escolas das cidades onde morei. As necessidades foram me impulsionando a atender alunos ligados à religião que pratico – Evangélica Luterana.

Atuei por três anos em escolas públicas estaduais e municipais, em horários extra classe ou, quando coincidia, no mesmo horário em que a professora de Religião Católica atendia aos seus alunos e alunas. Ela era a professora da escola e aproveitava algumas horas de seu contrato para atendê-los. Minhas aulas eram dadas naquele pequeno espaço de tempo e nem mesmo havia um local adequado. Muitas vezes, eu atendia alunos na biblioteca, na varanda da escola ou na igreja em frente à escola.

Mais tarde, eu e minha família nos mudamos para o Estado de Santa Catarina e ali atuei no Ensino Religioso, por cinco anos, em uma escola Confessional Evangélica Luterana. Trabalhei com alunos desde a terceira série do Ensino Fundamental até a segunda série do Ensino Médio. As experiências foram significativas. A maioria dos alunos não era da mesma confissão religiosa da escola e aceitava os ensinamentos com alguns questionamentos. Havia muito respeito de ambas as partes, pois se procurava abordar temas que eram comuns às religiões dos alunos para que o ensino não ferisse seus credos. Os temas trabalhados eram atuais, como valores morais, sociais e religiosos, os quais eram ilustrados com textos bíblicos. Os alunos eram oriundos de religiões que usavam a Bíblia e, então, cada um podia trazer para a sala de aula aquela que usava em sua prática religiosa. Isso porque, como se sabe, a Bíblia tem várias traduções. A Igreja Católica tem tradução própria, com base na tradução latina e são editadas em suas editoras católicas conhecidas – Ave Maria, Loyola e Paulinas. As Igrejas Evangélicas têm bíblias traduzidas do grego e do hebraico, em sua maioria editadas pela Sociedade Bíblica do Brasil. A Igreja Batista, a Igreja Adventista e a Testemunha de Jeová têm traduções feitas por suas próprias editoras. Isso leva a comparações por parte dos alunos e alunas, que, ao analisarem os textos, observam que as formas de expressão são diferentes mas o sentido é similar.

A minha maneira de olhar a religiosidade mudou de forma mais acentuada, quando voltei a morar no Estado do Rio Grande do Sul – em Cruz Alta – e convidaram-me para dar palestras a docentes da rede municipal e estadual. Aí, os questionamentos surgiram, bem como a necessidade de se trabalhar de maneira inter-religiosa. A primeira vez, que em um grupo, tive professores com concepções muito diferentes da minha, sofri e me desestruturei. Tive que reorganizar a minha fala e também a maneira de focar os assuntos ligados à religiosidade de cada componente do grupo, a fim de manter o respeito e a dignidade de todos.

Todas essas atuações foram acumulando inquietações, expectativas, advindo daí o desejo de saber mais sobre religião em diferentes contextos educativos. Principalmente, fora do circuito restrito do meu contexto existencial, da minha maneira de pensar e agir. Essas inquietações se acentuaram ao trabalhar como professora de Metodologia do Ensino Religioso na Universidade de Cruz Alta¹. Com os demais professores e a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão, planejamos e organizamos o curso e formamos a primeira turma, cujo objetivo foi capacitar/qualificar professores para trabalhar com o Ensino Religioso nas escolas.

Nesse curso, com duração de 400 horas e desenvolvido em 10 meses, convivi com professores e professoras de diversas crenças e também com aqueles/as que não praticavam nenhuma religião instituída. Durante os trabalhos, aprendi com eles a ver as situações de maneiras diversas, procurando adotar as lentes que eles utilizavam sem ferir as convicções, respeitando suas identidades, suas culturas, seus ritos e suas crenças. Durante as aulas, esse grupo fazia relatos de experiências religiosas vivenciadas que os marcaram e que carregavam até os dias de hoje como, por exemplo, ir obrigatoriamente à igreja a cada final de semana acompanhado dos pais ou, ainda, não poder ir à igreja porque o pai era alcoólatra e exigia a presença da mãe em casa justamente na hora dos ofícios religiosos.

Nesse sentido, observei que o Ensino Religioso tem a ver com a influência que cada um recebeu em sua formação como ser humano, tanto da cultura da sociedade mais ampla em que está inserido como da prática religiosa de seus pais. Segundo Hall (2001), na visão sociológica “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Mesmo assim, a identidade está sujeita a modificações pelo diálogo com os costumes do mundo. Portanto,

¹ Curso de Extensão- Metodologia do Ensino Religioso- Promovido pela Universidade de Cruz Alta no ano de 2003. Com duração de 400 horas tendo como finalidade capacitar os professores de Ensino Religioso que atuam especialmente nas escolas da cidade, visando à capacitação de docentes para atuarem no Ensino Religioso na rede pública.

cada grupo social deseja a continuidade de costumes e idéias, porque é isso que permite a identificação de um povo. Um povo ou um grupo é conhecido e reconhecido pelos outros por suas características, sejam elas físicas, ideológicas ou comportamentais.

Em minhas atividades como Coordenadora Nacional de Educação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, onde tenho me dedicado à capacitação dos professores e lideranças, e, também, ao atuar como formadora de professores de Ensino Religioso, tive oportunidade de viajar pelas regiões Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. Nessas viagens, pude observar algumas situações, como a numerosa e destacada presença das etnias alemã, italiana, polonesa e japonesa no sul e a afro-descendência no norte e nordeste, onde hoje já há grupos identificados como afro-brasileiros pelos cruzamentos étnicos ali verificados.

O Brasil é um país imenso e nele há uma enorme diversidade de grupos com culturas e religiões variadas. Nota-se, também, que é muito forte a religiosidade de norte a sul do Brasil, podendo essa ser entendida como um forte componente histórico e cultural. Considero que essa ampla gama de religiões praticadas expressa o que chamo de tendência à religiosidade do povo brasileiro. **Parece haver** uma vocação, uma dedicação e fé no transcendente². Nas muitas viagens que faço, em função de meu trabalho voltado à religião e ao Ensino Religioso, pude observar que a vivência religiosa no norte e nordeste se caracteriza por grande fervor. Há muitos grupos musicais vinculados às religiões e com isso o louvor a Deus é vivenciado com muita intensidade, já que o povo gosta de canto e de música. A incorporação da música **nos ofícios religiosos** se transforma em ponto de identificação para os jovens que se aproximam da religião quando essa valoriza a música que é propagada pela mídia. Usar a música nos ofícios religiosos ou na aula de Ensino Religioso tem sido uma das estratégias para atrair os mais jovens para a religião.

Em todos os cantos do Brasil há seres humanos em busca da prática de uma religiosidade, atendendo ao desejo de encontrar o transcendente dentro dessa pluralidade de crenças vigente em nosso imenso País. Apesar desse panorama religioso ser, no Brasil, matizado por uma ampla gama de religiões, Fischmann (2002), que tem se dedicado à disseminação de propostas que valorizem e respeitem a crença do outro, ressalta que esse é ainda um assunto complexo e delicado, visto que “a interação entre as religiões, no Brasil, não

² Termo usado nos Parâmetros Curriculares para designar o Ser Supremo — Deus. Algo maior — uma divindade.

foge ao que se encontra no mundo. Seria ilusão supor que temos aqui uma ‘democracia religiosa’”. (p. 40). Um exemplo de trabalho nesse sentido é o que é realizado pela mesma autora na Universidade de São Paulo onde há o incentivo para o conhecer-se a si mesmo e a crença do outro. Nessa perspectiva é que se tem buscado uma conscientização dos grupos religiosos para que aprendam a conhecer e a respeitar as diferenças.

A autora salienta, ainda, a pressão da Igreja Católica pela obrigatoriedade do Ensino Religioso nas escolas públicas – bem como para que esse seja confessional –, tema discorrido em todas as Constituições do Brasil. Além disso, ainda há o sentido discriminatório do fato de alguns grupos serem qualificados como seitas. Segundo Fischmann (2002), todos têm o direito de professar sua fé sem zombarias, não se justificando, inclusive, a dificuldade de sobrevivência das minorias não-cristãs, que são ignoradas em meio a uma sociedade que se diz democrática e, em cuja Constituição, está assegurada a liberdade de culto e prática religiosa.

Contudo, apesar da discriminação sofrida por parte de alguns grupos e o forte exercício do poder de outros, os credos são praticados e as programações religiosas acontecem em todos os quadrantes. Para constatar isso, basta ligarmos o rádio, a televisão ou acessar a Internet. Há o crescente desmembramento de religiões e a formação de novos grupos a cada dia.

Segundo Barros (2002), há grandes grupos religiosos estabelecidos em nosso País que se preocupam com que as pessoas deixem de lado as divergências que os separam ou impedem de vivência pela paz. E no exercício do respeito de uns pelos outros acontecem encontros ecumênicos onde pessoas preocupadas com isso se reúnem para discutir os pontos que lhes são comuns e que podem aumentar o amor e a compaixão de uns pelos outros, na prática de sua religião.

É dessas vivências experimentadas e de minha trajetória, que surgiu o foco dessa dissertação – significados de religião em diferentes contextos educativos. A pesquisa pretende entrelaçar indagações que surgiram das experiências em sala de aula trabalhando em Ensino Religioso, com a maneira de atribuir significados à religião por parte dos sujeitos implicados em diferentes instâncias do meu trabalho. Esse foco foi problematizado e, posteriormente,

debatido em três grupos distintos: um de docentes de Ensino Religioso³ outro, um grupo de estudantes de 7ª série de uma escola municipal⁴ e o terceiro um grupo de pessoas que participam do Serviço Social⁵ de uma entidade Religiosa, esses participantes puderam se manifestar, refletir e se posicionar em suas concepções e perspectivas religiosas.

Posso dizer, então, que meu objetivo nesta pesquisa é apresentar a religião como uma movimentação inscrita em seu tempo. Entendo que as pessoas constroem sentidos para religião em meio às suas experiências de vida, às suas carências, às suas preocupações e às suas esperanças e desejos. Tudo isso é intensamente influenciado pelas formas como a cultura contemporânea se apresenta e opera, intensamente centrada na visibilidade, no espetáculo, na comunicação global e instantânea, no espetáculo do consumo, etc. Nesse panorama, este trabalho se organiza em duas partes.

Na primeira – *Contextualizando* – o que faço é tratar das perspectivas históricas do Ensino Religioso no Brasil, incluindo aí elementos da legislação que expressam como este Ensino foi posicionado ao longo dos séculos. Abordo também alguns pontos das diretrizes curriculares, com base nos últimos Parâmetros Curriculares para o Ensino Religioso (PCNs). Nesta Parte, procuro também mostrar que o território disciplinar do Ensino Religioso expressa os embates que caracterizam as questões religiosas de uma maneira geral. No Brasil, isto se distingue por esta feição particular que é a hegemonia do catolicismo, e todas as movimentações que se verificam em torno disto. O próprio documento PCNs empreende uma tentativa de neutralizar tal hegemonia e direcionar este ensino para práticas interconfessionais, tendo em vista o pluralismo religioso que vem se observando crescentemente em nosso País. Concluo essa primeira parte, apresentando uma discussão sobre religião no mundo contemporâneo, onde indico alguns pontos centrais dos debates sobre questões religiosas no mundo de hoje e seus desdobramentos mais sérios.

Na segunda Parte – *Problematizando* – apresento a problematização que direciona a pesquisa, formulo algumas questões que procuro responder mediante um trabalho de campo e descrevo meu jeito de olhar e lidar com tais questões. Em seguida, desenvolvo as análises dos

³ O grupo foi composto por onze professoras e um professor que estão em busca de preparação para atuar como docentes de ER, matriculados no Curso de Extensão Metodologia do Ensino Religioso na Universidade de Cruz Alta – RS.

⁴ Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Frederico Baiocch, Cruz Alta/RS.

⁵ Mulheres participantes do Projeto de Assistência Social da Igreja Evangélica Luterana Cruz, da cidade de Cruz Alta, esse projeto funciona em parceria com a Prefeitura Municipal e são todas do sexo feminino.

significados de religião apresentados pelos grupos pesquisados, numa tentativa de expor e interpretar as representações que fazem sobre as formas como a religião atravessa suas vidas. Finalmente, no último capítulo desta Parte II, meu objetivo é fazer um apanhado sintético dos achados da pesquisa, tecendo com eles algumas conclusões advindas do estudo realizado.

Em seu conjunto, os dados coletados e os estudos teóricos realizados pretenderam esboçar um amplo panorama sobre religião e Ensino Religioso no Brasil, visando contribuir para que se pense sobre essas questões de uma forma mais consentânea com suas repercussões no estado da cultura em que nos encontramos hoje em dia.

PARTE I

CONTEXTUALIZANDO

CAPÍTULO 1

ENSINO RELIGIOSO – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, LEGISLAÇÃO E DIRETRIZES CURRICULARES

Perspectivas Históricas

Da chegada dos Jesuítas até os dias de hoje, instalaram-se no Brasil muitas religiões oriundas de outros países mas, principalmente, de países europeus e dos Estados Unidos. Minha experiência de trabalho com Religião e Ensino Religioso oportunizou estudos e leituras sobre religiões que se encontram instaladas em solo brasileiro. Essas religiões já foram estudadas e continuam sendo objeto de interesse e discussão por parte de muitos autores (HAACK, 1985; WIEBE, 1998; GAARDER, 2000; GHELLER, 2000; KUCHENBECKER, 2000). Nas narrativas históricas de Haack (1985), encontrei fatos que me surpreenderam. Um deles foi a tentativa de se instalar no Brasil, em 1555, o protestantismo calvinista⁶ trazido pelos franceses comandados pelo Vice-Almirante Nicolas Durand de Villenaignon. Essa tentativa não logrou êxito porque os colonizadores portugueses em pouco tempo expulsaram os franceses. Mais tarde, os holandeses – seguidores de Calvino – também tentaram se estabelecer e igualmente a rivalidade com os portugueses não permitiu. De acordo com Haack (1985), esses grupos foram vítimas de interesses políticos. O autor lembra que um acordo, em 1810, entre Portugal e Inglaterra permitiu a liberdade de culto em solo brasileiro a todo imigrante.

Com isso, houve incentivo à imigração e chegaram pessoas pertencentes as denominações religiosas: Anglicana (1810), Luterana (1823), Metodista (1835), Congregacional (1855), Presbiteriana (1862), Batista (1881), Assembléia de Deus (1890), Evangelho Quadrangular (1923), Congregação Cristã no Brasil (1907) e outras. Essas igrejas com várias denominações e que se incluem entre as protestantes, de acordo com Gaarder (2000), foram pioneiras em formar congregações e tinham a tendência de exercer o proselitismo, pois queriam conquistar os brasileiros para o protestantismo. No final do século XIX, ficam estabelecidas no Brasil as chamadas denominações clássicas do protestantismo,

⁶ Calvinistas – seguidores de João Calvino, protagonista da Reforma e contemporâneo do Reformador Martinho Lutero, 1517.

ou seja: Luteranas – originárias da Reforma de Lutero, Anglicanas ou Episcopais, Metodistas, Presbiterianas, Congregacionalistas e Batistas (Gaarder 2000), seguidoras das idéias de Calvino cuja origem remonta ao século XVI. Esse mesmo autor classifica, ainda, as religiões Pentecostais em Clássicas e Neopentecostais. As Clássicas são Congregação Cristã no Brasil (1910), Assembléia de Deus (1911), Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964).

As religiões Neopentecostais foram criadas no Brasil. São elas: Igreja Nova Vida (1960), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional do Reino da Graça (1980) e Renascer para Cristo (1986). E ainda temos as Religiões não cristãs⁷ como: Mórmons, Adventista, Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã, Racionalismo Cristão etc. Há também um sistema filosófico-religioso cujo eixo principal é a reencarnação, sendo esse o caso do Espiritismo/Kardecismo. Ainda há as religiões afro-brasileiras, isto é, religiões dos orixás. Como elas existem em diferentes estados brasileiros cada um dá a elas nomes diferentes: “candomblé, na Bahia; xangô, em Pernambuco e Alagoas; tambor de mina, no Maranhão e no Pará; batuque, no Rio Grande do Sul; macumba, depois umbanda, no Rio de Janeiro” (GAARDER, 2000, p. 292). Nessa citação, nota-se que os nomes destas religiões afro-brasileiras foram escritas em letra minúscula. Qual o motivo do autor fazer esta distinção? Dois motivos são sugeridos como resposta: porque é religião afro ou porque não faz parte das religiões tradicionais.

Embora com caráter controvertido, existe uma classificação das religiões em históricas e tradicionais – a Católica e as originárias da Reforma – e as seitas. Essas últimas “se apresentam aos seres humanos com os mais variados preceitos, sendo portadoras de uma nova revelação” (CABRAL, 1979, p. 241). Segundo Woodrow (1979), seita “na linguagem religiosa tradicional do termo, tem uma conotação nitidamente pejorativa. Em oposição à ‘Igreja’, seita designa um pequeno grupo faccionário reunindo discípulos de um mestre herético” (p.12). Esse mesmo autor ainda define seita no sentido da etimologia e da sociologia. A palavra tem origem latina vindo do “verbo *secare* = ‘cortar’ ou do verbo *sequor* = ‘seguir’”. Na sociologia, é definida como: “um agrupamento contratual de pessoas que voluntariamente participam de uma mesma crença” (p.12). No entanto, a crença necessariamente não fica só no sentido

⁷ Para ser religião cristã segundo Gheller (2000, p. 86) precisa crer num único Deus, mas que se manifesta em três Pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. É um grande mistério da fé. Quem negar uma das pessoas da Trindade, nega a existência do Deus Trino- Pai, Filho e Espírito Santo, não sendo portanto considerado cristão

religioso. Ela ultrapassa “as fronteiras das religiões para incluir outras manifestações do fenômeno sectário nos domínios ideológico, social e político” (p.12).

Com esse cenário, adequado para a discussão sobre o significado da religião em distintos contextos educativos, volto-me para Figueiredo (1995); Frass (1997); Gaarder (2000); Rosas (2001); Junqueira (2002); Malgadi (2003) e outros, os quais discutem sobre o tema da religião, procurando entender como ocorreram e como estão ocorrendo, ainda hoje, as relações entre religião e educação.

Pode-se observar o caso dos Jesuítas (1500), cuja ordem religiosa se dedicava à obra missionária de orientar e catequizar os povos que habitavam as terras conquistadas pelas nações européias católicas. Fico imaginando como aconteceu a primeira comunicação, quando chegaram ao Brasil, com os moradores da terra recém “descoberta”. Essa ordem conseguiu inculcar nesses habitantes outras maneiras de pensar e agir, entre elas, concepções religiosas, sua cultura e crença interferindo na cultura nativa, influenciando-os a moldarem-se conforme a cultura européia da época. As instituições educacionais que foram surgindo, a partir dos Jesuítas, tinham como finalidade central cristianizar os índios, catequizá-los, procurando expandir o Império de Portugal e a fé que professavam seus monarcas.

A comunicação de idéias entre o Governo, a Igreja e o povo, passava pelos Jesuítas. Não esquecendo que eles, representantes da igreja, eram cidadãos também subordinados ao governo português. “Por sua vez, a Igreja, no Império português, dependia muito mais do Estado do que do papado” (GAARDER, 2000, p. 282). Ainda conforme Gaarder (2000) a Coroa de Portugal, décadas antes do descobrimento do Brasil, recebeu do papado o direito de padroado, o que concedia o direito de instalar a Igreja nas terras conquistadas por Portugal.

As conquistas portuguesas se transformavam, assim, em verdadeiras “cruzadas” destinadas à conversão compulsória de novos povos e populações. A evangelização ia junto com a dominação colonial. O que era o padroado? Em recompensa pelo envolvimento direto do Estado português na conversão dos “infiéis”, o papa concedeu à Coroa o controle sobre as igrejas. Cabia ao rei de Portugal conquistar, junto com as novas terras, novas almas. Devia construir templos e mosteiros, dotá-los de padres e religiosos e, principalmente, nomear bispos. O clero fazia parte do funcionalismo público, remunerado pelo Estado. (GAARDER, 2000, p. 281)

Com o direito adquirido do papado, a Coroa portuguesa estabelecida no Brasil, através do governo imperial, recebia todos os comunicados de decisões de Roma e analisava todos os documentos oficiais passando pela censura e só publicava o que era de interesse do governo e não em benefício das colônias. Também essa coroa regulamentava as reuniões dos sínodos

diocesanos (GAARDER, 2000). Nos dias de hoje, com certeza, seria uma tarefa difícil de executar e controlar. Nos tempos do Império e depois no início da República, o número de religiões instaladas no Brasil era menor. A **predominante** era a Católica, o que ainda hoje acontece, mas o número de religiões protestantes e **de** outras consideradas seitas, é muito grande nos dias hoje.

Relatam-nos historiadores que enquanto o regalismo – o rei exercendo domínio sobre Igreja e o povo – é exercido no Brasil, se estabelece uma política econômica que retrata um sistema de opressão sobre os governados. **Pois neste sistema a monarquia aristocrata exerce poder e, às vezes, humilha, o que pressiona os súditos a alimentar e lutar por ideais libertários prejudicando o relacionamento entre Povo, Governo e Igreja.**

Educação e Ensino Religioso em nova concepção

Com esse panorama de opressão por parte do governo de Portugal, o governo do Brasil enfrenta dificuldades administrativas **em razão** da ação do Marquês de Pombal ao expulsar os Jesuítas de Portugal e de suas colônias incluindo o Brasil. Com isso, ele implanta um novo sistema educacional, surgindo uma nova realidade tanto para Portugal quanto para o Brasil. O reino de Portugal só percebe a forte influência dos Jesuítas, no Brasil, quando eles se retiram de suas atividades, na década de 1750. Com a ausência dos Jesuítas na educação em geral e no ensino da religião, percebeu-se que não havia pessoas preparadas para assumir o trabalho que os padres da Companhia de Jesus realizavam. Isso **refletiu em** desorganização e desarticulação do processo educacional humanístico que se estruturara no Brasil.

A reforma pombalina apresenta um novo modelo de educação, impregnado da filosofia iluminista, passando a se caracterizar por uma formação laica e moderna em contraponto à formação clássica dos Jesuítas. Segundo relatam alguns autores, como Figueiredo (1995) e Junqueira (2002), a saída dos Jesuítas teve como resultado o fechamento de muitos colégios e **transparência quanto ao preparo dos professores pois eram** desprovidos de qualificações didáticas. Tal incapacidade dos professores observava-se em todos os segmentos educacionais, inclusive no religioso. Esse panorama permanece até a chegada da família real no Brasil, em 1808. Aí há incentivo à educação em todos os níveis. Criam-se bibliotecas, imprensa, teatros, escolas especializadas. Mas o ensino fica mais restrito à elite – ricos e clérigos – deixando sem atendimento as camadas mais pobres da população. Conforme

a literatura (FIGUEIREDO, 1995; GAARDER, 2000 e JUNQUEIRA, 2002) o Ensino Religioso, neste contexto, continua sendo Católico, passando pelo crivo da repressão e sendo exercido de forma catequética, em especial, nos aldeamentos, senzalas, capelas e escolas.

O governo imperial, estabelecido no Brasil, deu condições de estudos e acesso aos bens culturais da época à parte de seu povo – burguesia – que se beneficiou com esse incentivo. Esse segmento tinha interesse em ter conhecimentos em função de seus negócios. Com maior esclarecimento os negócios cresceram e fortaleceram a economia no Brasil. Diante desse crescimento econômico, o governo de Portugal exigiu que o Brasil enviasse mais riquezas para a matriz da colônia. O Brasil com suas riquezas e desenvolvimento passou a ser visto como uma ameaça à Portugal, visto que já estava adquirindo condições de tomar decisões e administrar seus próprios negócios. O temor de Portugal em relação ao Brasil se concretiza **quando o príncipe Dom Pedro, no exercício do** governo do Brasil, resolveu separar-se de Portugal (1822), para que o País decidisse **seus destinos** conforme seus próprios interesses. Esse ato consolidou o império brasileiro mesmo diante de muitos conflitos como o de não obter votos suficientes para a aprovação da Constituinte, o que vai ocorrer somente no ano de 1824.

Durante o Império a Constituição reforça a dependência da Igreja ao Estado. “Assim, o Regalismo é consolidado oficialmente no Brasil. Em consequência, a Igreja exerce também a função de instrumento político” (FIGUEIREDO, 1995, p. 40). Sendo assim, o imperador se investe da qualidade de soberano e padroeiro da Igreja do Brasil. E neste contexto, vai ocorrendo o Ensino Religioso nas escolas sob a influência da liderança política e religiosa.

Já no período republicano, as discussões sobre o Ensino Religioso continuam nas esferas políticas, educacionais e no processo da Assembléia Constituinte e na implementação da Primeira Constituição da República (1891). Nesse foco, recebem forte influência de juristas de renome, dentre eles, Rui Barbosa e Pedro Lessa. Esses juristas trabalharam **tirar o ensino religioso da pressão do regalismo e** para esclarecer o que é ensino leigo e também para que o Ensino Religioso fizesse parte da Constituição, mantendo a postura em defesa da liberdade religiosa, como direito do cidadão. Bem como esclarecia para que se entendesse que leigo não quer dizer ateu e sim:

reconhecer a existência de todos os credos, deixando-lhes aberto o campo da escola, em vez de fechá-lo hostilmente como acontece com a neutralidade. Deixa claro que o Estado por natureza é leigo, sem ser, portanto, laicista, no sentido ateu do termo: Demonstramos, à evidência, pela interpretação sistemática dos

parágrafos 3, 6 e 7 do art.72 da Constituição Federal, [...] o Estado pode e deve facultar às diversas confissões o respectivo ensino religioso nas escolas públicas, sem que, por esse fato, deixem as mesmas de ser leigas. Leigo não quer dizer contrário a todo e qualquer sentimento religioso; traduz, revés, simpatia igual, tolerância completa em face de todas as religiões, dentro, é claro, dos limites da ordem moral pública. [...] Estado Leigo é o que não tem religião oficial e não impõe, portanto, determinado ensino religioso em suas escolas. (FIGUEIREDO, 1995, p. 48)

tirei um parágrafo

Diante de tal declaração, o ensino nas escolas se efetiva com a proteção do Estado e a obrigatoriedade decorre “do disposto no apêndice das Constituições do Arcebispo da Bahia, em sua edição de 1853: a doutrina cristã é uma das partes principais, que entra na obrigação dos professores de primeiras letras”. Sendo assim, o ensino passa a ser considerado disciplina de responsabilidade do governo. Mas, a não clareza sobre as competências da escola e da comunidade de fé ou Igrejas era evidente, o que resultou em descuido e dever da educação religiosa. Sobrando mais para a escola do que para a Igreja catequizar seus alunos através de manuais de instrução - catecismo. Com isso fica evidente que as aulas de Ensino Religioso continuavam sendo catequese.

Continuando a olhar para acontecimentos do passado, no século XIX, em sua segunda metade, o interesse pelo aprendizado cristão se acentua pelo uso da Bíblia. No Colégio Pedro II, foi introduzida uma disciplina sobre as Sagradas Escrituras. Esse interesse veio pela influência dos imigrantes protestantes, que se instalaram nas províncias do sul do Brasil, o que possibilitou mais tarde a prática ecumênica nas escolas da região sul.

Historiadores nos apontam que, até a década de trinta do século XX, as escolas religiosas eram maioria em relação às públicas. O catolicismo predominava e se tornou religião oficial no Brasil. Isso resultou que o “ser católico” não era opção e, sim, uma exigência governamental. Levantando, assim, uma polêmica com respeito ao Ensino Religioso nas escolas, pois surgiram outras opções religiosas que eram tidas como perigosas e seus praticantes perseguidos. Pressupunha-se que cada povo e cada sociedade deveria ter uma só religião, o que facilitaria a relação social entre os componentes. Parece que já nesta época havia uma preocupação com o ensino diferente do habitual ou do que estava impregnado ou considerado sabido e certo. O desconforto que surgiu com novas idéias tirou os educadores de sua zona de conforto e forçou-os a buscarem novas maneiras de ensinar e novas maneiras de aprender.

Nesse contexto, aparece a influência da escola francesa, com a defesa da neutralidade no que se refere ao Ensino Religioso nas escolas. Em contrapartida, com o advento da República, surge também a influência americana, procurando salvaguardar o direito do cidadão. Essa questão passa a ser jurídica. Vem daí a influência dos juristas Rui Barbosa e Pedro Lessa, dando uma conotação para o Ensino Religioso com princípios jurídicos e educacionais.

Desponta, então, uma celeuma decorrente da interpretação do ensino na perspectiva da “neutralidade escolar, influência francesa, com ausência de qualquer tipo de Ensino Religioso na Escola” (FIGUEIREDO, 1995, p. 45), e o ensino leigo compreendido no regime republicano como sendo irreligioso, ateu, laicista, sem a presença de elementos oriundos das crenças dos cidadãos que freqüentam as escolas mantidas pelo sistema estatal. Pois até então, o Ensino Religioso era tido como elemento eclesial na escola, por interesse da Igreja Católica. Diante dessa celeuma é que os juristas acima citados defendem na Constituição os direitos dos cidadãos e a liberdade religiosa. “A educação religiosa é parte de um contingente escolar abrangente, um dos grandes bens culturais do povo, desde que assumida e efetivada como parte integrante de um sistema global de educação” (FIGUEIREDO, 1995, p. 45). Uma educação globalizada tem a função de articular as diferentes questões existentes na sociedade, ou seja, as sociais, políticas e religiosas, de uma forma contextualizada, o a exercer a sua liberdade de consciência.

No exercício da liberdade é que o jurista Mário Lima, membro da Academia Mineira de Letras, autor do estudo filosófico-jurídico-social, sob o título “A escola leiga e a liberdade de consciência”, em 1986-1988, trabalha em sua obra para esclarecer o que é “ensino leigo” e o que é “liberdade de consciência” baseado nos pareceres de Rui Barbosa e Pedro Lessa. As discussões prosseguem porque as religiões ainda pretendem que o Ensino seja confessional e fica difícil se adequarem às mudanças. (Tirei uma frase) A tendência das mudanças é promover transformações e foi assim que nas seis primeiras décadas do século XX verificaram-se grandes transformações sociais e educacionais, considerando o contexto histórico onde a indústria cresce e amplia o espaço urbano, exigindo uma nova estruturação social. O Ensino Religioso passa a ser de caráter obrigatório para a escola e facultativo para os alunos, segundo a opção dos pais, após o decreto de 30 de abril de 1931 e as Constituições de 1934, 1937, 1946. Cada cidadão tem liberdade de culto, desde que sua prática de fé não afete a ordem pública. Até hoje, na Constituição Brasileira, é assegurada a todos os cidadãos a liberdade de culto e fé. A lei 4024, de 1961, assegurou ao Ensino Religioso ser ministrado de

acordo com a crença do aluno e proferido por pessoas autorizadas pelas autoridades religiosas.

Ao ser implantado o Regime Republicano – 1890-1930 – o Ensino Religioso passou pelo viés dos ideais positivistas tendo como consequência muitos questionamentos que resultaram na separação entre Estado e Igreja, desvinculando o ensino da Igreja, sendo ministrado por leigos nos estabelecimentos estatais. **Perante a proclamação da laicidade do ensino nas escolas públicas, a Igreja Católica se manteve fiel a seus dogmas e continuou orientando o ensino religioso** pelos seus princípios de fé e vida, mesmo deixando de ser a religião oficial no Estado pela decisão da República.

O catolicismo só deixou de ser a religião oficial do Estado brasileiro no final do século XIX, quando a monarquia foi substituída pelo regime republicano, o qual abriu mão sem mais da religião oficial. A República Velha desferiu um golpe mortal no regime do padroado, ao separar juridicamente a Igreja Católica do Estado nacional. Este foi, desde então, declarado laico. Isto é, religiosamente neutro, religiosamente isento, religiosamente abstrato. (GAARDER, 2000 p.282)

No entanto, convém que se reflita sobre o desejo de ter um ensino religioso neutro, isento e abstrato. Esse não aconteceu visto que a influência da religiosidade católica, predominante na época, se fazia forte e a luta para que o ensino religioso continuasse a ser exercido na escola continuou sendo defendido pelos líderes religiosos e estatais. É impressionante ao olhar para a história **e perceber** como os líderes defendiam seus interesses enfrentando-se uns aos outros. **Visto que cada grupo tem sua cultura e nele defende os seus interesses e luta pelos seus ideais imprimindo seus significados.**

Relata-nos a história que no período de transição – 1930-1937 – através do decreto de 30 de abril de 1931, por causa da Reforma de Francisco Campos, o Ensino Religioso é admitido como facultativo. Em 1934, a Constituição assegura a facultatividade da matrícula no Ensino Religioso no artigo 153: “O ensino religioso será de matrícula facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais e responsáveis, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais” (FONAPER, 2001, p. 14.)

Todas as concepções de Ensino Religioso estão vinculadas a esse decreto. Partindo dele, as discussões e decisões, dentre as quais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em tramitação no Congresso, nesta época (1934). Os escolanovistas⁸ são contrários

⁸ Escolanovistas — defensores da Escola Nova.

ao Ensino Religioso, considerando o que é defendido pelo laicato e a gratuidade do ensino público. Mas a laicidade não é bem compreendida visto que até então o ensino vinha sendo eclesial.

O Estado Leigo – que por natureza não é religioso – continua a ser entendido como instância da neutralidade religiosa, ainda que numa democracia seja óbvio concebê-lo como instituição delegada pela sociedade, em ordem a administrar os seus bens, entre os quais a educação, mantida com o dinheiro dos impostos do povo (FIGUEIREDO, 1995, p. 49).

(**Tirei uma frase**) Com isso, surgem muitos protestos em relação ao que se pretendia com o ensino leigo. O Padre Leonel Franca, citado por Figueiredo (1995), destacou em seu tratado *Ensino Leigo e Ensino Religioso* a oportunidade dos pais poderem escolher para seus filhos se queriam o Ensino Leigo ou o Ensino **da Religião, conforme a confissão que professavam**. Pois, até então, o regime obrigava os pais a “submeterem-se ao que a escola oferecia – uma pedagogia agnóstica⁹ – regime de liberdade!” (FIGUEIREDO, 1995, p. 53). A questão da Escola Leiga não Religiosa é clareada sob o ponto de vista jurídico, sendo reconhecida não como um lugar de neutralidade religiosa, mas de abertura aos vários credos. Dessa forma, o Ensino Religioso passa a ser uma questão de liberdade de consciência.

Isso denota a necessidade de ver o aluno como um ser que tem diferenças e precisa que elas sejam respeitadas, bem como a necessidade de que o ensino seja mais significativo para cada um, com repercussões em suas vidas. Esses resultados podem aparecer no respeito pelo outro, nos valores sociais, culturais e religiosos.

No entanto, conforme os relatos históricos, as discussões continuam e as ideologias afloram. Em 1933, o pano de fundo para a celeuma na Assembléia Constituinte é a ideologia de duas correntes, os Pioneiros, educadores da Escola Nova, e os defensores do ensino mantido até então e liderado pelos católicos. A Escola Nova, desejando inovar, reestrutura a Educação para se adaptar ao sistema industrial do país. Defende uma escola única, que tem como finalidade oferecer mesma educação para todos. Já a laicidade, que tinha como objetivo ser neutra na religiosidade, acabou sendo transformada em instância de propaganda de seitas e doutrinas de confissões religiosas. (**Tirei uma frase**) (FIGUEIREDO, 1995, p. 51).

⁹ Agnóstico- que não acredita- descrente

Prestando atenção na legislação

Nessa mesma época, John Dewey, citado por Figueiredo (1995), apresenta uma nova proposta, em seu livro *A Fé Comum*, para o Ensino Religioso, defendendo que ele deveria ser pluri-religioso. Nesse sentido, expressa o desejo de que haja respeito às diferenças religiosas existentes na sala de aula. É no conhecimento das religiões, entre os estudantes de diferentes credos na escola, que há momentos de encontros e não de desencontros. É no interesse pelo outro que se aprende a conhecê-lo e a fazer a distinção entre religião e religiosidade. Nota-se que o ensino pluri-religioso já era sugerido e desejada sua efetividade desde 1933, mas só no final do século XX e início do século XXI ele é intensificado, e porque não dizer, concretizado, através dos programas que os Estados da Federação e os líderes religiosos construíram, baseados no PCNs do Ensino Religioso.

Em toda a parte histórica, encontramos pessoas, líderes religiosos e políticos preocupados com o ensino, e também, com o Ensino Religioso nas escolas. Destaco aqui Francisco Campos, citado por Figueiredo (1995), que promoveu uma reforma a qual fica conhecida com o seu nome: “Reforma Francisco Campos”, na qual o Ensino Religioso perde o seu caráter de obrigatoriedade, não sendo obrigatório nem para mestres e nem para alunos, permitindo a liberdade de escolha. Essa reforma é estabelecida como marco para as discussões que se seguem com respeito ao Ensino Religioso, desde a Carta de 1934 até a Lei Maior vigente e da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conforme relatos nos PCNs (FONAPER, 2001, p 15).

A história também nos relata que o contexto mundial muda com a Segunda Guerra Mundial – 1939 a 1945 –, e os conflitos ideológicos até então em discussão, incluindo o do Ensino Religioso, são amenizados, pois a atenção vai para a Guerra e suas conseqüências. (**Tirei uma frase**) **Isto afasta o foco do Ensino Religioso e vai para a mudança social de passa a ver o regime político em duas facções- capitalismo e comunismo.**

Nesse contexto, o Ensino Religioso continua sendo objeto de estudo e de inserções nas leis em todos os tempos, passando também pelas Constituições de 1946 e 1967, ora os líderes políticos votando para que seja laico o ensino, ora de responsabilidade do Estado, ora confessional, ora neutro, ora com formação pluralista dentro da liberdade religiosa. Passando por aprovações em Leis de Diretrizes e Bases como a 4.024, de 1961 e a 5692, de 1971. Nesse

contexto, as autoridades religiosas é que tinham a competência para indicar e credenciar seus professores.

Foi assim **por indicação das Igrejas Luteranas- IECLB¹⁰ e IELB¹¹** - que fui professora credenciada na 21ª DE (Delegacia de Ensino) na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Cada entidade que desejasse atender seus alunos, providenciaria o credenciamento dos seus professores. Na área de abrangência da 21ª DE, os professores passavam por uma formação continuada, promovida pela própria DE, com apoio do conselho regional para Ensino Religioso formado pelos pastores e padres da área de sua abrangência, visando capacitar melhor os professores que atuavam no Ensino Religioso. Esses cursos eram ministrados por professores mais experientes e líderes religiosos das entidades credenciadas junto à Secretaria de Educação do Estado, no caso Rio Grande do Sul.

Diante dessa situação, os alunos eram atendidos na medida em que havia disponibilidade de algum professor. Os alunos que ficavam sem atendimento eram encaminhados à biblioteca, e lá ficavam fazendo alguma atividade sem orientação apenas para cumprir o horário do Ensino Religioso. Para obtenção de nota, a fim de preencher a formalidade escolar, os representantes religiosos dos alunos forneciam algum tipo de avaliação de atos ou aulas nas suas respectivas entidades religiosas.

Olhando para a lei 5.692/71, verifica-se que ela repete o dispositivo de obrigatoriedade para a escola sobre o oferecimento do Ensino Religioso, para que os alunos pudessem optar por ele, mas a frequência era facultativa para o aluno. Os alunos viam o Ensino Religioso como uma maneira de a Igreja, **da qual o professor que ministrava aulas pertencia**, manipulá-los a fim de aderirem aos seus dogmas. No entanto, outros movimentos surgiram em contraposição ao dogmatismo, procurando adotar uma posição em que o Ensino Religioso assumisse sua dimensão pedagógica.

Fatos históricos nos relatam que o Ensino Religioso, nas instituições confessionais, facultava aos alunos, ao realizarem a matrícula, assinar um termo de concordância com os objetivos da escola. Isso permitia um ensino mais homogêneo e que favorecia o trabalho do professor. Tendo alunos com os mesmos interesses, facilitava o atendimento a eles. **Favorecia para** utilizar debates, textos e músicas, tornando as aulas mais participativas e prazerosas. Por outro lado, a necessidade de atender a todos os interesses religiosos, respeitando as

¹⁰ IECLB- Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

¹¹ IELB- Igreja Evangélica Luterana do Brasil

individualidades, tornava-se difícil, pois os professores não tinham preparo suficiente para atender a diversidade em sala de aula.

Diante dessa situação, grupos interconfessionais começaram a se organizar objetivando reunir os diferentes grupos religiosos para diálogo e estudos. Esses estudos visavam buscar ações no campo da solidariedade, concepções religiosas das famílias, orientações morais, evidenciando aspectos universais da religiosidade e das tradições religiosas. Sendo assim, o enfoque do Ensino Religioso passou a ser antropológico/bíblico bem como axiológico/existencial. Nessa perspectiva, surgiram encontros de professores para divulgarem e interagirem na busca de aprimoramento do Ensino Religioso nas escolas.

Pode-se notar que grupos como: ASSINTEC¹²-CIER¹³ em 1970, CIERES¹⁴ em 1975, IRPAMAT¹⁵ em 1978, ENER¹⁶ em 1974, CONINTER¹⁷ e o GRERE¹⁸ em diversos estados começaram a se organizar para definir e formalizar os conteúdos e a metodologia do Ensino Religioso nas escolas, bem como a autorização dos professores que deveriam ministrar as aulas. A preocupação desses grupos em manter o Ensino Religioso nas escolas e a capacitação dos professores para essa área levou, em 1995, à realização do FONAPER¹⁹ –, que hoje (2004) continua sendo apoio para a ação do Ensino Religioso nas escolas. E foi desse Fórum que surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso em 1996, os quais estão na pauta para serem aplicados nas escolas até a presente data.

Nessa perspectiva, o FONAPER defende o direito do cidadão ter Ensino Religioso inserido no currículo escolar, não apenas como parte dos temas transversais e, sim, como parte da formação do homem, trabalhando valores éticos, sociais, morais e religiosos, proporcionando-lhe ter uma visão humanitária, de respeito, que possa ajudar a construir uma sociedade mais justa. A inserção do Ensino Religioso como disciplina que produz conhecimento vem se agregar às áreas de estudo que formam para a cidadania.

Em 05 de novembro de 1996, o MEC recebe do FONAPER os PCNs do Ensino Religioso (JUNQUEIRA, 2002, p. 53), o qual sistematiza as tradições religiosas e o fenômeno

¹² ASSINTEC — Associação Interconfessional de Educação de Curitiba Paraná.

¹³ CIER — Conselho de Igrejas para Educação Religiosa — Santa Catarina 1970.

¹⁴ CIERES-1975— Conselho de Igrejas Educação Religiosa-Espírito Santo.

¹⁵ IRPAMAT — 1978 Instituto Regional de Pastoral Mato Grosso.

¹⁶ ENER — Encontro Nacional de Ensino Religioso.

¹⁷ CONINTER-1985 — Conselho Nacional Inter-religioso.

¹⁸ GRERE — Grupo de Reflexão do Ensino Religioso.

¹⁹ FONAPER — Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso.

religioso partindo das raízes orientais e africanas. Raízes orientais, porque todas as religiões partem do Judaísmo e do Islamismo, ambas com origem no patriarca Abraão (Gênesis 12.1-2), o qual teve dois filhos, Ismael e Isaque²⁰. O Islamismo tem origem em Ismael e o Judaísmo em Isaque. O “Cristianismo nasce dentro do Judaísmo e separa-se desse por divergências de entendimento de quem é Deus e a sua manifestação revelada” (GHELLER, 2000, p. 77). Esses movimentos partem do fenômeno religioso existente nos seres humanos que segundo Kuchenbecker (2000), é a “necessidade de relacionar-se com o Ser Superior, Eterno e o Divino” (p. 18). Não há povo, nem uma civilização por mais primitiva que seja que não tenha uma religião. Segundo entendimento amplamente compartilhado as religiões que chegaram ao Ocidente foram trazidas do Oriente. [O Brasil por ser um País que fez uso da escravidão recebeu junto como escravos, vindos especialmente da Áfricas, forte influência cultural e religiosa do continente africano.](#)

A religião surge da necessidade que o homem tem de se religar com Deus. Há diferentes formas de entender o mundo, o ser humano. “É a visão de Homem e mundo dos povos e culturas que definirá suas crenças, costumes e religiosidade” (KUCHENBECKER, 2000, p 18). Nessa perspectiva, a compreensão do fenômeno religioso pode ser analisada pela visão antropológica-natureza humana; religião como cultura; religião como ciência e religião como fé.

As tradições religiosas, com origens européias e orientais, foram [objeto de estudo e pesquisa e deram embasamento para que os PCNs do Ensino Religioso pudessem ser elaborados e aprovados a fim de serem aplicados nas escolas.](#) Os estudos que são referências para esse PCNs exigem do profissional da educação sensibilidade sem fazer proselitismo, mantendo o respeito a cada uma das práticas. O Ensino Religioso é um conhecimento disponível, por isso a escola não pode abster-se dele. No entanto, a escola não tem a função de propor adesão a nenhuma das religiões, somente proporcionar esclarecimento sobre elas, respondendo às questões dos alunos e buscando junto com eles soluções para os seus questionamentos fundamentados no desejo de saber mais sobre a transcendência. [Pois em cada sociedade há entendimentos variados sobre o que é religião e sua importância na vida das pessoas que a compõe. Portanto, não é trivial a seleção que privilegia o Ensino Religioso no conhecimento e sim é um ato de muita responsabilidade e que exige compromisso de quem ministra as aulas.](#)

²⁰ Isaque – Grafia adotada na Bíblia editada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

A partir de 1996, quando da aprovação da nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases na Educação – houve alterações na concepção sobre o processo de ensino-aprendizagem referentes aos dias letivos e horas mínimas de estudos. Todo aluno matriculado em escola pública precisa estar matriculado e obter o número de 800 horas de estudo. A disciplina de Ensino Religioso está incluída nesta concepção. Sendo assim, ela deixa de ser pressuposto teológico para se ter um pressuposto pedagógico. Assim como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, FONAPER e outros órgãos que defendem a inclusão do Ensino Religioso como disciplina, a ANPED²¹ foi um dos órgãos geradores de estudos que se posicionou contrária, insistindo que o ensino só pode ser laico e que o ensino democrático é o estatal e a sua manutenção na escola é considerada como o “Padroado” dos tempos antigos presente na modernidade, pois é visto como manutenção da Igreja junto ao Estado.

A organização do Ensino Religioso nos Estados

No entanto, Ensino Religioso tem suporte na Constituição, conforme o Artigo 210 da Constituição Federativa de 1988,

será oferecido pelo Estado a todo o educando da rede estatal, gratuitamente, na forma de ensino inter-religioso, de modo a não suscitar proselitismo ou privilegiar instituições religiosas no interior da escola. § 1º Os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino religioso serão norteadores da ação pedagógica desse ensino. §2º Os professores de ensino religioso serão do quadro próprio do magistério, devidamente habilitados. §3º As denominações religiosas poderão se reunir, constituindo-se em entidade própria, para supervisionar o cumprimento da lei, credenciar os profissionais de ensino religioso e participar da construção dos parâmetros de ensino. §4º A regulamentação desta lei far-se-á pelos órgãos componentes de cada Unidade da Federação, consideradas as realidades existentes. §5º Esta lei entra em vigor na data da publicação. (JUNQUEIRA, 2002, p. 58)

Conforme o texto acima, há a preocupação do governo de que o Ensino Religioso aconteça de forma inter-religiosa sem suscitar proselitismo e nem privilegiar alguma entidade religiosa. Nesse contexto, os Estados da Federação podem agir dentro de suas realidades educacionais optando pelo ensino inter-religioso ou confessional. Diante dessa liberdade de escolha relativa ao agir no Ensino Religioso, o Estado do Rio de Janeiro tem o ensino Confessional nas escolas onde o legislativo decretou e o executivo sancionou a seguinte Lei:

²¹ ANPED, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

Art. 1º - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina obrigatória dos horários normais das escolas públicas, na Educação Básica, sendo disponível na forma confessional de acordo com as preferências manifestadas pelos responsáveis ou pelos próprios alunos a partir de 16 anos, inclusive, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Rio de Janeiro, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Parágrafo único – No ato da matrícula, os pais, ou responsáveis pelos alunos deverão expressar, se desejarem, que seus filhos ou tutelados frequentem as aulas de Ensino Religioso. Lei n. 3.459, de 14 de setembro de 2000. (ROSAS, 2001, p.2)

Olhando para a lei acima descrita, fico a imaginar como esse Estado administra o atendimento aos alunos se tiver escolhas conforme seus credos e os quais deverão ser atendidos conforme cada um e pela preferência na hora da matrícula. Os professores são responsáveis pelas aulas obedecendo às leis que estabelecem e regulamentam as suas ações em sala de aula. E ainda, de acordo com a lei, os professores para serem aptos para atuar no Ensino Religioso devem preencher os seguintes requisitos:

Art. 2º - Só poderão ministrar aulas de Ensino Religioso nas escolas oficiais, professores que atendam às seguintes condições:

I – Que tenham registro no MEC, e de preferência que pertençam aos quadros do Magistério Público Estadual;

II – tenham sido credenciados pela autoridade religiosa competente, que deverá exigir do professor, formação religiosa obtida em Instituição por ela mantida ou reconhecida.

Art. 3º - Fica estabelecido que o conteúdo do ensino religioso é atribuição específica das diversas autoridades religiosas, cabendo ao Estado o dever de apoiá-lo integralmente.

Art. 4º - A carga horária mínima da disciplina de Ensino Religioso será estabelecida pelo Conselho Estadual de Educação, dentro das 800 (oitocentas) horas-aulas anuais.

Art. 5º - Fica autorizado o Poder Executivo a abrir concurso público específico para a disciplina de Ensino Religioso para suprir a carência de professores de Ensino Religioso para a regência de turmas na educação básica, especial, profissional e na reeducação, nas unidades escolares da Secretaria de Estado de Educação, de Ciência e Tecnologia e de Justiça, e demais órgãos a critério do Poder Executivo Estadual.

Parágrafo Único – A remuneração dos professores concursados obedecerá aos mesmos padrões remuneratórios de pessoal do quadro permanente do Magistério Público Estadual.

Art. 6º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (Lei nº 3.459, de 14 de setembro de 2000, Rosas, 2001, p.3)

Analisando esses artigos que orientam os professores, chama a atenção o parágrafo 5º que autoriza o Poder Executivo a abrir concurso público específico para a atuação no Ensino Religioso. Também a remuneração ocorre pelos mesmos padrões de outras áreas.

Assim como o Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e outros Estados têm o trabalho organizado conforme as suas realidades. Destaco:

Em 13 de novembro de 2001, foi aprovada no Estado da Bahia a lei nº 7.945, de teor semelhante – ensino religioso confessional e pluralista –, a partir do projeto de autoria do deputado estadual Vespasiano Santos, e fruto, igualmente, de uma batalha pela liberdade de educação para todos.

No Estado de São Paulo, a lei 10.783, baseada no projeto do deputado José Carlos Stangarlini e sancionada em 9 de março de 2001, difere das aprovadas no Rio e na Bahia. Nela se prevê que o ensino religioso confessional seja ministrado apenas fora da grade de disciplinas, e de maneira voluntária; mesmo o ensino religioso não-confessional tem carga horária reservada apenas da 5ª à 8ª séries. [...] A deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE-16), que regulamenta a lei, considera “habilitados para o exercício do magistério de ensino religioso” de 5ª a 8ª séries “os licenciados em História, Ciências Sociais ou Filosofia”, não incluindo aí os licenciados em Ciências da Religião e Teologia, aspecto falho evidenciado pelo cardeal (BORJA, 2001, p. 1)

Em Santa Catarina, o Ensino Religioso tem organizado proposta de trabalho junto às escolas bem como a capacitação de docentes que atuam nessa área em conjunto com a Secretaria de Educação (SED/SC) e o Conselho de Ensino Religioso (CONER/SC) bem como com as Instituições de Ensino Nível Superior (IES/SC). A proposta Curricular afirma que o

Ensino Religioso como disciplina integrante do currículo escolar, tem como compromisso o estudo do desejo da transcendência dos educandos, de suas comunidades e da sua história. [...] O fenômeno religioso, nesta perspectiva, é uma forma histórica que assume a capacidade de abertura ao Transcendente, inscrita na experiência de vida. [...] A releitura do fenômeno religioso, a partir do convívio social dos educandos, constitui objeto de estudo desta área do conhecimento, na diversidade cultural religiosa do Brasil, neste caso, em particular na realidade catarinense, sem priorizar uma ou outra expressão de religiosidade. Auxilia na compreensão das diferentes formas nas quais se expressa o Transcendente na superação da finitude humana e determinam, subjacentemente, o processo histórico da humanidade. (DIRETIZES 3, 2001, p. 41)

No dia 20 de julho de 1999, juntamente com representantes da Secretaria de Estado da Educação e do Desporto – SED, das universidades, professores e acadêmicos dos cursos de Ciências da Religião, o CONER aprovou sua definição para a elaboração de currículo do ensino religioso: "As Tradições Religiosas receberam a revelação de que o ser humano chega a sua plenitude na medida em que ele se reintegra a Deus, o Absoluto, o Pai Maior, a Mãe Terra, o Transcendente [...] As hipóteses científicas que vêm oferecendo várias explicações da gênese deste princípio não podem ser privilegiadas conforme o mais correto espírito científico. Em razão disto é imprescindível que o Ensino Religioso oportunize o conhecimento que as diversas Tradições Religiosas detêm do caminho de reintegração. (ROSAS, 2004, p.1)

O Rio Grande do Sul também tem uma equipe que atua diretamente no Ensino Religioso e sua oficialização vem desde 1935.

Em termos de legislação, o primeiro ato que oficializou o ERE (Ensino Religioso Escolar) no Estado foi a Constituição Estadual de 01/07/1935. O Decreto nº 4898 de 13/3/1954, tratou de sua implementação. O decreto declarou o ERE como “disciplina integrante do currículo dos cursos primário, normal e profissional” e estabeleceu, entre outras, as seguintes medidas:

- O registro das confissões na SE (Secretaria de Educação)
- A designação dos professores para o ERE a ser feita pela confissão.
- A opção livre dos alunos no momento da matrícula.
- A atribuição de competência ao Centro de Pesquisa e Orientação Educacional (CPOE) da SEC para “fixar” os padrões de aproveitamento e as diretrizes gerais de técnica pedagógica.
- A elaboração dos programas de ensino e a escolha dos livros e do material didático eram de competência das autoridades confessionais. Ainda era basicamente católica. (Documento – GTERI²², 1996, p. 6)

O Estado do Rio Grande do Sul, em seu histórico referente ao Ensino Religioso, a partir da Lei 5692/71, começa a ter uma participação ecumênica no plano de “Reestruturação da Educação Religiosa nas Escolas Oficiais do Sistema Estadual de Ensino”. O projeto recebeu o apoio e parecer favorável do Conselho Estadual de Educação e da Supervisão Técnica, oficialmente através do parecer nº 114/72. Essa equipe tem analisado a situação do Ensino Religioso Escolar Interconfessional e fundamenta

seu trabalho nos mesmos princípios da Base Constitutiva do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), a qual afirma: “... o amor a Deus, a confissão de fé comum e o compromisso com a missão impulsiona as igrejas – membros a uma comunhão cristã mais profunda e a um testemunho do Evangelho no Brasil, no exercício do amor e serviço ao povo. Respeitadas as concepções eclesiológicas, as igrejas – membros se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua Igreja, na certeza de sua atuação do mesmo Cristo e do seu acima mencionados em relação à concretização do ensino religioso nas escolas verificamos que há liberdade na matrícula e pode ser confessional ou Interconfessional. (Documento GTERI, 1996, p. 8)

As diretrizes estaduais estão vinculadas à Constituição Federal e em consonância a ela estabelecem seus propósitos e projetos.

Art.33. O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das Escolas Públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I – Confessional, de acordo com opção religiosa do aluno ou de seu responsável, ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II – Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas que responsabilizar-se-ão pela elaboração do respectivo programa. Ministério da Educação e Desporto, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – Lei nº 9.394/96, 1997. (JUNQUEIRA, 2002, p. 53)

²² GTERI- Grupo de Trabalho do Ensino Religioso Escolar Interconfessional.

Segundo a proposta acima descrita, os professores de Ensino Religioso não seriam remunerados pela função, mas seria uma prestação de serviço voluntário, sem ônus para os cofres públicos. No entanto, na prática, o professor que ministra o Ensino Religioso nas escolas, faz parte dela, por estar credenciado em outra disciplina e aproveita o número de horas para atuar na área de religião a fim de fechar sua carga horária. Isso pode acarretar um outro problema, tendo em vista que há professores que não têm a capacitação suficiente para atuar nessa área. Pois, há que se ter habilidade e competência para entender os alunos em sua confessionalidade dentro de uma interconfessionalidade.

Nesse contexto, o Ensino Religioso pode ser ministrado tanto de maneira Confessional, como Interconfessional, ou ainda, de modo Fenomenológico. Na forma Confessional, o professor é credenciado pela entidade religiosa a qual pertence e tem capacidade para tal. Trabalhar na maneira Interconfessional exige uma preparação mais profunda porque é necessário um conhecimento mais acentuado de outras religiões e como interligá-las, incentivando os alunos à compreensão das diferenças e ao respeito a elas com uma postura ética.

Ainda é possível trabalhar o Ensino Religioso de modo Fenomenológico. Nessa forma, a abordagem é antropológica, quando se observam as manifestações religiosas de forma cultural, possibilitando estudo das diferentes religiões e suas histórias sem fazer proselitismo. Essa modalidade também requer uma capacitação maior do professor. Há que se ter cuidado ao trabalhar com os alunos não permitindo que façam desse espaço uma guerra de interesses religiosos, cada um defendendo o que acredita. Mas, que se possa ensinar a que busquem conhecer as crenças dos outros com respeito, dignidade é ética.

Na opinião de Rosas (2004), professor no Rio de Janeiro, o Ensino Religioso Confessional é excludente:

Acredito que inserir o Ensino Religioso Confessional nas Escolas da Rede Pública seja um erro gravíssimo, além de ser um retrocesso histórico da laicização do Estado, bem como o cerceamento de expressão da liberdade religiosa de outras religiões minoritárias, que serão marginalizadas por uma lei excludente e discriminatória. (ROSAS, 2004, p.2)

As leis, por serem amplas e darem autoridade aos Estados a agirem dentro de suas realidades, estão regularizando a ação do Ensino Religioso conforme os interesses dos grupos a que pertencem e suas vivências através dos Conselhos Estaduais de Educação. Esses Conselhos orientam para que se inclua no Planejamento Político Pedagógico de cada unidade

escolar o Ensino Religioso, conforme a Lei orienta, bem como seus conteúdos e a sua aplicação nas aulas.

Segundo Rosas (2004), há de se considerar a formação religiosa do povo brasileiro ao elaborarmos um Planejamento Político Pedagógico incluindo o Ensino Religioso.

O ensino religioso nas escolas segundo a lei federal nº 9394 e a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, não é definido se é ou não cristão, e por isso mesmo precisamos abranger o maior número possível de expressões religiosas em nossa sociedade, para garantir o direito de livre expressão de culto, sob o risco de ignorarmos tais manifestações culturais e tomarmos este dispositivo de lei como proselitismo e intolerância religiosa, o que contraria o espírito da própria lei. Reduzir o Ensino Religioso às próprias convicções religiosas, à historicidade cultural ou familiar é crime de discriminação religiosa. (ROSAS, 2004, p 3)

Mesmo que a lei ampare o Ensino Religioso nas escolas, a sua concretização passa por uma série de fatores, como a elaboração do currículo e o preparo do professor que vai atuar junto aos alunos. Há necessidade de se ter clareza nos objetivos, conteúdos e estratégias para que aconteça aprendizado significativo na vida dos alunos. As aulas não podem ser de catequese, isto os alunos têm em suas bases religiosas de acordo com o credo que confessam.

Os desafios continuam

Nessa concepção, a organização do currículo e sua articulação precisam ter como objetivo o ensino-aprendizagem, inseridos num contexto social onde as mudanças acontecem de forma veloz. Deve-se à presença da mídia, em especial ao uso da Internet sabermos em fração de segundos os acontecimentos do outro lado do mundo. Os fatos que são história também influenciam no atuar em sala de aula e na aprendizagem, daí a importância de se estar ligado aos acontecimentos que ocorreram ou estão ocorrendo no mundo, no País, na cidade, na vila onde os alunos vivem. Os alunos sabem sobre clonagem, catástrofes e movimentos multiculturais, comunidade européia, Mercosul. Esses assuntos precisam ser conectados com os conteúdos que foram programados para as aulas. Isso requer uma conscientização da matriz sócio – político – cultural – religiosa frente a uma sociedade que é diferenciada dentro do pluralismo cultural num constante desafio.

Esses desafios continuam impulsionando as discussões quanto ao Ensino Religioso e à capacitação do professor que atua nessa área. Nessa perspectiva, a CNBB – Conferência Nacional de Bispos no Brasil – vem colaborando significativamente organizando periódicos,

como as Revistas *Diálogo* e *Catequese* que chegam a grande número de professores com temas especialmente ligados ao Ensino Religioso, Ética e Educação, Direitos Humanos, Violência, Convivência Humana, Educar para o Ecumenismo e outros, conforme a demanda. Existem outras revistas que se preocupam com o assunto religião e a capacitação docente. Dentre elas, destaco *Novamérica*, ou *Nueva America*, publicação bilíngüe português/espanhol, que em números especiais tem discutido sobre o fenômeno religioso, bem como o fundamentalismo e o pluralismo religioso. Assuntos bem presentes no cotidiano dos alunos e na sociedade atual.

Com a mesma preocupação da CNBB, o FONAPER, reunido em Santa Catarina, em 1995, com representantes de 18 estados brasileiros propôs um “espaço para discussão e articulação de caráter pedagógico e não eclesial”. Para que esse passo ficasse documentado elaboraram uma “Carta de Intenções” (JUNQUEIRA, 2002, p. 48). Nessa carta foram definidos princípios norteadores para este trabalho, dentre os quais: o Ensino Religioso deve respeitar as diferentes denominações religiosas, as opções religiosas e culturais; elaborar os conteúdos de forma programática; expressar a ética na vivência; capacitar os profissionais para o Ensino Religioso. Tudo de acordo com três objetivos: garantir a presença no Ensino Religioso; publicar os PCNs do Ensino Religioso, e capacitar os professores. Várias articulações, através de comissões, como FONAPER, CNBB, ligadas ao Ensino Religioso, aconteceram para que tivesse o respaldo da lei, visando formar o ser humano de maneira integrada. O FONAPER cumpriu e está cumprindo com sua função de divulgar os PCNs do Ensino Religioso.

Conforme a LDB, artigo 210, as denominações religiosas²³ devem se reunir constituindo-se em entidade própria para supervisionar o cumprimento da Lei, credenciar os profissionais do Ensino Religioso e participar na construção dos parâmetros desse ensino. As entidades têm se envolvido na construção do currículo de Ensino Religioso, nos diversos segmentos educacionais nos estados. Os Estados de São Paulo, Bahia, Santa Catarina²⁴ e outros têm publicado o trabalho realizado por grupos interconfessionais desde a Educação Infantil ao Fundamental, séries iniciais e finais.

O material de Ensino Religioso do Estado de Santa Catarina está publicado e orienta professores e escolas para um trabalho mais efetivo e competente.

²³ Denominações é o termo empregado na própria Constituição da República Federativa e os Parâmetros Curriculares, (JUNQUEIRA, 2002, p. 58) e FONAPER e no meio religioso para se referir às diferentes religiões.

A proposta Curricular do Estado de Santa Catarina afirma que “ O Ensino Religioso como disciplina integrante do currículo escolar, tem como compromisso o estudo do desejo da transcendência dos educandos, das suas comunidades e da sua história. (...) O fenômeno religioso, nesta perspectiva, é uma forma histórica que assume a capacidade de abertura ao Transcendente, inscrita na experiência da vida” (DIRETRIZES 3, 2001, p. 39).

Nessa perspectiva, a equipe educacional de Santa Catarina também vê o Ensino Religioso como parte integrante de todas as culturas, e, para tanto, como um item fundamental na construção do conhecimento, favorecendo a educação do humano em relação ao outro, ao cosmos, ao Transcendente e a si mesmo. O Conselho Estadual desse Estado também incentiva a que se faça uma releitura do Fenômeno Religioso a partir do convívio social dos educandos, constituindo como objeto de estudo frente à diversidade cultural e religiosa do Brasil, sem contudo dar prioridade a alguma das religiões, mas procurando vê-las como um conjunto cultural e que faz parte da história de seu povo.

Nesse sentido, o segmento escolar tem um norte apresentado em um mapa conceitual, onde o Ensino Religioso é focado como Fenômeno Religioso e desmembrado em duas linhas de estudo: Culturas e Tradições Religiosas. Essas duas linhas entrecruzam-se em cinco enfoques centrais: O ser humano; Conhecimento Revelado; Conhecimento Elaborado; Diversidades das Práticas; Caminhos de Reintegração. Todas essas ênfases aparecem subdivididas em temas procurando oportunizar ao aluno fazer uma relação entre o conhecimento cultural e a sua razão de viver.

Ser humano – alteridade, valores e limites éticos, morais.

Conhecimento Revelado – Formas de revelação, Autoridade da Revelação e Sentido da vida.

Conhecimento Elaborado – Idéia do Transcendente, Estruturas Religiosas, Ideologias Religiosas, Divindades, Determinações das Tradições Religiosas, Verdades de Fé.

Diversidade das Práticas – Rituais, Símbolos. Espiritualidades.

Caminhos de Reintegração – Narrativas Sagradas, Contexto Cultural/ Hermenêutica, Textos Sagrados orais e escritos. (DIRETRIZES 3, 2001, p. 42)

Todos esses temas trabalhados deverão culminar em um conhecimento que leve à maturidade e ao respeito. Nesse sentido, espera-se que aconteça o conhecimento do conjunto de princípios de cada Tradição Religiosa, respeitando a alteridade e a fundamentação dos limites éticos/morais de cada grupo religioso.

²⁴ Coleção Educação Religiosa Ecumênica - Conselho das Igrejas para a Educação Religiosa (1996).

Assim como Santa Catarina e São Paulo, o Rio Grande do Sul também tem se preocupado e trabalhado para atender aos dispositivos das leis Federais. Sendo assim, a GTERI – Grupo de Trabalho do Ensino Religioso Escolar Interconfessional, formado por representantes das entidades religiosas²⁵ filiadas ao Conselho Estadual de Educação, dando-lhes credenciamento para ministrar aulas de Ensino Religioso. A GTERI fundamenta o seu trabalho nos mesmos princípios da Base Constitutiva do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC. Sendo assim, a base de seus estudos interconfessionais está ligada a uma unidade cristã, baseada no amor a Deus, tendo em Cristo unidade comum de todos os cristãos. O Ensino Religioso Interconfessional não é uma informação neutra, mas deseja uma atitude de respeito e confiança mútua, devendo estar atento ao diálogo com outras igrejas cristãs não credenciadas, assim como com outros movimentos religiosos e com outras religiões, desenvolvendo uma relação de trocas de saberes.

Nessa perspectiva, espera-se que a formação dos professores seja **de acordo com o que sugere os PCNs** a fim de poder atender aos interesses dos alunos. O professor capacitado deverá ter um olhar diferenciado para a concepção religiosa dos seus alunos. Sendo assim, fará um trabalho diferenciado, envolvendo seus alunos em pesquisas e debates. Incentivando-os a conhecer e respeitar a crença do outro. As **pessoas buscam na religião** respostas a muitos questionamentos e indagações que afetam muitos seres humanos: sofrimento, ignorância e injustiça. Tendo como referências essas indagações do ser humano, suas necessidades em um contexto de diversos interesses e vivendo uma flexibilização em várias direções, sendo imbricados em um contexto híbrido de religiões, é que os PCNs vêm orientar o Ensino Religioso nas escolas, em cada Estado da Federação. A orientação sobre a seleção dos conteúdos segue os seguintes eixos: Culturas e Religiões; Escritura Sagrada; Teologias; Ritos e Ethos. Esses eixos temáticos são desenvolvidos em sub-temas e inseridos no Projeto Político Pedagógica da Escola. A intenção deste trabalho é que “os educandos vão construindo, por exemplo, o significado dos símbolos religiosos a partir de conhecimentos já existentes e da percepção da importância da diferença do seu significado nas várias tradições religiosas” (FONAPER, 2001, p. 40).

O FONAPER também se recomenda promover uma educação religiosa sem proselitismo nas escolas públicas e particulares. Nesse sentido, o educador deve ser um

²⁵ As denominações a seguir são as entidades que são filiadas ao Conselho Estadual de Educação: IECLB, Igreja de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista, Igreja Episcopal, Igreja Católica Romana, IELB - Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Evangélica Congregacional do Brasil e Igreja Adventista do Sétimo Dia.

constante pesquisador em todas as áreas do conhecimento e também para a religião. Ele precisa conhecer as mais diferentes áreas e, nesse caso, a religião e o ensino religioso, para não se perder no meio da avalanche de idéias e informações que **se recebe a cada dia**. Diante das mais diversas situações publicadas pelos meios de comunicação, especialmente, a mídia. Selecionar as informações, assimilá-las e transformá-las em conhecimento **para si a fim de poder** ajudar os alunos para que despertem em sua religiosidade e tenham respeito pelas múltiplas religiões existentes em sala de aula e na convivência diária com as pessoas de suas relações é a tarefa a ser realizada.

Os seres humanos buscam uma religiosidade, procuram pelo sagrado e se inspiram em coisas, seres, objetos que lhes dêem segurança e respostas às suas indagações. Eles querem mediações que os liguem com o transcendente de alguma forma, seja abstrata ou concreta. Mas, em especial, o ser humano é imediatista, ele deseja que suas necessidades sejam atendidas logo, por isso um dos sucessos de entidades religiosas está em oferecer solução para todos os tipos de problemas, são religiões que trabalham com a teologia da prosperidade. Basta ligarmos a Televisão, nas madrugadas ou aos domingos pela manhã, em um canal que tenha esses programas, e presenciamos ali apelos e também testemunhos de pessoas que obtiveram sucesso em sua vida familiar e nos seus negócios. Há outros programas de igrejas mais tradicionais que também oferecem soluções para as necessidades do ser humano, dentre elas o perdão para as suas falhas e erros. Assim como os exemplos citados há outros, e vem daí um dos estímulos para fazer uma discussão sobre a religião no mundo contemporâneo.

CAPÍTULO 2

RELIGIÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

UMA DISCUSSÃO

O papel da religião na vida das pessoas

Para que se possa discutir o tema – religião no mundo contemporâneo – é necessário olhar para o panorama mundial onde há religiões que lutam umas contra as outras, o que já se tornou questão política. Sendo assim, nota-se que a religião tem um papel muito importante no mundo. Segundo Gaarder (2000):

Um rápido olhar para o mundo ao redor mostra que a religião desempenha um papel bastante significativo na vida social e política de todas as partes do globo. Ouvimos falar de católicos e protestantes em conflitos na Irlanda do Norte, cristãos contra muçulmanos nos Balcãs, atrito entre muçulmanos e hinduístas na Índia, guerra entre hinduístas e budistas no Sri Lanka. Nos Estados Unidos e no Japão há seitas religiosas extremistas que já praticaram atos de terrorismo. Ao mesmo tempo, representantes de diversas religiões promovem ajuda humanitária aos pobres destituídos do Terceiro Mundo. É difícil adquirir uma compreensão adequada da política internacional sem que se esteja consciente do fator religião. (GAARDER, 2000, p. 14).

Algumas religiões, ou líderes de movimentos religiosos, quando entram em conflito, deixam transparecer que seus interesses são muito mais políticos e pessoais do que relacionados ao bem estar das pessoas que fazem parte de sua religião. As implicações que esses conflitos trazem geram intrigas e inimizades. Ao mesmo tempo parece que há grupos religiosos envolvidos com ações humanitárias, praticando ajuda aos mais pobres, em uma demonstração de amor ao próximo.

Para se compreender o fenômeno religião, torna-se necessário ir em busca da definição do termo. Recorri, primeiramente, ao dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988) que define religião como: “Crença na existência de força ou forças sobrenaturais. Manifestação de tal crença pela doutrina e ritual próprios. Devoção” (p. 437). A Enciclopédia Colorama define o termo como “crença em uma ordem sagrada transcendente que trata dos elementos inexplicáveis ou imprevisíveis da experiência humana. Tensão interior que se manifesta em ritos, nos quais um indivíduo ou toda uma comunidade estabelece a relação com um Ser ou uma ordem” (p.1896). Historiadores definem o termo religião a partir da sua etimologia de

origem latina. Cícero a define como – re-legere, que significa reler; Lactâncio como re-ligare, que significa religar e o próprio Agostinho como re-eligere que significa reeleger (KUCHENBECKER, 2000, p. 18).

Todas essas palavras dão a idéia de voltar a situação anterior, ou seja, ligar novamente a criatura com o Criador. É nessa tentativa de se religar com o Ser Superior, através de um conjunto de crenças, normas, ritos e costumes, que dão origem às diversas religiões e ao fenômeno religioso” (KUCHENBECKER, 2000, 18).

Nesse sentido, o cristianismo afirma que o religar está relacionado com os primeiros homens que se afastaram de Deus e, portanto, precisam de uma religação para voltar a ter um bom relacionamento com seu Criador. É na religião que o ser humano busca o encontro com o transcendente. Portanto, cada religião ensina a seus adeptos, à sua maneira, esse religar-se com o ser superior, em suas diferentes crenças e ideologias.

Dei continuidade a esta contextualização do assunto *religião*, investigando, na literatura a que tive acesso, como alguns autores definem religião, pois a partir disso eu poderia me dedicar à abordagem do tema em/com grupos integrantes de diferentes contextos educativos. Burns (1995), por exemplo, define o termo dizendo: “religião é um fenômeno mundial, até mesmo nos países onde a proclamação da ausência de religião torna-se uma religião em si” (p. 63). Essa autora ainda diz que “a religião não é somente uma teologia ou um relacionamento de obediência ao Criador, mas também uma resposta emotiva, a qual é expressa com ritos, cerimônias, orações, sacrifícios e leis (p. 64), [e que] religião é parte integrante de todos os povos, e um estudo dos povos sem incluir suas crenças religiosas, seria incompleto e de pouco valor” (p. 68). Kuchenbecker (2000), por sua vez, define religião como sendo “a forma concreta, visível e social de relacionamento da pessoa humana com Deus. Distingue-se a religião interna e externa da pessoa expressando-se através de crenças e práticas pessoais e coletivas” (p. 294). Conforme esse mesmo autor, na consideração que se faz sobre a estrutura da religião, detecta-se que mitos, ritos, doutrinas e artigos de fé, moral, meditação, oração são variáveis nos diferentes grupos religiosos. A vida, no sentido da universalidade, continua permitindo que a religião também evoque as raízes de uma individualidade em cada pessoa.

No transcorrer dos tempos, muitas pessoas já tentaram definir o que é religião. Hoje se encontram pessoas que a expressam como um sentimento, como uma relação entre o homem e o poder sobre-humano e as que pensam que religião é a convicção de que existe poder

transcendental. Vê-se, portanto, que os seres humanos estão em busca de uma definição para as suas vivências. Cada grupo de pertença em nível de religião quer crer que a sua é a verdadeira e que lhe satisfaz, por isso, quer buscar mais adeptos para a sua prática religiosa. Cada um quer ter razão. Vem daí certos conflitos, como os que se apresentam na Irlanda do Norte, entre católicos e protestantes, entre hinduísmo e budismo na Sri Lanka. E ainda encontram-se os que fazem uma guerra fria através de proselitismo indiscreto. Ou os que através dos meios de comunicação fazem apelos extraordinários e emocionantes para convencer as pessoas a seguirem seus ritos de fé. Cada um procurando defender os seus interesses, sejam eles ligados ao legalismo ou ao evangelismo.

Há religiões que **tem poder regulador para ir além das questões de fé mas também nas questões comportamentais diante da sociedade. Para eles isto é estar** debaixo da lei **que rege a religião deles e seus adeptos precisam seguir como as leis** estabelecidos. **O seguir ou deixar de seguir implica em sanções. Caso alguém faça algo contrário que a lei manda** está sujeito até a ser expulso de sua religião. Em oposição a religiões legalistas estão as que estão debaixo do evangelho, do amor e da compaixão de Deus pelos seus filhos. Essas pregam que apesar do ser humano ser falho e não conseguir cumprir as leis, eles têm o perdão e a graça de Deus estendida a eles, através da obra redentora de Jesus que cumpriu toda a lei em lugar do pecador e todo o que busca esse perdão tem proveito dele e se liga novamente a Deus.

Diversidades ideológicas

Autores como Mariz (2002), Casaldáliga (2002), Teixeira (2003), Stefano (2004) salientam que a presença da religião na vida dos seres humanos, com suas diversidades ideológicas de crenças, é um fator marcante. Diante do pluralismo religioso, há uma busca de um entendimento entre as religiões, ou mais precisamente entre os componentes dessas, para que se tenha um caminho em direção que os conduza ao diálogo e à boa convivência. As religiões, **bem como as famílias**, têm sido a estrutura temporal, que assegura os laços comunitários e as relações tradicionais em termos de solidariedade, visto que elas, em geral, incentivam seus congregados a viverem sob suas regras e seus ensinamentos..

Tendo em vista que a humanidade é formada por diferentes tipos de pessoas, culturas, raças e crenças, e que tem vivido situações das mais diversas em todos os tempos, tais como perseguições, intolerância e fanatismos, é natural que surjam as divergências e a luta por convicções e ideais. Essas atitudes levam as pessoas a não refletirem sobre as conseqüências

de atos impensados que envolvem outros seres humanos, como acontece com os terroristas e os homens bombas. Crêem que com seus atos assassinos estão servindo a Deus e, ainda, praticando um ato de heroísmo. O ataque terrorista às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, foi divulgado pela mídia internacional como um ataque terrorista liderado por fundamentalistas. Carranza (2002) é de opinião que a atribuição da responsabilidade desse ato aos fundamentalistas islâmicos, ocorreu sem pleno conhecimento de causa.

O fundamentalismo é um termo polissêmico, construído historicamente e responde a diversas realidades sócio-culturais e geograficamente contextualizadas. No entanto, nos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, nos EUA, o termo foi utilizado de maneira irresponsável pela mídia, ao associar fundamentalismo islâmico à violência, a terrorismo e à guerra santa, homogenizando realidades culturais e religiosas diversas. [...] as pessoas não aceitam, por princípio, aquilo que seja diferente daquilo que elas compreendem como componente insubstituível ligado às origens. Nesse sentido o fundamentalismo está mais relacionado a correntes de pensamento tradicionalistas e conservadoras, nas quais seus membros são invariavelmente reativos e reacionários. (CARRANZA, 2002, p. 50).

Há fundamentalismo tanto no campo secular como no religioso. Na esfera secular, conforme Carranza (2002), ele se manifesta em três campos: científico, político e cultural. No campo científico, tem como fonte uma “confiança cega na ciência, na técnica e na razão” (p. 50). Já no campo político, é identificado com certas formas de totalitarismo, uma única ideologia que considera legítimo manter um governo ou fazer uma guerra. No campo cultural, destaca-se a “imposição da identidade cultural de um grupo sobre os outros grupos ou sobre indivíduos, compreendendo-se por identidade a fonte que dá significado às experiências de um povo” (p. 50).

Os valores sociais são inseridos pelos fundamentalistas no grupo ao qual pertencem de forma a que fiquem enraizados na sua estrutura e na sua identidade. Para isso, eles se valem da força física e do proselitismo. Quando usam a força, que pode ser física ou simbólica, chegam até ao extermínio de pessoas, como no caso dos homens bomba e dos neo-nazistas na Europa. A simbólica se refere também à eliminação de símbolos culturais. Ela age sutilmente e vai mudando a identidade do grupo. No contexto religioso, o fundamentalismo perpassa os princípios universais do bem e do mal, a ética e a fonte única de interpretação de um livro sagrado. Caracteriza-se também pelo autoritarismo – impõe domínio, não dialoga e sempre tem convicções firmes e age por causa delas – não se importando se vai criar conflitos ou não. As convicções de um é que precisam prevalecer (MARTIN, 2002).

Segundo Carranza (2002), no caso das religiões afro-brasileiras, elas são basicamente rituais, não têm livro sagrado, são aéticas e não contêm como princípios universais a distinção entre o bem e o mal. Elas “são fundamentalmente de troca e manipulação do sagrado. Nelas a festa, a dança e a comida cumprem o papel de conectar o seguidor com a divindade (orixá). Elas não exigem, para si e nem para o grupo, fidelidade de pertença e proselitismo” (CARRANZA, 2002, p. 51). Dizem os dois autores acima citados, que para ser fundamentalista é necessário ter elementos fundadores, como um livro sagrado, dogmas e princípios universais do bem e do mal. Um elemento alternativo ao fundamentalismo, segundo Martin (2002), é o espaço para o diálogo intercultural que abre espaço ao pluralismo religioso. O diálogo é uma das formas mais fortes de transformar o olhar e a perspectiva de viver e criar novos relacionamentos de convivência social.

Na Revista *Novamerica* (2002), além de abordar o fundamentalismo, os autores Martin (2002), Fischmann (2002) e Mariz (2002) debatem, também, a importância do diálogo inter-religioso. Esse, por sua vez, tem a finalidade de incentivar os integrantes das religiões, tanto no Brasil como na **América Latina, a encontrarem** pontos comuns em suas manifestações de fé, para que possam viver pela justiça, pela solidariedade e pela paz. Para entender o sentido da religião na vida das pessoas é necessário compreender o comportamento humano e a sua religiosidade diante de um panorama multireligioso, para isso, observemos o que Gaarder (2000) nos diz:

O respeito pela vida religiosa dos outros, por suas opiniões e seus pontos de vista, é um pré-requisito para a coexistência humana. Isto não significa que devemos aceitar tudo como igualmente correto, mas que cada um tem o direito de ser respeitado em seus pontos de vista, desde que estes não violem os direitos humanos básicos (p. 15).

O respeito pela vida religiosa do outro é fator preponderante na existência do relacionamento entre as pessoas. O ser humano é considerado, por Dewey, como “um ser irreligioso ou religioso” (FIGUEIREDO, 1995, p. 55). Irreligioso é aquele que se abstém da prática da religião e da religiosidade. Religioso é aquele que, “ajudado pela imaginação, sai de si, eleva-se a altos ideais e entra em comunhão com o mundo inteiro” (FIGUEIREDO 1995, p. 55). Esse ato é um ato de socialização. O homem nasceu para viver socializado. Ele não consegue sobreviver sozinho, ele depende da ajuda do outro.

Segundo Frass (1997), a socialização parte da relação do indivíduo com a sociedade. “Desde o nascimento, a criança participa ativamente do modelo de vida, do mundo vital de

seu grupo de referência, através de uma constante interação, através de expectativa recíproca de papéis, através de imitação e identificação, por meio de reforço” (p. 66). E também por estímulo, já que o adulto estimula o infante a aprender a falar, a andar e a conhecer o ambiente onde se desenvolverá como ser humano.

A inserção do indivíduo na sociedade permite que ele construa sua identidade conforme as influências da cultura do grupo na qual está inserido. A socialização religiosa encontra reforço também em fatores ancorados nos processos de aprendizagem social. Nessa aprendizagem social, inclui-se a socialização religiosa na infância, conforme o relato de Frass (1997), “era em grande parte rígida e imutável, de modo que teria influência negativa sobre o desenvolvimento” (p. 66). Esse fator foi considerado, por ele, como sendo uma integração compulsória no mundo vital de suas pessoas de referência e que projetam a sua própria história de vida sobre as crianças, incluindo aí a formação religiosa. Antes da era moderna, a vida social estava vinculada de formas diferentes ao processo de filiação religiosa. **Todos os membros da família iam ao mesmo lugar e nas mesmas programações das igrejas a que pertenciam e realizavam programas sociais em conjunto. Contudo, conforme Frass (1997),**

Já na era moderna, em vista do decréscimo da importância da igreja ou da interpretação religiosa da existência na vida social, surge uma oferta pluralista de sistema de sentido e, com isso, a privatização de idéias e vínculos religiosos. Isso acarreta uma diferenciação do processo de socialização e de sua interpretação. Em sentido restrito, a socialização religiosa é interpretada atualmente como aceitação das formas de pensamento e de vida vigentes em determinado grupo religioso, não em termos de fé, mas o que significa religião para o ser humano (p. 66).

Hoje, com a ampla gama de programações oferecidas pela sociedade consumista na qual vivemos, olhando para as igrejas podemos notar que a estrutura familiar não é mais a mesma e que as famílias não vão sempre juntas aos mesmos lugares. O interesse dos jovens não é mais o mesmo que o de seus pais ou do grupo que o circunda. Cada ser humano constrói sua história de vida a partir das histórias vivenciadas com outras pessoas porque a

humanidade, no percurso evolucionar, passou por vários tipos de organização social. [...] O sistema hierárquico, adorador da deusa razão, acaba criando e incentivando conflitos, exclusões e, conseqüentemente, intolerâncias. Dessa forma é preciso encontrar um novo sistema, mais alinhado com os chamados evolutivos da humanidade, que seria o sistema sinárquico. O novo e futuro sistema sinárquico tem como princípios fundamentais as idéias de unidade com respeito à diversidade, o desenvolvimento da cultura pela paz e não pela violência, a inclusão na ética dos relacionamentos culturais, religiosos, políticos, científicos, e pessoais, a interconexão sistêmica de todas as áreas do conhecimento, a promoção de ações locais com uma visão planetária – pensar global e agir local – o respeito pelos valores humanos na busca do Sagrado que está imanente, guardado na essência

mais íntima do ser, para atingir o Transcendente, presente nas principais tradições espirituais da humanidade e, finalmente, a transdisciplinariedade e não o ajuntamento de especialidades encontrado na multidisciplinaridade. (MAGALDI, 2003, p. 16)

Magaldi elenca para prestarmos atenção nas pessoas que estão por perto e para a mídia, a fim de podermos notar coisas que são semelhantes no que se refere ao sistema hierárquico que tenta compreender tudo pela razão, não permitindo que se olhe para compreender o outro, para ajudar o outro em uma ação conjunta e afetiva. Analisando o sistema sistêmico nota-se que há necessidade de se pensar global, mas ter uma ação local, respeitando as diversidades na cultura, na religião, na política e no científico, procurando conectar tudo com respeito e valores humanos que buscam pelo Sagrado. Neste sentido a interconexão sistêmica das diversas áreas do conhecimento apresentará como resultado a transdisciplinariedade. Essa busca na diversidade cultural, social, religiosa e política com respeito ao que o outro traz consigo incentiva o exercer da ética em todos os relacionamentos humanos.

A Busca pelo Sagrado em diferentes formas de religiosidade

Isto é encontrado nas religiões que proclamam a busca pelo transcendente, fazendo-o através das mais diferentes formas e nos mais diferentes contextos. Um com interesse de praticar o bem em favor do próximo, outras não valorizando nem o bem e nem o mal. Nessa manifestação do transcendente, há muitas denominações com a finalidade de identificação. Por exemplo, o Cristianismo recebe esse nome em virtude de proclamar a existência de Cristo. Ele o tem como Salvador, sendo o maior exemplo de uma religião salvífica. Nesta perspectiva, os crentes esperam de suas religiões poder e benefícios sobrenaturais e elas o dão com base legalista. Isso eles apresentam em formas de rituais e pela obediência aos regulamentos, aos sacrifícios, aos jejuns, às penitências e às peregrinações. Nessas religiões, a salvação é pela prática de boas obras (BURNS, 1995).

Entre tantas religiões existentes no mundo, umas dão ênfase ao individualismo e outras ao coletivo, visando o bem da comunidade. O Judaísmo e o Cristianismo são religiões que dão lugar à revelação. O Hinduísmo e o Budismo admitem a revelação em seu sistema doutrinário apenas em parte, já o Confucionismo a exclui totalmente.

~~O Cristianismo e as religiões da Grécia e de Roma desarmonizam-se no conceito da exclusividade.~~ O Islamismo, o Judaísmo e o Cristianismo crêem em um Deus exclusivo, Jeová não se satisfaz em ser o Deus só dos hebreus. O Cristianismo é universal porque crê e proclama que sua mensagem é para todos. Todos os povos crêem em alguma manifestação sobrenatural. A riqueza de conhecimentos que se obtém deixando que os povos manifestem seus conhecimentos religiosos enobrecer a cultura e expressa a identidade de cada grupo. Isso favorece discussão sobre a convivência com as diversidades, um desafio apresentado para as religiões. É na parceria, na cooperação e nos empreendimentos coletivos, que as diferentes culturas poderão alcançar uma realidade mais rica e profunda. Teixeira (2003) ressalta a paz como algo possível dentro de uma convivências, entre as diversas tradições religiosas. Torna-se necessário estudar mais profundamente para compreender a identidade de cada grupo. O intelectual palestino, Edward Said (apud TEIXEIRA, 2003, p. 18) diz que “a crença num choque de civilizações interdita a possibilidade de intercâmbio entre elas, como se pudessem permanecer fixas em sua identidade”. Os choques de civilizações podem ser os canais que impedem o diálogo entre os movimentos de revitalização religiosa, como é o caso do Islã, que fechou os canais de conversação, obstruindo a esperança, da qualquer comunicação. Teixeira (2003) afirma que

a diversidade de religiões não deve ser reconhecida como expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade conjuntural passageira, mas como um traço de riqueza e valor. A diferença deve suscitar não o temor, mas a alegria, pois desvela caminhos e horizontes inusitados para a afirmação e o crescimento da identidade (p. 20).

A diversidade religiosa na sala de aula permite um interagir e um crescimento nas experiências humanas vivenciadas pelos indivíduos com consciência e respeito. No espaço escolar, alunos e professores têm oportunidades para sistematizar as informações e os saberes. Nessa construção conjunta, os alunos vão descobrindo significados e vão sendo questionados para que possam tirar suas conclusões. Nos debates de temas que os alunos conhecem ou não, superam-se rivalidades, expande-se o imaginário, descobre-se as diferenças num ambiente que devem ser de igualdade para todos – a sala de aula. Desenvolve-se o respeito pela diferença que há no outro e superam-se temores e preconceitos. A escola tem o privilégio de ser um dos espaços para a apropriação do conhecimento e um dos métodos dessa apropriação é o diálogo, de todos os tipos. No caso da religião,

o diálogo inter-religioso encontra fundamento na convicção da universalidade da graça de Deus. Não há possibilidade de um controle humano sobre a dinâmica da

gratuidade do Deus sempre maior, do mistério do “Deus que dá”. São caminhos impenetráveis que animam as tradições religiosas daqueles que devem ser considerados como amigos e não concorrentes”. (TEIXEIRA, 2003, p.21).

Ser amigo e não concorrente é algo que se aprende entre os distintos grupos, de diferentes credos religiosos e, especialmente, entre os que convivem em sala de aula. Porque é difícil lidar com o sistema de crenças e práticas que habitam um povo, é importante ter respeito uns pelos outros. Um povo que cultiva a experiência religiosa em resposta ao que crê se expressa com ritos, cerimônias, orações, sacrifícios e leis. A religiosidade é presente na vida das pessoas formando conceitos. Esses conceitos podem ser objetos de estudo, como narra Rosseto (2003), **professora no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo**, que em sala de aula com alunos do ensino médio, partindo do questionamento sobre nossa origem, sugeriu aos alunos que buscassem as respostas a partir de três vertentes – os Mitos da Criação, a Visão Religiosa e a Visão Científica. Os alunos se encantaram com o resultado da pesquisa e o debate em sala de aula foi significativo, porque abriu horizontes para a compreensão das diferenças existentes no grupo, bem como para o entendimento de como os temas são considerados em cada uma das vertentes.

Segundo Rosseto, (2003) “as mediações propostas objetivavam, através da pesquisa e troca de experiências, o reconhecimento das diferentes visões e o início de um processo de conhecimento histórico e social” (p. 34). O resultado desse trabalho foi surpreendente, visto ter ampliado o conhecimento daqueles alunos e despertado neles a atenção para que se identificassem nos conceitos e simbologia que estavam presentes na comunidade atual e em diferentes épocas. Pois, conforme Frass (1997),

A religiosidade desde sempre esteve ligada ao saber ou refletir; segundo a sua pretensão de fundamentar a unidade da pessoa, a fé precisa se expressar também no pensamento.A personalidade, em meio ao mundo complexo em que vive é ela própria complexa em seus nexos e história de vida, não consegue mais se conceber diretamente como a totalidade, mas precisa da elaboração interpretativa de sua biografia; o ser humano precisa realizar ele próprio essa unidade como ato reflexivo a ser produzido vez por vez. (p. 126).

Nesse sentido, os seres humanos com suas histórias de vidas e em busca de compreensão de significados em meio a um mundo complexo, continuam construindo sua identidade. Essa construção inclui a descoberta de novos saberes e a capacidade de poder discernir e fazer escolhas, refletindo sobre si mesmo e a sua importância na sociedade. Isso não é uma tarefa fácil, mas pode ser gratificante ao ver atitudes e valores desenvolvidos com alegria e prazer. Essa alegria pode ser desenvolvida já nas crianças, suscitando nelas o prazer

pela pesquisa e a valorização na hora do relato, elencando os fatores que são significativos para a vida. As descobertas através das pesquisas permitem que se viaje com muita rapidez pelo espaço e pelo tempo (ROSSETO, 2003).

Cada grupo religioso tem suas convicções e suas influências. Stefano (2004 p. 33) relata sua pesquisa feita na maior cidade do Brasil – “São Paulo de todas as crenças”. Dela, destaco aqui alguns dados. **O catolicismo é praticado em São Paulo desde a** chegada dos Jesuítas, **e está** predominando quatro séculos. “Ao longo do século XX, os evangélicos cresceram e se multiplicaram tanto, que um em cada cinco paulistanos, hoje é crente” (p. 33). Da população paulista, 68% se confessa católica. “As religiões como o Judaísmo, Budismo, Islamismo conservam toda a força de seus ritos, ultrapassando os limites das colônias como a japonesa, a maior fora de seu país de origem” (p. 33). Em meio a esse complexo religioso dos paulistanos, a pesquisa revela que a mobilidade deles também é grande tendo em vista que a cada cinco, três já mudaram de religião. Um milhão de paulistanos define-se sem religião. Esse definir-se sem religião nem sempre retrata o não ter uma fé religiosa, e sim, não ser filiado a uma religião. Há muitas pessoas que dizem praticar sua religião em casa e sozinhas. Religião hoje é também conviver com outras pessoas e exercer a comunhão com os que professam a mesma fé.

Visualizam-se muitos grupos que estão instituídos por longa data em solo brasileiro. Dentre os grupos instituídos, Fernandes (2004, p. 24) conta a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil que, em 2004, comemora cem anos de atividade em solo brasileiro. Essa igreja está espalhada em mais de 2 mil paróquias e pontos de pregação, espalhadas pelo país. No Brasil, o luteranismo se divide em duas denominações, Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Da vocação luterana para a Educação, em ambas as denominações, tem resultado uma sólida rede de escolas que abrange desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação.

Keim (2004), no artigo que trata da relação entre Lutero e a educação, publicado na revista *Novolhar*, salienta que enquanto o Brasil estava sendo colonizado e alfabetizado pelos Jesuítas, Lutero – um alemão – empreendia viagens pelos países vizinhos da Alemanha. Nessas viagens, averiguou muitos acontecimentos e, dentre eles, que na Holanda não havia analfabetos. Partiu daí, a idéia de que os alemães também tinham o direito de serem alfabetizados, inclusive para poderem se defender da opressão exercida pela Igreja Católica, que ministrava seus ofícios em latim, língua sem entendimento para a maioria do povo

alemão. Seu lema em favor da educação passou a ser: “Ao lado de cada igreja, uma escola” (p.7). O movimento foi incorporando e ganhando espaço no meio educativo e político.

Lutero acreditava que a educação deveria ser o agente de emancipação e autonomia do povo oprimidos, excluídos e dominados, buscando em Santo Agostinho o suporte conceitual, com base mais na fé que liberta do que na aprendizagem.(...) O desafio posto por Lutero era de que um povo, tendo toda a riqueza e todo o tipo de equipamento tecnológico, se não tiver sabedoria para utilizar a riqueza e os equipamentos em pouco tempo passa a ser um povo pobre e miserável. Esta posição política assumida por Lutero, pautava-se no compromisso de as pessoas apoiarem suas ações no exemplo e no testemunho alicerçado na fé cristã (KEIM, 2004, p.7)

A posição de Lutero na Educação gerou uma mudança no mundo europeu da Idade Média. Esse movimento ficou conhecido como protestante, porque protestava contra os ensinamentos da época, desejava que o povo pudesse se expressar e se defender da opressão política e religiosa. Hoje, ainda observamos o reflexo da ideologia de Lutero nas escolas confessionais luteranas

uma herança que desafia os gestores, os docentes e os estudantes e seus familiares, para fazerem da educação um meio de enfrentamento ao meio de alienação e de negação dos direitos, que todos temos, por sermos herdeiros da graça, a qual antes de nos proporcionar vantagens, nos obriga ao compromisso de reduzir a miséria e a exclusão, impostas pelas normas e contratos sociais (KEIM, 2004, p. 7).

Os docentes que atuam no Ensino Religioso têm o compromisso, junto aos seus educandos, de incluí-los e de atender suas necessidades intelectuais e até orientá-los na parte física e social. Essa inclusão pretende que os educandos tenham condições de dialogar e enfrentar as alienações do sistema escolar e até social no qual estão inseridos. A preocupação com o Ensino Religioso e a função da Religião na vida das pessoas continua sendo discutida nos dias de hoje. Drewermann (2004, p. 10) nos diz “acabou o tempo da religião que isola o ser humano”, porque viver isolado dentro de convicções é manter-se indialogável. Segundo esse mesmo autor:

A religião do futuro deixará de ser neurotizadora e alienadora da realidade em função de gargalos, truncamentos antropológicos e uma cosmologia absurda. (...) A religião do futuro ajudará a desenvolver a pessoa do ser humano. Ela acompanhará o ego, a liberdade e intercâmbio, o diálogo, de uma forma aberta e adequada a situação. Ela fomentará o discurso e o diálogo intelectual de uma forma socialmente integradora. Passou-se o tempo em que uma religião determinada podia alegar ser dada por Deus, com pretensão de verdade absoluta contra o resto do mundo. [...] A religião deveria servir ao entendimento entre as pessoas, não à distinção entre certos grupos humanos. Esta é uma necessidade elementar, inerente à própria intenção da religião. (DREWERMANN 2004, p. 11).

Os argumentos acima citados nos reportam à necessidade de continuarmos em busca da compreensão do ser humano e de seus ideais, suas perspectivas e em busca de entendimento de si mesmo. Nesse entender a si mesmo, o ser humano anseia por desenvolver-se com certa liberdade para que, de maneira mais aberta, consiga entender o significado de um imenso universo de mistério, indagações, fenômeno, etc. que o cercam.

Mas todos os dias temos seres humanos ao nosso redor, que convivem conosco, que têm idéias diferentes das nossas, que têm origens diferentes das nossas, que praticam uma religião diferente ou igual a nossa e que convivem conosco. Nesse quadro, visualiza-se a realidade das religiões no Brasil, num processo progressivo de diversidade religiosa.

O último senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostrou ainda a força da presença do cristianismo, pelo menos no âmbito da crença declarada. Os cristãos somam 89% da crença declarada (73,8% de católicos e 15,4% de evangélicos). Em seguida aparece o grupo dos sem – religião, somando 7,3%. As demais tradições religiosas estão reduzidas a 3,5% da declaração de crença (1,38% de espíritas; 0,34% de afro-brasileiros; 0,15% de budistas; 0,06% de judeus; 0,01% de muçulmanos; 0,11% de participantes de outras religiões orientais; 0,01% de seguidores de religiões de origem brasileira, como Santo Daime, União Vegetal, e outros). (TEIXEIRA, 2003, p. 22)

Diante desse panorama, verifica-se que o Brasil continua sendo um país declaradamente católico. Pelos dados do IBGE, quase 90% do povo se declara católico, mesmo que essa declaração atinja 150 milhões de habitantes visualiza-se um povo que está em busca de outras opções religiosas o que resulta num pluralismo religioso. Segundo Teixeira (2003), há a necessidade de estar atento para o pluralismo, o respeito às convicções religiosas, para que o foco das discussões aconteça em uma abordagem honesta do fenômeno religioso das tradições religiosas. Bem como a importância de estar atento para a recuperação da dimensão ética das religiões.

Nesse contexto, também é importante salientar que por mais que grupos se esforcem para que aconteça o diálogo, a compreensão da fé que o outro professa, sempre se vai encontrar divergência em níveis diferentes, gerando conflitos religiosos. Isso porque o ser humano é um ser complexo e está inserido em uma sociedade também complexa e multireligiosa. Mesmo que as visões de comportamento, de ideologias sejam diferentes, como as do fundamentalismo, das ideologias das religiões mais tradicionais, as fundamentadas no legalismo e as fundamentadas no evangelho, todas procuram representar seus ritos e dogmas a fim de que possam ser compreendidos. Nesse sentido, a simbologia, os ritos e os dogmas de

cada uma delas têm o objetivo de mostrar aos outros a sua ligação com o transcendente, o objeto de sua crença.

PARTE II

PROBLEMATIZZANDO

CAPÍTULO 3

RELIGIÃO E CULTURA – UM JEITO DE OLHAR, SENTIR, VIVER

O problema da pesquisa

A trajetória que percorri ao tratar das perspectivas históricas do Ensino Religioso no Brasil, bem como de seus aspectos legais que normatizaram tanto a sua inserção na educação como as diferentes formas de abordagem, contribuíram para compor meu problema da pesquisa. A discussão que desenvolvi no Capítulo 2 – sobre a religião no mundo contemporâneo – também me ajudou a balizar a pesquisa, delimitando meu objeto de estudo com referência às discussões sobre o tema nos últimos tempos.

A partir do que mencionei acima, considereei pertinente e interessante, neste momento das discussões e das minhas vivências sobre este ensino, me ocupar de uma reflexão sobre aquilo que nossa cultura tem produzido como sentidos para religião. A formação pluriétnica do povo brasileiro que, desde o século XIX, vai sendo descrita por alguns antropólogos (entre eles Gilberto Freyre) como um cadinho de raças, certamente contribuiu para uma certa inclinação a uma religiosidade, adornada por vários matizes. Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que, em nossos dias, a religião vem sofrendo hibridizações de todos os tipos, articulada a questões e interesses de diferentes naturezas: sociais, pessoais, mercantis, políticas etc. O que estou querendo dizer é que a religião tem se flexionado em muitas direções, atendendo a diversificados interesses implicados nas vidas públicas e privada das pessoas e das sociedades.

Muitas leituras e discussões me levam a pensar que as pessoas constroem suas noções e expectativas em relação à religião (e ao Ensino Religioso) em meio ao conjunto de experiências, discursos e práticas que constituem suas vidas, que demarcam seu lugar no mundo e os limites e possibilidades que aí se apresentam. Entre os autores e estudos que me ajudaram a pensar dessa forma, e **que** servem de inspiração para esta abordagem, posso mencionar, por exemplo, a pesquisa de Machado (1996), que vai estudar as implicações na esfera familiar da adesão religiosa entre Carismáticos e Pentecostais. Essa autora justifica que esta reaproximação de hoje entre família e religião tem a ver, sobretudo, com as mudanças

verificadas nas sociedades modernas, tanto no que diz respeito à religião quanto no que se refere às questões de gênero e de sexualidade. No mundo moderno, foram priorizadas as questões morais e sociais, ficando em segundo plano as de caráter puramente espiritual, o que teria trazido como decorrência o declínio do poder das religiões. A autonomia crescente dos indivíduos no que diz respeito à esfera privada de sua existência, com as escolhas e decisões pautadas, em grande parte, em valores advindos do conhecimento científico, representaram ameaça às instituições religiosas que começaram a perder espaço em seu âmbito de influência. Diante disso, a retomada neotradicionalista observada em muitas religiões, que pautam suas ações na introdução de uma rígida moralidade sexual e familiar, tem o objetivo de revitalizar a família como reduto de preservação e reprodução das crenças.

Embora a análise de Machado se volte especialmente para as particularidades de duas tendências religiosas, o que me interessou recolher aí foi esta idéia de que as religiões mexem com a vida das pessoas nas dimensões pessoal e social, pública e privada. Com isso, posso também afirmar que a busca das pessoas pela religião, pelo que ela expressa de transcendental, tem a ver com a esperança de que por ali haveria um caminho possível para equacionar as questões cruciais de sua existência, aquelas que as perturbam, sensibilizam e fragilizam.

Por outro lado, e recorrendo a um outro conjunto de problematizações, grande parte dos analistas da cultura contemporânea têm chamado a atenção para o fato de estarmos imersos em uma civilização da imagem, da visibilidade e do espetáculo. Eles enfatizam o papel central que as imagens assumem hoje em dia, mostrando que elas, de certa forma, dirigem e organizam nossa vida cotidiana. Desde que acordamos, até a hora em que, enfim, descansamos, à noite, em nossas casas, são as imagens – da televisão, dos filmes, dos vídeos, dos *sites* da Internet, das propagandas e fotorreportagens de jornais e revistas, dos *outdoors*, das embalagens, de objetos, etc. – que nos contam e nos orientam sobre a sociedade e a cultura, sobre jeitos de ser e modos de pensar, sobre critérios de escolha, sobre opções convenientes, enfim, sobre tudo aquilo em torno do qual nossas vidas se organizam e desenrolam. Alguns autores atribuem a esse fenômeno uma certa “malignidade”, como é o caso de Postman (apud KELLNER, 1995, p.108), que atribui à cultura da imagem o declínio da capacidade de leitura, de argumentação racional e de pensamento crítico.

Contudo, podemos argumentar, em contraposição a essa interpretação, que a cultura da imagem contribuiu para mudanças radicais em nossas formas de ser e de viver, as quais estão

a necessitar, antes de qualquer coisa, análises substantivas e consistentes. Sob uma perspectiva mais otimista, podemos defender que a multiplicação das imagens neste universo de visibilidades em que estamos inseridos, ampliou significativamente não só nossas possibilidades de acesso e de participação nos acontecimentos do mundo em que vivemos, como nos ofertou um novo conjunto de recursos materiais e simbólicos para atribuirmos e compormos sentidos para o mundo. Os painéis compostos pelos grupos que fizeram parte desta pesquisa são um exemplo disso.

Assim como as imagens nos contam coisas, podemos, igualmente, lançar mão das imagens para dizer coisas. As imagens passam, assim, a funcionar como um tipo de linguagem, de signos de significados abertos, amplos, flexíveis. Não é à toa que cada vez um maior número de religiões adotam a comunicação midiática, particularmente a música, as imagens de impacto, os filmes, os programas de rádio e televisão, e até as revistas, como espaços privilegiados de atuação e proselitismo.

Foi dentro deste entendimento, que começo a ter relativamente ao espírito da cultura contemporânea, e das formas como a religião tem ocupado espaço dentro dela, que optei por delinear meu objeto de estudo. Julgando que é fundamental para o trabalho com Ensino Religioso saber o lugar que a religião ocupa na vida das pessoas, meus objetivos foram explorar este universo de imagens e significados em que elas estão inseridas e conhecer as diferentes maneiras como a religião se imiscui, se instala e se posiciona em suas vidas. Tive como referência para investigar isto três grupos distintos de pessoas inscritas e três contextos educativos diferentes. Eles puderam manifestar suas formas de ver, viver e sentir a religião e a religiosidade. Para mostrar suas crenças e idéias foram solicitados a montar painéis. Nessa tarefa usaram recortes, de vários materiais disponibilizados a cada grupo. Eles selecionaram desses materiais – revistas, livros, folhetos, jornais, figuras – tudo aquilo que consideraram apropriado para expressar a compreensão que cada um dos grupos tem sobre religião. Ao analisar os painéis busco respostas a algumas perguntas: quais imagens e figuras usaram para falar do que é religião? Quais as palavras predominantemente utilizadas? Quais os aspectos que se destacam em cada grupo? Há aproximações entre as maneiras de organizar os painéis? Há focos temáticos recorrentes nos painéis? Quais as ênfases que emergem em cada grupo?

Para analisar os painéis e procurar responder às questões acima formuladas, foi necessário observar e refletir muito sobre tudo que constava das muitas leituras das imagens a fim de poder identificar as mesmas. Para realizar tal tarefa foi preciso lançar mão de tudo que

estudei e aprendi ao longo desta pesquisa. Foi uma tarefa que exigiu concentração e também um despojamento de conceitos pré-existentes na minha forma de pensar sobre o problema. Essa pesquisa contribuiu, também, para perceber diferentes formas de olhar, ver, sentir a religião na vida das pessoas de diferentes níveis intelectuais, econômicos, enfim, de diferentes grupos sociais, participantes de diferentes contextos educativos.

Religião – um jeito de olhar, sentir, viver

O cenário contemporâneo, profundamente marcado por intolerâncias de vários matizes – entre as quais se destacam os fundamentalismos religiosos articulados em oposição a qualquer concepção em que a fé possa ser concebida em meio a modernidade e sua vocação racional – tem sido desafiador e estimulante para que se pense sobre religião e as contribuições que o Ensino Religioso poderia trazer para a construção de sociedades mais inclusivas e tolerantes. Nesse quadro, é que julguei oportuno e necessário tomar como objeto de estudo as formas como alguns grupos de pessoas posicionam a religião em suas vidas, num tempo em que tantas mudanças radicais estão marcando nossas existências. Gaardner (2000) me ajuda a pensar sobre isso quando afirma que

A religião sempre teve um aspecto intelectual. O crente tem idéias bem definidas sobre como a humanidade e o mundo vieram a existir, sobre a divindade e o sentido da vida. Esse é o repertório de idéias da religião, que se expressam por cerimônias religiosas (ritos) e pela arte, mas em primeiro lugar pela linguagem. Tais expressões lingüísticas podem ser escrituras sagradas, credos, doutrinas ou mitos (p. 19).

O ser humano na atualidade vive cercado por muitas imagens e essas parecem repercutir em suas maneiras de pensar e também de praticar a religiosidade. Pois os símbolos imagéticos são carregados de significados e também comportam novos significados. Segundo Burns (1995) “objetos, palavras e ações são importantes nas religiões e têm seu devido lugar” (p. 76). Nesse sentido, há ritos como danças, sacrifícios que nas mais variadas culturas têm significados que podem ser diferentes, como, uma forma de expressar significados é expô-los utilizando-se de imagens, por exemplo, dança para invocar um benefício ou para agradecer ou simplesmente para a diversão. Foi isso que aconteceu com os grupos dessa pesquisa através dos painéis, onde eles expressaram seus pensamentos e sentimentos referentes a religião

lançando mão dos materiais que lhes foram disponibilizados, entre eles, muitas imagens²⁶ – fotos, figuras, desenhos e textos escritos.

Essas imagens demonstram estar ligadas a grupos de pertença, ou seja, família, sociedade e igreja, esta última como moldura institucional, conforme Frass (1997). Através das imagens é possível construir junto com o grupo de pertença uma simbologia e também juntos podem aprender a lidar e interpretar os símbolos. O símbolo da cruz pode representar para um indivíduo o sofrimento para si ou para o outro, mas também pode ser o signo que distingue os cristãos. Ou ainda, na linguagem dos cristãos, pode lembrar a libertação do grande mal que aflige o homem – o pecado. Um símbolo geralmente está relacionado aos demais símbolos e seus significados no contexto em que se inscrevem.

Segundo Hall (2001), também a narrativa de uma nação é contada através de imagens de fatos, de acontecimentos populares, símbolos que representam e dão significado à vida da nação, construindo sua identidade. Nessa construção acontece um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que busca inculcar valores e normas de comportamento que dão origem e caráter a um povo, invocando tradições, mitos de origem. Assim como Hall (2001) menciona mitos como parte na construção simbólica de um povo, Kuchenbecker (2000) menciona que os mitos favorecem a compreensão e expressão de sentimentos e sua satisfação em termos inteligíveis. “O mito tem sua importância já pelo simples fato de ser um fenômeno universal da humanidade e porque todas as religiões têm relação com ele” (KUCHENBECKER, 2000, p. 282).

Um povo também pode se identificar por sua religiosidade e pelos tipos de práticas religiosas. Cada povo forma uma comunidade imaginada e, segundo Hall (2001), nela deve-se ter em mente três pontos: as memórias do passado; o desejo de viver em conjunto; a perpetuação da herança. Uma comunidade religiosa igualmente tem uma identidade e nela expressa sua simbologia, suas crenças e sua fé. Ao expressar a fé pode recorrer a imagens de todo o tipo. Frequentemente, um grupo religioso, como uma nação, forma uma comunidade imaginada.

Postmann (apud KELLNER, 1995) argumenta que, na virada do século, a cultura das letras ficou em segundo plano, surgindo em destaque a cultura da imagem. Com a cultura da imagem houve “um declínio dramático na taxa de alfabetização, uma perda das habilidades

²⁶ Estou tomando a palavra imagem para me referir a tudo que está disponível nos materiais que disponibilizei para os grupos. Quando eles recortam uma foto ou mesmo uma palavra impressa, em ambos os casos considero

associadas com a argumentação racional, o pensamento linear e analítico e o discurso e público” (POSTMANN, apud KELLNER, 1995, p. 108). Bombardeados por uma explosão de imagens as pessoas não conseguem refletir adequadamente sobre o que estão vendo, perdendo-se muitas informações, outras ficando dispersas e difusas, além de incompreensíveis. “As imagens no século XX dominaram a comunicação no qual influenciaram as pessoas quanto ao consumo, estilo de vida, valores e papéis de gênero deslocando outras formas de discurso público” (KELLNER, 1995, p. 111). Esse mesmo autor ainda enfatiza que a publicidade exerce uma grande influência na vida das pessoas e na educação dos povos, visto que com elas se ensina sobre o que pensar, como agir e como fazer.

Imagens e significados

As imagens constroem e transmitem significados e mensagens simbólicas. Segundo Kellner (1995), o alfabetismo crítico, numa cultura pós-moderna da imagem, exige aprender a ler imagens criticamente e a desvendar as relações entre imagens, textos, tendências sociais e produtos numa cultura comercial.

A cultura da imagem está inserida em nosso contexto diário desde a hora que acordamos até a hora em que vamos dormir. A presença das imagens nos ajuda a entender rituais, símbolos e cerimônias das quais as religiões se valem para transmitir seus ensinamentos.

Segundo Figueiredo (2000), “O ser humano necessita de símbolos, assim como de um sistema de signos”, (p. 13) para entender a linguagem da comunicação. O símbolo está ligado com o sagrado de forma mais imediata, tendo importante significado na função simbólica e o desenvolvimento do ser religioso. “O signo veicula um significado abstrato e objetivo, ao passo que o símbolo um significado vivo, subjetivo” (p. 13). Sendo assim, o símbolo é uma representação de imagens que apresenta algo desconhecido, misterioso. O símbolo também ensina, traduz uma mensagem, ao passo que o signo é um sinal. A escrita é um sinal. A cruz é um símbolo, transmite mensagem. Todo o cristão ao olhar para uma cruz lembra que Jesus morreu nela. A cruz é uma imagem simbólica, assim como há outros símbolos que revelam as mais secretas modalidades do ser humano. A ligação do sagrado une o consciente com o inconsciente. Essa ligação independe da qualidade religiosa do ser humano que pode ser

que se trata de imagens.

trabalhada dentro ou fora de uma religião. O ser humano como um ser que está sujeito a sonhos, desejos, aspirações, angústias, condicionado ao mundo espiritual é um ser que é acolhido em sua fragilidade espiritual (FIGUEIREDO, 2000).

Não é possível ir ao encontro da vida, sem conhecer o ser humano, condicionado a um mundo espiritual, impulsionado para além da história, agente de criações que implicam na atração do espírito pela matéria e vice-versa; enfim, no desejo de equilíbrio dos opostos, das polaridades. A força que permite o equilíbrio, a superação da distância entre as polaridades está as imagens, nos símbolos, nos mitos (p. 14).

As imagens, nos mitos transmitem valores, experiências “da contradição entre a realidade e as idéias da fé, entre enunciados da fé e as ciências naturais, entre a compreensão direta e indireta (simbólica), entre as experiências da fé e sua concretização na igreja empírica, torna-se necessária a comparação e, com ela, a argumentação e a reflexão” (FRASS, 1997, p. 126). No entanto, as imagens simbólicas podem ser interpretadas de forma ambígua, isto quer dizer para o bem ou para o mal. “O efeito correto de cada símbolo resulta, por um lado, de sua posição no contexto da biografia da pessoa e, por outro, de sua relação com os demais símbolos do respectivo mundo simbólico” (FRASS, 1997, p.128).

Nesse contexto, encontra-se o mito com suas implicações para a educação ao senso simbólico e experiências religiosas que daí decorrem para a busca de sentido para a vida. Nesse sentido, reflitamos sobre o que é o mito.

Mito é a expressão simbólica, por imagens, de valores. Esta expressão é carregada de conotações afetivas o que caracteriza o poder de sedução do mito. Este sintetiza, recorrendo ao símbolo, conteúdos que se referem às mais profundas aspirações do ser humano: sua sede de absoluto, de transcendência, sua deslumbrada busca de plenitude. (CÉSAR, 1988, apud FIGUEIREDO, 2000, p. 37).

O mito é uma história que geralmente acompanha um rito. O rito reitera um ato em que o mito se baseia (GAARDER, 2000). Sendo assim, o significado do mito religioso é muito mais do que uma simples lenda ou contos folclóricos. Os mitos elucidam algo que aconteceu no princípio dos tempos. A criação do mundo é um dos acontecimentos de muito tempo e é um mito nas religiões. Elas tentam explicar como foi que surgiu o mundo. Portanto, elas desejam explicar não como uma revelação histórica, mas como de fato aconteceu. “A essência do mito é oferecer às pessoas uma explicação geral da existência” (GAARDER, 2000, p. 19).

O pensamento místico ou mítico tem sido debatido em várias áreas do saber, inclusive na religião. Segundo Drewermann (2004) “o mito é a forma em que se narra uma história

humana como história divina, discute o acontecido, o fato, e concluiu que o critério da verdade acaba preso à história factual” (p. 143). Há fatos que são importantes na época e que depois acabam fazendo parte da história, deixando ou não de ser relevantes. As imagens mitológicas precisam ser interpretadas como “mitos e formas lingüísticas em vez de dogmatizá-las ou declará-las históricas” (p. 80). A linguagem mitológica usa ritos e símbolos para tentar explicar os fatos. **O rito dá sentido à ação e fica como referência que acaba se estabelecendo entre o que é considerado sagrado e o que é considerado profano. Em resumo, alguns autores nos dizem que o rito é a praxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora.**

Os símbolos nascem da necessidade de equilíbrio pessoal em se tratando dos opostos, ou superação do conflito, principalmente em relação às polaridades matéria e espírito, imanente e transcendente. O pensamento simbólico atende a qualquer desejo de superação do limite e se manifesta, também, como expressão da afetividade religiosa. (FIGUEIREDO, 2000, 13).

Os símbolos traduzem mensagens que emergem das nossas mentes porque foram impregnadas em nós de alguma forma. Por exemplo, quando se era criança e nos pediam para desenharmos uma igreja, fazíamos uma construção com torre e cruz. Isto é sem dúvida um símbolo presente desde a infância. Assim, poderia enumerar muitos outros símbolos que nos traduzem mensagens. A igreja feita com torre e cruz apontando para o céu traduz que há algo maior, algo que está acima de nós. Até o local onde as igrejas são construídas tem uma certa simbologia. Basta olharmos para as catedrais, sempre no centro da cidade. Outras vertentes religiosas também procuram colocar seus templos em lugares privilegiados de fácil acesso e bem visível a fim de expressar que o local do sagrado está em destaque.

Conhecer as simbologias, os ritos e os mitos presentes no meio em que vivemos, pode favorecer a compreensão de conceitos como injustiça, perdão, solidariedade, compromisso com os irmãos e colegas, etc. O que faço neste estudo é uma tentativa de observar como cada grupo, ao compor seus painéis, lança mão de todos estes elementos que fazem parte de sua vida para expressar os significados de religião.

Caracterização dos grupos e contextos educativos

Nesta pesquisa estou entendendo contextos educativos como lugares onde as pessoas aprendem coisas. Apesar desses contextos serem educativos, as aprendizagens ocorrem de formas variadas. Um dos contextos é aquele que se constitui, no ambiente de uma Universidade, que se preocupa em qualificar pessoas para o Ensino Religioso, tanto que se dedica a oferecer um curso para tal capacitação. A visível preocupação da Universidade é atender à carência de professores nessa área. O outro contexto educativo é o de uma escola municipal de Ensino Fundamental de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. No caso desta pesquisa se trata de um grupo de alunos de 7^a série, orientados por uma professora qualificada mediante a realização de curso para atuar no Ensino Religioso. Ambos os contextos mencionados estão ligados à educação formal.

Contudo, como não é apenas nesses ambientes que acontece educação, escolhi um terceiro contexto ligado a um projeto de Assistência Social, composto por algumas pessoas que não passaram pelo contexto educativo formal – a escola. Os grupos que participaram desta investigação se distinguiram por terem características diferenciadas. A escolha foi intencional, visto que a inquietação para obtenção de respostas, de minha parte, como pesquisadora, partiu de uma realidade vivenciada junto a professores e estudantes e também pela convivência junto a grupos de pessoas moradoras na periferia da cidade. Cada um dos grupos demonstrou interesse em colaborar com esta pesquisa de forma voluntária. O primeiro grupo a colaborar foi um grupo de professores de Ensino Religioso de escolas públicas, os que eram alunos do Curso de Metodologia do Ensino Religioso oferecido na modalidade de extensão pela Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. O segundo grupo foi um grupo de estudantes de sétima série de uma escola municipal da mesma cidade. O terceiro, era formado por pessoas participantes de um projeto social organizado e mantido por uma entidade religiosa em parceria com a Prefeitura Municipal de Cruz Alta.

Os três grupos colaboraram respondendo à questão: O que é religião? Em todos os grupos foi solicitado que montassem painéis ilustrados nos quais, mediante a colagem de fotos, figuras e textos recortados de jornais e revistas²⁷ a eles disponibilizados refletissem os seus pensamentos sobre religião.

O grupo de professores e professoras, bem como o grupo do projeto social participou de um encontro com duração de duas horas. Com o grupo de alunos de sétima série trabalhamos uma hora, visto que nos foi disponibilizada uma aula de Ensino Religioso para a

²⁷ O material foi bem variado incluindo revistas informativas e jornais da semana.

pesquisa. Os cartazes produzidos por todos os grupos permitem observar as características de cada um e ler as imagens e as histórias que eles contam. As imagens e escritos selecionados vêm refletir as suas crenças e culturas. Kellner (1995) nos sugere ler as imagens criticamente. Essa posição vem facilitar o desenvolvimento de uma pedagogia crítica ampliando o alfabetismo cultural e ampliando a compreensão do conhecimento para a leitura da mídia no dia-a-dia. Procurei, então, ler os painéis como um texto cujas palavras e imagens selecionadas compõem o relato desses grupos sobre os significados de religião.

Caracterização do grupo A – Professoras e professores de Ensino Religioso

O grupo foi composto por onze professoras e um professor que estão em busca de preparação para atuar como docentes de Ensino Religioso. Esses colaboradores estiveram, por ocasião da pesquisa, matriculados no Curso de Metodologia do Ensino Religioso. Eles pertencem a diferentes credos religiosos. Entre eles se encontram católicos, luteranos e espíritas. A idade varia entre 20 e 58 anos.

A formação acadêmica desse grupo é assim distribuída: 80 % são Pedagogos, 2% Artistas Plásticos, 15% cursam Ciências da Educação na Universidade de Cruz Alta, 3% ainda quer voltar a estudar e para isso fez matrícula no Curso de Metodologia do Ensino Religioso, curso esse oferecido pela mesma Universidade de Cruz Alta. Trata-se de um curso de extensão universitária, com 400 horas, que vem cumprir a exigência do Conselho Estadual de Educação.

A partir de 1972, com base no parecer nº. 114/72 do Conselho Estadual de Educação, iniciou-se uma nova fase para o Ensino Religioso, em que a Secretaria de Educação e Cultura e as denominações religiosas interessadas empenharam-se em executar o Plano de Reestruturação da Educação Religiosa nas Escolas Oficiais. A Equipe Técnica do Ensino Religioso da SEC, coordenada pelo Ir. Carlos Mombach e a Equipe Intercofessional, com função orientadora, programaram numerosos encontros e cursos, cuja execução cabia às denominações religiosas, visando qualificar em número crescente de professores de Ensino Religioso. Esta programação de formação foi levada a efeito ao longo de anos. Segundo informação prestada por C. Mombach, de 1973 a 1980, foram dados 528 cursos de reciclagem de 40 h para professores de Ensino Religioso, pertencente ao quadro do magistério público,

financiados pelo Estado e promovidos pelas igrejas participantes da Equipe Interconfessional. Além disto, os Supervisores de Ensino Religioso nas DE²⁸, com apoio dos representantes Confessionais, asseguravam um acompanhamento habitual nas escolas.

Todos os professores componentes do grupo dessa pesquisa são praticantes da religião a que pertencem. São também críticos em relação a certas posturas religiosas e têm curiosidade sobre muitas coisas, como, por exemplo, por que há tantas religiões? Por que as pessoas maltratam-se umas as outras? Por que há tanta violência? Como trabalhar com os alunos valores religiosos se, na mídia e na sociedade há tanto desrespeito com o ser humano?

Esse grupo de professores manifestou, em uma das aulas iniciais que ministrei no curso já mencionado, sua postura religiosa e sua preocupação em ajudar os alunos em seu relacionamento social. Para eles, há diferentes situações de convivência e relacionamento que dificultam o aprendizado em sala de aula. Isto pode ser gerado pela própria situação na escola ou nos lares, surgindo daí as preocupações sobre vários pontos. Como se aproximar dos alunos? Como conhecer cada um, se um mesmo professor tem 200 ou mais alunos? Como agir com os alunos para que os professores não sejam geradores de injustiças? Como avaliar o conhecimento, se nem ele mesmo conhecem o aluno? Como avaliar no Ensino Religioso? Da mesma forma que em outras disciplinas, ou é preciso buscar outros métodos?

Diante de tantas indagações, esse grupo de professores e professoras optou por participar da pesquisa, vendo-a como um momento para expressar e debater suas idéias e posicionamentos sobre o que é religião.

Caracterização do grupo B – estudantes

Com o devido consentimento da professora e da direção da *Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Frederico Baiocch da cidade de Cruz Alta*, situada no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, foi escolhido o grupo de alunos formado por 8 meninos e 8 meninas adolescentes, na idade de 12 a 15 anos, Nessa escola funciona da Educação Infantil até a oitava série atendendo um total de 350 alunos. Possui 39 Professores

²⁸ DE - Delegacia de Ensino, hoje é CRE - Coordenadoria Regional de Educação.

e, à noite, funciona o curso de Educação para Jovens e Adultos – EJA, com 80 alunos matriculados.

A escola é bem equipada, tendo laboratório de Informática, de Ciências, Sala de Vídeo, Biblioteca, espaço para os alunos fora da sala de aula. Oferece merenda. Também há, em uma das salas, os equipamentos para aulas de Educação a Distância, com computador e vídeo para teleconferência vinculada à PUC-RS.

Os alunos que participaram da pesquisa fazem parte dessa comunidade escolar. Esse grupo frequenta a sétima série e recebe orientações religiosas de uma professora, dinâmica, formada em Artes, há 3 anos. E, desde a sua capacitação acadêmica, atua nessa escola. Ela ministra aulas de Dança, Artes e Ensino Religioso. Mostrou-se preocupada com os alunos, sempre os questionando durante o tempo em que estivemos trabalhando. Também os incentivou para que fizessem os painéis bem enfeitados, deixando transparecer essa exigência nos trabalhos.

Os alunos foram participantes e dinâmicos na construção dos painéis. A maioria é da Religião Católica. Eles deixaram transparecer isso nas figuras que colocaram nos painéis. Manifestaram habilidades na confecção dos materiais. Seis deles são repetentes em séries anteriores e um repetente da sétima série. Quatro desses alunos mostraram desinteresse e brincaram durante os trabalhos. Com as revistas nas mãos ficavam procurando e recortando figuras de motos e carros para levarem para casa. Mesmo brincando e com o incentivo da professora da turma, conseguiram concluir o painel antes do término da aula. Os seus trabalhos, em número de quatro painéis, farão parte da análise dos dados dessa pesquisa.

Com a discussão sobre o significado da religião no mundo contemporâneo e, diante da caracterização dos diferentes grupos componentes da pesquisa, compete que se analise as diferentes formas de se expressar que cada um usou na montagem de seus painéis.

Olhando para os painéis, visualiza-se a preocupação deles com a estética. Isso parece ser reflexo do trabalho que a professora de Artes realiza com eles na escola. Ela tem formação em Artes e aproveita seus conhecimentos para incentivar os alunos a também observar aspectos estéticos em seus trabalhos. Esse grupo da pesquisa foi o que mais usou palavras escritas por eles mesmos. Também enfeitaram os cartazes, pintando e fazendo contornos nas figuras, demonstrando uma preocupação com a aparência e a apresentação dos painéis.

O uso da linguagem escrita, para explicar os significados de religião, direciona a compreensão de seus pensamentos sobre a questão da pesquisa. Religião para eles é manifestação de amor, paz, união e carinho que são palavras que aparecem em todos os painéis. Tanto os meninos como as meninas deixaram transparecer em imagens e em palavras o desejo de estarem conectados com o transcendente através de ações humanitárias e de convivência em grupo.

“O estudo das manifestações religiosas através de suas respectivas tradições ajuda-nos a tomar consciência da riqueza espiritual de que todo o ser humano é portador, enquanto ser pessoal e enquanto parte da coletividade” (FIGUEIREDO, 2000, p. 51). Nessa perspectiva procurei olhar para os painéis, tentando interpretar a maneira como eles manifestaram suas formas de ver e sentir a religião em suas vidas. Bem como a inserção em suas vidas de uma cultura imagética, que transborda na televisão, na Internet e nos jogos de vídeo. Essa cultura, conforme Kellner (1995, p. 111), “é dominante no século XX”, trazendo para as mentes dos seres humanos, imagens, as quais incentivam o “consumismo, o estilo de vida e ainda desloca os valores e papéis de gênero”.

Os alunos componentes dessa pesquisa estão sujeitos a todas estas influências imagéticas e culturais. Dentre elas, encontram-se os mitos e os símbolos que traduzem o desejo de atingirem através deles o transcendente que lhes traga paz, amor e vida.

Caracterização do grupo C - grupo de Assistência Social

As participantes do Projeto de Assistência Social, da Igreja Evangélica Luterana Cruz, da cidade de Cruz Alta, são indicadas pelo Serviço Social da Prefeitura e são todas do sexo feminino. Elas são cadastradas e encaminhadas por uma assistente social que também orienta as voluntárias que dão suporte ao projeto. As voluntárias são luteranas, católicas e espíritas, participantes de ações religiosas voltadas à solidariedade humana e social. Nas reuniões, é incentivada a aprendizagem de trabalhos manuais que podem ajudar a melhorar a situação social e financeira das pessoas assistidas pelo Projeto. Esse funciona em forma de oficinas, onde é ensinado costura, crochê, fabrico de cobertas de lã e de sabão caseiro. O sabão é preparado todas as semanas e distribuído entre as participantes do projeto. Como é um projeto social, sem fins lucrativos, todos os monitores fazem esse trabalho de forma voluntária.

As assistidas – participantes que integram esse projeto – pertencem em **sete** à Igreja Católica, sendo **duas** praticantes. **Dois** pertencem à Igreja Luterana e **três** não participa de nenhuma religião organizada. A idade varia de 22 a 80 anos. A escolaridade formal é pouca, sendo que 4 das 12 participantes não sabem ler, duas têm boa leitura e as outras seis são semi-analfabetas.

Todas têm filhos e seis têm netos. **Nove** delas moram precariamente. Duas delas foram encaminhadas pelo juiz da Comarca de Cruz Alta para participarem do projeto aqui, por ser considerado um projeto que pode ajudá-las, bem como às suas família, a se integrem na sociedade. O marido de uma dessas pessoas é detento do presídio da cidade.

Todas as assistidas, no final do dia, recebem um recipiente cheio de alimentos já preparado para levar aos seus familiares e também fazem um lanche reforçado durante o período em que se encontram reunidas. Algumas componentes desse grupo já estão no projeto há cinco anos.

Ao serem solicitadas a participarem deste projeto de pesquisa, algumas sentiram um pouco de medo. Queriam saber o que eu fazia com o que elas apresentariam ali. Ao explicar uma delas manifestou: *O quê?! Nós faremos parte de uma pesquisa?* Manifestando satisfação em participar. A voluntariedade foi significativa e a participação ocorreu em clima alegre e de muita conversa enquanto trabalhavam. Elas gostam de conversar.

Para a execução da atividade, elas manusearam o material que estava à disposição, tais como revistas e jornais. Enquanto iam selecionando, recortando e colando, iam conversando sobre o que escolheram e porquê. Algumas dessas conversas serão relatadas na análise dos quadros.

CAPÍTULO 4

SIGNIFICADOS DE RELIGIÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS EDUCATIVOS

Lendo os painéis como textos culturais

Neste momento, vejo-me diante de uma floresta de símbolos, uma ampla gama de imagens, que fazem parte das escolhas feitas pelos diferentes grupos e que me proporcionam um aprendizado na leitura das mesmas. Cada grupo tem algumas peculiaridades que tornam possível diferenciá-los, até porque eles são diferentes na cultura, na maneira de ser, nas expectativas de futuro. No entanto, também há algumas coisas que são comuns e que traduzem o desejo de uma vida melhor e a esperança de justiça, paz, amor e solidariedade.

Como referência para analisar os painéis baseio-me, especialmente, em Kellner (2000), para ler as imagens, e em Figueiredo (2000), para interpretar mitos e símbolos. Procuo fazer essa leitura, inicialmente, de modo linear e, depois, procuro olhar com lentes que permitam discutir os significados expressos nas imagens ali montadas. As imagens parecem expressar um universo variado de significado que vão do desejo de matar a fome até a esperança de alcançar dias em que possam desfrutar de abundância de alimentos e estar em lugares onde sintam paz e harmonia. As imagens podem estar gritando por socorro em tempos difíceis, e embalar-se na esperança de união e solidariedade em favor de quem necessita. “O ser humano é eminentemente o ser da transcendência. Por tal motivo é capaz de imaginar, sonhar, tornar-se criativo e se expressar a partir de imagens relacionadas com as profundezas de seu mundo interior” (FIGUEIREDO, 2000, p. 55).

Com as imagens o ser humano tem a capacidade de expressar sentidos. (FIGUEIREDO, 2000). Por isso, a construção dos painéis é um material amplo e rico em imagens que expressam maneiras de ser e de ver as coisas emolduradas pelos contextos em que emergem.

A seguir apresento a análise dos painéis, lembrando que o grupo de professores fez dois painéis, o de alunos, quatro e o das mulheres fez dois. [Início as análises pelo grupo de professores, seguindo do grupo de alunos e depois o de mulheres da Assistência Social.](#)

Grupo de Professores – painel A

Grupo de Professores – painel A

Esse grupo de professores deixa transparecer seu senso organizacional pela seleção e distribuição das figuras e, também, pelas setas indicativas usadas, as quais demonstram uma tentativa de ordenação. Ao procurar ler as imagens desse painel, percebe-se que a maioria delas está relacionada com o cristianismo. A figura da Bíblia aparece duas vezes, revelando a importância e o significado que esse livro tem na vida dessas pessoas.

Na base do painel, encontra-se um telefone com o recorte da palavra *elo*. Isso parece sugerir que há comunicação entre as pessoas que estão logo acima e, também seguindo as setas, com a família. O grupo de pessoas ligadas com o telefone é, aparentemente, um grupo de jovens. Esse grupo apresenta expressões alegres e parece que está comemorando algo. Jovens gostam de comemorar, de celebrar. E isto é festa! A alegria que refletem, nessa imagem, dá a idéia de que a religião é alegria. Um dos jovens nessa figura tem o braço levantado, sua expressão é de felicidade. Mas, o que chama a atenção é que ao seu braço está ligada uma frase: *em busca de proteção*, sugerindo que a alegria tem o sentido de apoio, e este pode ser a religião, a qual pode lhes dar proteção.

Aparecem ainda as palavras *Verdades, grandes*, dando a idéia de que as grandes verdades estão expressas no que refletem as figuras que estão logo acima, onde se visualizam bíblias. Para os cristãos, a Bíblia é detentora da grande verdade que salva os homens de seus pecados e os leva à vida eterna. Outra verdade bíblica é que, em suas verdades, Deus não faz distinção entre as pessoas e para representar isso, eles colocaram, acima das palavras *verdades, grandes*, homens de diferentes raças e idades. Um deles parece ser avô do menino e ambos lêem o livro que pode ser a Bíblia sugerindo que *é deste livro que se conhecem as verdades e uma delas é aceitarmos as pessoas como elas são. Os quatro componentes dessa imagem têm expressões felizes e tranquilas, e isso é um indicador de que as verdades são valorizadas.*

Um dos valores é a *evangelização*, cuja palavra está colocada acima deles. Esta palavra também é um desafio para os cristãos: evangelizar, levando a Palavra de Deus para as pessoas a fim de que tenham *esperança*. Esperança é a palavra em destaque no topo do painel, à direita, acima do que acabei de descrever. Abaixo da palavra *esperança* há a figura de um homem com mais idade e de aparência cansada. Esse homem tem ao fundo a natureza e nela inserida a figura de um menino. Isto é um contraste de idades, mas ambos estão ligados à

natureza, sendo a natureza uma fonte de vida, a qual pode-se ligar a frase: *Pensar melhor*. O que sugere essa frase? Pode sugerir pensar em preservar a natureza, a vida. Analisando pelo foco do cristianismo, como sugere o contexto deste painel, *pensar melhor* para ter mais esperança. Pensar melhor para ajudar na evangelização, em todas as idades. Pensar melhor, para, com esperança, visualizar o *Salvador, Deus e céu*, que são as palavras colocadas logo abaixo da questão da pesquisa – O que é religião para mim? Vou retornar a estas palavras mais adiante.

Como o quadro todo sugere que se leia e interprete de baixo para cima, isso porque as setas o indicam, retorno à figura do grupo de jovens, porque dela sai uma seta ligando a figura de uma mulher e um menino que podem ser mãe e filho. Logo acima, visualiza-se as palavras: *busca* e *amor*. Mais à esquerda e na parte de baixo do painel encontra-se a figura de uma mulher empurrando um carrinho com dois bebês. Ela está em frente a um centro de saúde, onde podemos enxergar uma mulher caminhando e outras pessoas no hall deste centro. Dessa figura sai uma seta para a palavra *Amor*. Essas imagens falam da grande importância do amor nas ações das pessoas que foram descritas há pouco. A mãe que acolhe o filho no seu colo e o abraça, dando-lhe proteção, é um ato de amor. A mãe que leva os filhos ao posto de saúde demonstra amor, cuidado e atenção, e isto também é proteção. Mas, além do amor, há a palavra *busca* colocada acima da mulher com seu filho. Ali no colo da mãe, em seus braços, a busca de carinho, aconchego, amor e segurança são recompensados. Também Centro de Saúde pode indicar amor, cuidado e normalmente, segurança para as mães que podem buscar ali orientação e atendimento. Isso é amor, é proteção, é esperança – todas essas são palavras que aparecem no painel.

No lado esquerdo, visualiza-se um quadro onde foram coladas três figuras sobrepostas com flores naturais e uma delas é a vitória régia. Essa flor tem a capacidade de drenar a água da chuva. Também chama atenção a frase escrita em um dos quadros: *O primeiro banco de dados genéticos da flora nacional vai catalogar as plantas nativas e ajudar no esforço de conservação das espécies ameaçadas*. Essa frase está interligada à que está no quadro ao lado que diz: *Ciência, Tecnologia & Meio Ambiente*. Aqui parece que religião também é cuidar da natureza e preservá-la. Desse quadro também sai uma seta apontando para cima em direção a palavra *Sim*. Mas antes de chegar ao sim, a seta passou pelas palavras *justiça e paz*. Da preservação do meio ambiente para a justiça e paz. Muitas pessoas anelam por paz, justiça e esperança.

Entre as palavras *paz e sim* vê-se a figura de Renato Russo, cantor e compositor brasileiro, segurando uma rosa amarela. O amarelo simboliza amor sem fim na linguagem da cultura popular. Isso sugere que o grupo tem conhecimento das composições desse cantor que era muito questionador em suas músicas compondo diversas sobre o amor, dentre elas – *Se eu falasse a língua dos homens*. O conteúdo dessas músicas, leva a refletir sobre a realidade da vida de muitos que não têm lugar para morar. Mas, acima de tudo, refletia sobre a importância de amar as pessoas como elas são, incluindo a importância de amar e educar os filhos. Esse grupo colocou essa imagem, talvez para destacar as coisas boas e as belas lições que ele deixou. (rever a regência)

Bem próximo da palavra *sim*, surge uma seta, sem apoio, apontando para a palavra *céu*. O céu, no contexto da religião, indica o lugar especial onde os que crêem em Deus ficarão depois desta vida. E as palavras *Jesus Salvador*, que estão colocadas logo abaixo da pergunta da pesquisa – O que é religião para mim? – Indica que este salvador é a segurança dos cristãos para chegar ao céu. Mas onde descobrir mais sobre isto? Onde buscar esse conhecimento? Na vida dos cristãos esses conhecimentos se buscam na Bíblia, que está visualizada também no lado esquerdo do painel e aberta no livro de Isaías. Quem lê a Bíblia sabe que o livro de Isaías é o que mais fala profeticamente da vida de Jesus, o salvador. É o livro que narra a vida e a obra de Jesus, 700 anos antes de ele nascer. É um livro escrito pelo profeta que deu o nome a este livro. No entanto, ele profetiza o que ia acontecer com Jesus, o salvador, conforme depois aconteceu, segundo narram os evangelistas depois da morte de Jesus e sua subida ao céu. Tais escolhas indicam tratar-se de um grupo de professores e professoras com conhecimentos sobre religiões.

O painel apresenta ainda, uma frase ao alto, à esquerda que diz: *Entreguei-me aos braços de Deus*. Como será esse entregar-se aos braços de Deus? Será melhor do que ter um ombro amigo? O ombro de alguém que gostamos muito? Com certeza ter alguém que nos ajude, que nos ouça e que nos dê sustentáculo é realmente importante. Esse sustentáculo também é visualizado na figura do emblema da APAE, que nesse caso é de São Paulo, e tem a nos dizer que agradecem o apoio recebido e que a ajuda que recebem é muito bem-vinda. A ajuda que se dá a outros sugere que traga paz, mimos e carinho conforme expresso na figura à esquerda e ao meio do painel, onde também se vê um casal andando por um caminho e cantando. O homem nessa figura está tocando violão. Isso dá a idéia da possibilidade de ser feliz em qualquer lugar até mesmo caminhando por uma estrada. Cantar de alegria, cantar

porque posso ajudar outros a realizarem suas tarefas. Cantar porque Deus, Espírito Santo, está presente neste mundo.

Olhando para esse cartaz, contando as histórias que relatei, posso refletir ainda sobre o quanto está impregnado, na vida destes professores, suas crenças e suas ideologias culturais, visto que, através de suas manifestações, transparece como a religião está vinculada à sua formação e à possibilidade de transmitir tais sentimentos e valores a seus alunos e a quem estiver em contato com eles. Através das figuras selecionadas há uma “visão de mundo, valores e comportamentos”... “que também podem ser uma força para a moldagem do pensamento” (Kellner, 1995, p. 112). As imagens dão uma noção de simbolismo, fazendo uma associação dos significados com a vida das pessoas com o que se quer transmitir para outros. A mídia se vale da publicidade e da cultura de imagens para atingir os indivíduos. Os professores, nesse quadro, demonstraram, através da seleção de imagens, os seus pensamentos sobre religião, respondendo assim a pergunta a eles formulada.

Grupo de Professores – painel B

Grupo de Professores – painel B

Esse grupo de professores, como o outro, também usou setas a fim de indicar a seqüência das imagens. Para analisar esse painel, vou dividi-lo em blocos com imagens que se assemelham. Parto do centro onde está colocada a pergunta da pesquisa – O que é religião para mim? –. O primeiro bloco está situado logo abaixo da questão e ligada a ela está a frase *A chave da vida*. Parece que, para o grupo, religião é a chave da vida. Uma chave tem a utilidade de abrir e fechar. Uma porta fechada pode indicar segurança. Uma porta aberta pode indicar oportunidades, desafios, novos conhecimentos. A religião como chave da vida também associa a *sonhos, humildes, paz e amor* palavras colocadas logo abaixo dessa frase em destaque. Sonhar é um ato que impulsiona, um ato que pode se concretizar, um alvo a alcançar. Quem não sonha?

Se eles escreveram que religião é sonho, isso pode sugerir que eles têm esperança de paz e de amor. Esperança de que a religião ajude a trazer paz, amor e alegria. Eles também escolheram imagens de pessoas alegres. A alegria, o sorriso, igualmente **são** chaves para a vida. Dizem que ninguém resiste por mais de trinta segundos a um sorriso. Pessoas felizes sorriem. Além da palavra *sonhos* há as palavras *humildes, paz e amor*. Mesmo que uma pessoa seja humilde, ela tem direito de poder sonhar com muita paz e amor. E além de sonhar ela pode viver e tornar realidade os sonhos. Retornando às imagens que escolheram que refletem alegria, aparece a da – *Globeleza* – Valéria Valensa – a passista e atriz que faz propaganda do carnaval no Brasil, com seu marido e seu filho. Eles representam uma família feliz.

Mais acima, à esquerda, está um grupo de pessoas em círculo, que parecem estar orando ou refletindo em meio à natureza, visto que todas elas têm fisionomias alegres. Como estão de mãos dadas, lembram um gesto de união. Para ter paz é preciso ter união. E bem abaixo e à esquerda foi colocada uma figura onde aparece o mar, uma ilha, um céu de um azul maravilhoso. Flutuando nas águas está uma mulher deitada e com um sorriso no rosto. Nessa figura está escrito: *Estatuto para a vida. Artigo I. Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm o direito a converter-se em manhãs de Domingo*. Convém ressaltar que a água é límpida e cristalina, o lugar é maravilhoso e o decreto também. Mas há um detalhe: nem todos podem viver num lugar assim. Pela escolha

dessa imagem, é possível deduzir que cada um pode transformar o lugar onde vive, num lugar de prazer e alegria.

Nesse bloco, destaco as imagens de atores que representaram Jesus em filmes na TV e cinema. Qual a relação da religião com esses personagens e a frase *A Chave da vida?* O grupo fez uma relação porque ligou com seta as figuras. Supõe-se que Jesus, sendo ligado à religião, é conseqüentemente a chave para a vida. Visualizando todo o cartaz, há referências bem acentuadas ao cristianismo, nos personagens representando Jesus, a cruz, as ruínas de São Miguel. Na parte superior do painel, ao lado esquerdo, há a figura de Caio Fábio, um pregador do evangelho de uma das igrejas pentecostais do Brasil. Ele está em frente a uma cruz e a legenda da foto diz *Caio Fábio, no monte das bem-aventuranças, viagem no tempo*. Viajar no tempo e chegar às bem-aventuranças é querer estar perto de Jesus, porque foi ele quem as pregou a seus discípulos no Sermão do Monte. Logo, ligada à cena desse pregador, há uma foto onde pessoas estão sendo batizadas nas águas do Rio Jordão. O Rio Jordão também faz parte da história do povo de Deus, na Bíblia. Estar no Rio Jordão hoje é fazer uma viagem no tempo, revendo acontecimentos históricos do povo de Deus e de quando Jesus esteve visivelmente na terra. Esses fatos são muito significativos para os cristãos.

Assim como há referências ao cristianismo, neste painel há também imagens de outras crenças. A frase, escrita a mão, *religião é ligado a crença* é direcionada por uma seta para uma imagem de mulher jordana²⁹, em sinal de desespero, diante de velas, talvez pedindo paz no Iraque. Da figura dessa jordana sai uma seta em direção à imagem de um homem bem reforçado com um machado nas costas e segurando com a mão diante de duas árvores secas plantadas em uma tábua. Embaixo dessa tábua parece que há um rio. Por que elas estariam secas, em cima de um rio? O homem com o machado está em uma gangorra. Em uma das pontas a árvore maior, na outra o homem e uma muda de árvore a ser plantada. Essa cena sugere trocar uma árvore seca por uma nova árvore que venha a frutificar, bem como substituir o seco pelo úmido e fecundo. Talvez revendo conceitos e estratégias de vida seja possível uma vida melhor. A cena também aponta para equilíbrio, pois assim como o homem na gangorra encontrou o ponto de equilíbrio, as pessoas podem achá-lo nas mais diferentes situações que a vida apresenta. Ainda pode ser lido nesta cena a importância de saber decidir entre pontos divergentes para que se mantenha o equilíbrio entre o que é considerado bom e o que é considerado ruim.

²⁹ Denominação atribuída a habitantes da Jordania.

O que me chamou a atenção nesse bloco é que da imagem das árvores e do homem com o machado, parte uma frase: *Homem livre*. Ele é livre para cortar, jogar fora o que está seco e plantar algo novo que produza frutos. Esses frutos podem ser conhecimento, fé, experiências de vida. O homem é livre para pensar e decidir. Pode fazer o que quer. Mas, e as conseqüências? Liga-se a figura do homem e do machado a três figuras: uma delas mostra a cena de três mulheres condenadas à forca pela executiva de um partido político. Isto sugere liberdade do homem em agir contra seu semelhante. Parece que o grupo quis dizer isto mesmo, porque na imagem seguinte está a cena dos soldados americanos, no Iraque, os quais derrubaram a imagem de Sadan Hussein em praça pública. Nessa imagem ainda se visualiza o palácio do governo e pessoas olhando a imagem do líder político cair. O semblante dos que observam mostra reações de surpresa, pavor e outros de passividade, dando idéia de indiferença, pois estão parados olhando com mãos na cintura e com aparência tranqüila. Como esse povo se sentiu, tendo sido derrubada a imagem de seu líder?

Convém que se retome as imagens unidas àquela da árvore e do homem com o machado, pois sai desta figura (que tem bem próxima a frase, *Homem Livre*), uma seta direcionada para os templos das Ruínas de São Miguel. Esta ligação poderia sugerir que o homem pode cultivar em vários templos, para praticar sua fé.

Na última figura deste bloco, aparece o sítio arqueológico de São Miguel, situado nas Ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul. Esse sítio arqueológico conta a história das missões dos Jesuítas na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A preservação da história é fator cultural. É através da cultura que se obtém dado importante sobre fatos que contam a história de um povo. Isso visualiza uma perspectiva para avançar, a fim de poder entender o significado das coisas e qual a mensagem que elas querem transmitir.

O homem é livre também na prática de sua religiosidade. O grupo selecionou uma figura que conta que no Nepal a única religião permitida é o hinduísmo. Sendo assim, esse povo não tem liberdade para escolher a religião que quer. Diante de uma dominação assim, eles seguem a religião oficial do país, ou então não seguem nada ou ainda fingem que seguem. Logo abaixo desta figura, de crença hinduísta, aparece um quadro com uma mão cheia de terra e no meio dessa terra um broto de árvore verde. A frase que ilustra este quadro é: *Esperando com fidelidade a Deus*. Esperar solucionar as dificuldades que são resultados das ações dos homens contra o seu semelhante? A espera com fidelidade é assim como a planta que vinga e cresce em terra fértil, vindo a crescer e dar frutos. Esperar em Deus é olhar

para um coração vermelho que tem dentro dele uma cruz, que é o símbolo do cristianismo. Esse quadro mostra um rosto olhando a planta com uma sombra brilhosa intermediando o rosto e o coração. Isso sugere que o olhar para a cruz traduz uma esperança, um sonho de paz e amor entre os humildes. Essas palavras estão bem próximas a esse quadro e ao lado da figura do Papa João Paulo II, numa cena em que transmite a paz. Nessa imagem do Papa ainda pode se ver a figura de uma pomba acima de sua cabeça. A frase que se refere a cena diz que a pomba apareceu em um momento inesperado. A pomba é um símbolo da paz.

Outros aspectos significativos estão refletidos na escolha das demais figuras deste painel. São elas: uma terapia através de uma massagem budista; previsões para o ano de Vênus. Hoje, estão na moda as terapias alternativas, e os budistas estão falando de sua fé.. Bem acima, e à esquerda, em destaque, aparece a frase: *A mensagem do Senhor dos Espíritos*. O senhor dos espíritos é Chico Xavier, conhecido médium espírita, e a imagem é da população que acompanhou seu sepultamento como na foto dele sobreposta. Há outra imagem pequena de pessoas abraçadas chorando sua morte.

Aparece ainda, neste painel, e em destaque, bem ao centro, e no alto, um quadro de uma santa com as frases: *Paz. Você quer ter paz? Reze o terço*. Nesta imagem há uma simbologia expressa e em destaque. O coração no peito da santa está exposto. Ele é vermelho e tem uma coroa de espinhos ao seu redor. Ela segura o coração com sua mão esquerda e na parte de cima do coração há uma peça dourada em forma de coroa. Esse coração sugere que seja o de Jesus, que passou pelo sofrimento e agora está coroadado. A paz somente em Jesus e através da oração.

Sob esta imagem central da santa estão colocadas as frases – *a oração é a soberania de Deus, Filhos de Deus e a Bíblia ao vivo e a cores* –, sugerindo que o homem está em constante busca pelo seu bem estar e a religião e as orações são maneiras de encontrá-lo. Em Deus, na Bíblia, na religião e nas orações é que se encontra a Paz.

Nos dois painéis montados pelo grupo de professores, observa-se que eles escolheram imagens e também palavras explicativas e com significados relacionados à religião. Essas que elas vivenciam nos seus grupos de pertença. E a religião com sua simbologia, seus mitos e suas mensagens que as mantêm conectadas com o transcendente.

Grupo de Estudiantes – painel A

Grupo de Estudantes – painel A

Os alunos manifestaram suas idéias através de figuras, palavras e frases. Ao visualizar o painel nota-se, bem ao topo e no centro, a pergunta que eles teriam que responder – O que é religião? – E bem centralizado mais abaixo, um círculo formado por pessoas de mãos dadas circulando três corações e as palavras *amor, união e paz*. Tanto as pessoas ali colocadas como o círculo foram recortados em jornal. As palavras mencionadas aparecem mais vezes escritas no painel.

Podemos interpretar que gestos de amor estão manifestados também nas figuras coladas que representam a multiplicação dos pães e a cura dos leprosos. Ambos episódios bíblicos representados aqui com frases como *Está aqui um menino que tem cinco pães e dois peixes. Mas, o que é isso para tanta gente?* e a outra frase *Então Jesus disse ao homem: Levante-se. E vá para casa. Você foi curado porque teve fé*. Ambas as frases estão próximas das figuras ilustrativas da multiplicação dos pães e da cura dos leprosos. Essa última apenas com a cena onde um leproso está ajoelhado aos pés de Jesus em gesto de agradecimento. Logo abaixo dessa figura, visualiza-se a frase *confiança em Deus*. Pode ser visto como a confiança que eles têm representado na cura dos leprosos ou a confiança que cada um pode ter em Deus. Os episódios bíblicos fazem parte do conhecimento adquirido por eles nas aulas de Ensino Religioso e em suas práticas religiosas em casa ou na igreja.

Ligado à figura da multiplicação dos pães está escrito *repartimento de alimentos*. Essa escolha sugere que os estudantes estão preocupados com a alimentação das pessoas, assim como estava Jesus que alimentou a multidão, ou estão atentos à campanha Fome Zero ou, ainda, podem estar preocupados com o seu próprio sustento. Fato é que ao interpretarmos este painel, observa-se que todas as figuras por eles selecionadas e as frases escritas sugerem que amor, carinho e vida estão ligados ao cotidiano deles e à prática da religião.

Ainda há mais uma figura que sugere anjos ou crianças com as mãos unidas, que para os cristãos do mundo inteiro é um gesto de oração. Logo abaixo, eles escreveram *Orar a Deus*. O que é orar a Deus? Essa pergunta pode ser respondida com a escolha e a colocação das palavras: fé, confiança em Deus, amor, paz. Orar com fé em Deus é a certeza de que os cristãos têm de obter uma resposta de amor aos seus pedidos.

No painel estão elencadas diversas palavras, mas o que chama a atenção é que – *Paz e Vida* – uma à esquerda e outra à direita, parecem dar suporte a todo o quadro já descrito.

Quem deseja a paz? Quem valoriza a vida? Com certeza a escolha e a colocação destas palavras pode ser a base da visão de religião destes estudantes. Olhando mais para a lateral direita visualiza-se a palavra *fé* que também está próxima ao círculo de pessoas as quais abraçam os corações inicialmente descritos. O cartaz fica mais enriquecido com as palavras: *Amor* à direita, *carinho* à esquerda e no centro dessas duas, a palavra *união*.

Olhando num todo se percebe que as palavras-chave e que fecham o cartaz estão colocadas ao redor das figuras descritas podendo simbolizar que religião é paz e vida, acrescida de fé que culminará num olhar para cima, tendo como resultado o amor, a união e o carinho entre as pessoas que são aqui, por eles representados, especialmente no círculo, de mãos dadas. O desejo de ter fé em algo que lhes suporte para amar, distribuir e receber carinho parece ser uma manifestação do grupo no relacionamento entre eles. Também podemos interpretar que eles vêm nos atos externos da vida a manifestação da religião.

Grupo de Estudiantes – painel B

Grupo de Estudantes – painel B

Este grupo, formado por três meninos, selecionou sete recortes de figuras e as distribuiu de forma aleatória no cartaz dando a idéia de que de Jesus parte as demais escolhas para a vida. Na figura Jesus aparece apontando para o seu coração. Por que os estudantes selecionaram essa imagem? O que querem dizer com essa escolha? Pode significar que ele é o centro de todas as escolhas. O centro da religião. O local escolhido para colar a figura de Jesus, logo abaixo da pergunta da pesquisa – O que é religião? – pode estar querendo dizer que daí emana o desejo de ser atendido por aquele que pode representar um alento e uma esperança de melhorar as condições de vida. Isto porque a figura que segue logo abaixo é a da cura dos dez leprosos. Essa figura está mais completa que a do grupo anterior, que cortou os nove que foram embora após a cura. Eles deixam aparecer a cena dos leprosos que foram curados e se retiraram e um está aos pés de Jesus agradecendo a graça recebida – a cura, conforme o relato bíblico que eles conhecem das aulas de Ensino Religioso ou da vivência religiosa.

Na lateral esquerda, vê-se a figura de um Papa e outro religioso, talvez de um bispo, com vestes litúrgicas, aparentemente em ofícios religiosos. As figuras desses dois personagens foram recortadas em forma de metades de um coração, podendo significar que os religiosos aqui representados têm seus corações voltados para a religiosidade ou ainda que os corações estão ligados ao caminho e à vida. Isto porque ao lado está escrita a frase: *O caminho da vida*. Esta frase está logo abaixo da figura de dois adultos com as mãos erguidas e um pequeno passando por baixo de suas mãos, dando a impressão de que estão esperando o pequeno passar. Esse pequeno pode também estar olhando para os adultos e querendo chegar onde eles estão. E os adultos podem estar ali unidos esperando para dar suporte ao pequeno até ele crescer.

Aparece abaixo das pessoas que estão com as mãos erguidas a figura de uma cruz. Ela está em tamanho reduzido e está sobreposta a uma outra cruz. A cruz é um dos símbolos dos cristãos. E pelas manifestações do grupo, eles têm relações com o cristianismo. Visto que há mais uma figura de Papa e a frase que está ligada a ela é *E ele nos ensina o caminho de Deus – Vida*.

À direita do cartaz visualiza-se um desenho colorido com os dizeres *Primeira Aldeia da Juventude. Sim, eu quero falar!* Esse desenho mostra um lago e, ao fundo, atrás do lago,

casas, um local de encontros de jovens, céu, nuvens azuis, à frente um grupo de pessoas em círculo e de mãos dadas, e duas crianças brincando na areia.

A frase colocada à direita do painel, na figura *Primeira aldeia da juventude – Sim, eu quero falar*, chamou-me a atenção, pois – *eu quero falar* – parece ser um desejo, uma vontade de expressar sentimentos e pensamentos. O quadro nos permite fazer a seguinte leitura: O lugar reflete paz, harmonia e preservação da natureza, e que nesta aldeia da juventude é possível viver em união, manifestada na figura do círculo, representado por cinco pessoas estilizadas. As pessoas nessa aldeia, mesmo que não estejam juntas no círculo, podem estar ao lado compartilhando as experiências, aqui representadas pela dupla que brinca na areia. Ao lado ainda, se percebe que há duas pessoas andando e saltitando em direção ao grupo. *Sim, eu quero falar*, também pode ser um grito de socorro que expressa o desejo de poder manifestar suas opiniões e pensamentos. No centro do painel, aparece a corrente montada por eles com elos feitos de jornal, e que se unem segurados por duas mãos soltas sem braços e sem corpo. Talvez isto sugira um desejo de estarem ligados entre si, mesmo que se esteja solto no ar e preso apenas pelas pontas pelas quais estão unidas as mãos na esquerda e na direita. Essas mãos estão fechadas para dar sustento aos elos da corrente.

Elos de corrente podem ensinar que cada um deles é uma pessoa, um desejo, uma expectativa, uma esperança. Esperança que pode estar expressa na frase, colocada abaixo da mão direita, que sustenta um dos lados da corrente e onde está a das figuras do Papa: É ele que nos ensina o caminho de Deus – Vida. Isto sugere que a religião está ligada novamente, à vida.

Vida em abundância, vida no dia-a-dia, vida no coletivo, vida solitária, mas todas elas vidas que dependem de outros para ir em frente. Vida que procura entender e está em busca do transcendente.

Grupo de Estudiantes – painel C

Grupo de Estudantes – painel C

Neste quadro a pergunta da pesquisa – O que é religião – foi colocada pelo grupo bem no centro circulada pelas frases – *é paz – é carinho – é amor – é respeito – é beleza*, espalhadas pelo painel. Espalhadas também estão as cinco figuras que foram escolhidas por este grupo e colocam em destaque duas fotos do Papa João Paulo II, ao lado esquerdo do painel, e, à direita bem ao alto a foto do papa diante do Cristo Redentor no Rio de Janeiro. As imagens do Papa são o símbolo da religiosidade que a maioria dos brasileiros professa. O Papa é o símbolo do catolicismo. É o soberano da igreja que domina o mundo, e nas duas imagens do Papa se encontram textos que falam dos 25 anos de seu papado, 25 anos na direção da Igreja Católica, orientando a igreja e o mundo católico. O outro símbolo que aparece é do Cristo Redentor, símbolo do cristianismo e, também, um dos ícones que divulga o turismo no Rio de Janeiro, por ser uma estátua de grande porte, sendo considerada como a maior do mundo nesse estilo.

Há apenas duas figuras além daquelas com o Papa. Uma delas é a seleção de vôlei e a outra sobre arte e beleza que serão descritas logo mais. A figura da seleção de vôlei está colocada ao lado do Cristo Redentor e a frase que acompanha a figura da seleção é *vitória, alegria e união*. Sugere-se daí que os alunos estão olhando na perspectiva de vitória e alegria, e ainda há a possibilidade de buscar na imagem do Cristo Redentor, *bênção, fé e fazer pedidos*. O desejo de pedir para alcançar bênção através de pedidos deduz a vontade de que as coisas podem mudar ou serem conservadas, como retrata o que está escrito ao lado da foto do Papa – *um exemplo de fé, amor uma, pessoa que leva paz para todos*. Essa frase dá a idéia de que os alunos desejam ter paz em meio a um mundo cheio de violência e ameaças. Essa é divulgada cotidianamente na mídia. Acentuadamente visualiza-se, no painel, figuras que sugerem paz, beleza, amor, arte, união e vitória.

Eles escrevem que *Deus é a natureza porque a natureza, é como fonte de vida*. O cuidado pela natureza pode ser um reflexo do que a religião é na vida das pessoas. Cuidar do lugar onde se vive é preparar o ambiente de paz para que melhor se conviva com os seres que os cercam. Se a fonte da vida está em Deus, então isto pode ser visível nas ações entre *arte e beleza*, entre as ações que inundam o ambiente em que vivem. Neste viver encontra-se a vida que, neste painel, está refletida na imagem que mostra uma mulher negra sentada com uma criança em sua frente e entre as suas pernas. Mais ao fundo, uma criança sem roupa e

acocorada na terra. E, ainda, mais ao fundo, vê-se uma criança também sem roupas e correndo, dando a impressão de que está fugindo de algo. Essa cena pode sugerir que de uma mulher parte uma criança a qual vai se distanciando da genitora em busca de algo que desconhece. Ou, então, pode se pensar em separação e solidão, distanciamento das pessoas. Mas as crianças podem estar indo em direção a uma luz que brilha ao fundo da cena. Esse ir em direção à luz, pode ser a busca por algo que traduza luminosidade e dê apoio para a vida, que pode ser a luz do transcendente. A luz que ilumina o caminho quando se busca uma nova perspectiva para a vida.

Já ao se olhar para a criança que está no colo da mulher, percebe-se um olhar curioso, mas suas mãos estão ligadas à mão de quem a segura. Esse estar ligado a alguém, sugere segurança. Estar em segurança, sem medo, olhando com esperança para frente, confiando num futuro. É um grande desafio para um adulto saber o que uma criança deseja.

Ainda visualiza-se uma frase à direita na parte de baixo do painel *religião é um caminho, que as pessoas escolhem para seguir!* A escolha da religião pode ser feita pela orientação e convivência com os pais ou escolha por opção depois de se tornar adulto. Fazer escolhas é um ato presente na vida de todos os indivíduos no mundo. Diariamente estamos fazendo escolhas, tomando decisões, mas como tomar decisões acertadamente? Como ter conhecimento e compromisso com o escolhido? No caso da religião, também requer uma decisão, pois entendem que religião é um caminho que se escolhe.

As imagens selecionadas por este grupo de educandos dão a idéia de que a religião é uma relação entre ícones religiosos, Papa, Cristo Redentor contendo situações relacionadas com comportamento e fé. Ir ao encontro da bênção, pedir, encontrar vitória, alegria, paz, amor, carinho, tudo isso com imaginação, arte e beleza em forma de meditação e comemoração. Esses atos indicam um desejo de uma vida melhor e o impulso para ir em busca de aperfeiçoamento do conhecer a si mesmo, conforme a mauiética socrática (FIGUEIREDO, 2000). Essa mesma autora escreve “a meditação e o fortalecimento da imaginação por diversos meios impulsionam o ser humano da restauração à busca da plenitude existencial pois enriquecem a sua vida interior, desde que mantidas por imagens que permitam ver o mundo na sua totalidade” (p. 52). Esse grupo de alunos manifestou sua maneira de ver a Religião usando as imagens que permitiram relacionar a sua vivência com o desejo de uma vida religiosa amparada na paz, amor, carinho, respeito, beleza e ainda escolhendo Deus como fonte de vida. Contudo, deve-se sublinhar mais uma vez, a

predominante opção do grupo de alunos pelo uso de palavras e textos escritos, ficando em segundo plano a ilustração do painel com imagens (figuras, fotos, etc).

Grupo de Estudiantes – painel D

Grupo de Estudantes – painel D

Ao visualizar este painel, numa primeira leitura, observa-se que nas figuras escolhidas pelo grupo, novamente, duas são do Papa. A expressão da fisionomia do Papa reflete situações emocionais que demonstram preocupação, tristeza e angústia. As fotos do Papa estão colocadas em pontos de destaque no painel, uma na lateral e outra no centro e a que mais expressa angústia tem escrito embaixo a palavra *união*. O que será que esses estudantes querem dizer com essa palavra logo abaixo desta figura que expressa tristeza e dor? Eles podem estar dizendo que cabe ao ser humano praticar ações de ajuda para com o semelhante, mesmo que esse alguém seja uma pessoa de influência religiosa, como o Papa. Isto também pode dizer que as pessoas de influência religiosa podem passar por momentos de preocupação e dor. A escolha desse ícone papal igualmente pode demonstrar que eles estão conectados com a situação mundial que preocupa o Papa.

A palavra *união* está, ao mesmo tempo, acima da imagem de um laboratório de informática com alunos e professora, sugerindo que estejam unidos na busca do conhecimento. Conhecimento que pode refletir o que é religião, conhecimento que busca entender a relação que há entre as pessoas e a religião, num mundo tecnológico que se comunica com muita rapidez, mas impessoalmente.

O painel seleciona imagens de pessoas em situações diversas dependendo das funções sociais que exercem. Visualiza-se astros da TV e, dentre eles, o destaque para uma cena apresenta uma mulher como a mãe do Filho de Deus. Essa cena foi retirada de um filme que conta a crucificação, morte e ressurreição de Jesus que para os cristãos é o Filho de Deus. Neste episódio, ela está com aparência triste por ver seu Filho sendo condenado à morte na cruz. Mas o que isso quer dizer para esses estudantes? Estão eles em sintonia com o sofrimento visualizado na face da atriz? Ou atentos à cena religiosa que ele representa? A imagem que a artista representa é significativa porque ela é o símbolo de alguém que viu o sofrimento de seu filho ou porque este é um filme que faz sucesso no momento contando o episódio bíblico? No entanto, em seu semblante de tristeza aparece uma luminosidade que traduz uma forma de esperança. Esperança essa brotando de uma fonte de luz. Olhando bem para a atriz, vê-se que os alunos escreveram a palavra *natureza*, bem no foco de seu olhar. Seus olhos estão direcionados à sílaba *tu* da palavra *natureza*. Como aqui no Rio Grande do Sul, o pronome de tratamento mais usado é a 2^a pessoa do singular, pode-se interpretar – tu deves cuidar da natureza, incluindo não poluir o ar. Pois a imagem de uma potente moto está

ligada à palavra natureza. O gás que a moto elimina ajuda a poluir o ar. Olhando para a palavra natureza nota-se que o *a* final desta palavra está ligado a um homem com vestes orientais caminhando. O olhar desse homem parece ser de apreensão, talvez quanto aos conflitos religiosos e políticos no Oriente. As pessoas que vivem em zonas de conflito não podem ficar desatentas. Elas estão sempre apreensivas.

Colocada no centro do painel, está um ícone da televisão, uma outra artista em pé, com saia curta e pose sensual. Essa vestimenta é bem oposta a do oriental. Seu semblante reflete tranqüilidade, bem oposto ao do oriental. A posição desta imagem chama a atenção. Ela está bem abaixo da questão da pesquisa – O que é religião? – Os alunos podem estar dizendo que a religiosidade aqui no Brasil é vista com maior tranqüilidade do que no Oriente. De certo modo eles estão corretos, porque aqui no Brasil há liberdade de prática da religião que cada um escolher. E apesar dos problemas que existem, como a violência, cada um tem liberdade para fazer as suas opções.

O painel mostra, logo acima da foto da cena sofrida do filme *Mãe do Filho de Deus*, uma paisagem com mar e areia e uma pessoa sentada olhando para o horizonte. Esse olhar sugere procura, reflexão ou ainda esperança de encontrar algo. Complementando essa figura no canto da imagem está um texto dizendo *será que o McDonald fica longe*. Esta frase é uma propaganda e neste contexto sugere que a pessoa está com fome e deseja comer. Desejos podem refletir as coisas mais íntimas de cada ser e, nesse momento, a pessoa sente fome e quer saciá-la. Desejos podem se transformar em algo que tome conta da pessoa, seja comida, vestes, bens de todas as formas e que podem se tornar a sua religião. Isto quer dizer que os religia a algo que foi perdido. Sugere algo que motive a viver e se relacionar com outras pessoas. Religião também é viver e compartilhar sentimentos e coisas com outras pessoas. Mas a escolha dessa imagem também pode ser de deboche e que o transcendente fica descaracterizado com a legenda profana do McDonalds!

Há, também, a figura do Cristo Redentor, no alto do painel. Existe um contraste nesta imagem. Ela é grande e em seu dedo direito há um minúsculo homem em pé. Olhando para essa cena, pode-se visualizar a proteção de um ser superior para um homem tão pequeno. O homem se sente assim diante de tão poderoso Senhor. Pode ele ser pequeno e se sentir pequeno, mas mesmo assim ele pode confiar. Esse homem no dedo nos dá a idéia de que precisa de equilíbrio para não despencar no vazio que separa o chão dos braços da imagem do Cristo. Essa cena pode nos dizer que, diante do perigo, sempre há esperança e proteção. Este

Cristo está colocado como se estivesse olhando para outra imagem com dois homens. Nessa, o que mais chama a atenção é a iluminação nos rostos dos dois personagens religiosos. Os dois estão em posição de meditação, um em pé e o outro sentado. O local em que estão permite uma comunicação através de uma luz que está refletindo em seus rostos a partir de um livro. Ao fundo se visualiza um céu azul escuro com nuvens, sugerindo que esse lugar promove paz e calma.

Neste painel ainda se encontra mais uma paisagem de natureza com árvores e um céu limpo durante a estação do outono, dando a idéia de que o casal que está sentado e conversando aproveita esta beleza natural para, no diálogo, conhecer um ao outro, prática da alteridade. Podemos interpretar que junto à natureza pode ser buscado o ambiente para um diálogo e para a compreensão entre as pessoas. A natureza nessa cena é maravilhosa, apresenta luz do sol refletida por entre as árvores, oferecendo uma sombra acolhedora. O céu azul por cima das árvores dá a idéia de uma paz sem obstáculos, pois nem nuvens são visualizadas, mas um céu limpo e claro.

Próximo desta imagem encontra-se outra com o tronco de uma árvore frondosa com suas raízes expostas e entre as raízes há muitas folhas secas. Ao fundo desta imagem, encontram-se outras árvores com folhas secas. Os alunos cortaram fora os galhos com folhas do tronco dessa árvore frondosa. Este corte sugere que na vida as pessoas passam por dificuldades e mesmo que sofram, fica em seus íntimos aquilo que lhes dá sustento, como o tronco e as raízes fortes da árvore. **Isto dá a idéia de que, mesmo em meio à sequeidão de certa estação do ano, há uma esperança de surgir uma nova estação e com ela novas experiências e novas perspectivas. E também há uma luz que incide e dá força às raízes.**

No painel, ainda aparece a figura de um cachorro sugerindo a preservação dos animais juntamente com a natureza expressa na outra imagem que mostra um sítio, com muita área verde. Preservando a natureza e os animais, temos uma vida mais saudável, agora e no futuro.

Todas as figuras selecionadas estão circuladas pelas palavras que respondem o que é religião para eles ou seja, religião é *harmonia, luz, amizade, amor, natureza, união, vida, fé e paz*. Diante dessas palavras podemos visualizar ao interesse que as pessoas têm de procurar satisfazer suas necessidades. O homem deseja viver em harmonia com os seus pares, refletindo amor e promovendo união. A união traduz um bom relacionamento humano. Na convivência entre os homens há que se compartilhar e aprender a ter respeito pela natureza a fim de que se possa viver com fé em busca constante da paz. A paz é um alvo mundial entre

os seres humanos, mas nem todos conseguem vivê-la. A paz pode traduzir a luz da vida de cada um. Mas nem sempre a luz da paz está acesa. Podemos encontrar pessoas com suas luzes apagadas e daí não conseguem iluminar e nem refletir através de suas ações o que crêem e que lhes move a viver. Mas, em contrapartida, há pessoas que brilham e contagiam outros com sua maneira de ser e viver. Aprende-se com todos, positivamente ou negativamente, pois em cada ação se sugere um aprendizado.

No painel acima analisado, olhando para o reflexo dos semblantes das pessoas que foram escolhidas para ilustrar – O que é religião? – nota-se que apenas a imagem de um carnavalesco expressa alegria e as demais expressam sentimentos diversos, o que dá a idéia de que os alunos vêem a religião como solução para as preocupações. O que pode ser reflexo do que eles vivem em seu meio familiar, cultural e social. A relação em suas mentes entre as palavras colocadas e as figuras selecionadas, sugere que em meio a turbulências na vida há uma esperança, uma luz que indica um novo alvorecer, uma nova perspectiva de vida.

Este panorama sugere que ainda se reflita sobre estes grupos e sua maneira de expressar seus sentimentos, crenças e pensamentos. Menciono isso embasada em Campbell (2004) que diz que o ser humano constrói sua história fundamentada em tradições mitológicas com as quais teve contato ao longo da sua educação ou em mitologias construídas por si mesmo. Esse autor também salienta que:

as literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, em prol de uma educação concorde com uma sociedade industrial, onde o máximo que se exige é a disciplina para um mercado de trabalho mecanicista, toda uma tradição de informação mitológica do ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam na mente das pessoas, dando uma certa perspectiva naquilo que acontecia em suas vidas. Com a perda disso, por causa dos valores pragmáticos de nossa sociedade industrial, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada para por no lugar. Essas informações, provenientes de tempos antigos, têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, construíram civilizações e formaram religiões através dos séculos, e têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares de nossa travessia pela vida, e se você não souber o que dizem os sinais deixados por outros ao longo do caminho, terá de produzi-los por conta própria. (CAMPBELL, 2004, p.2).

Seguindo o pensamento desse autor, pode-se dizer que as imagens, palavras e expressões selecionadas pelos grupos da pesquisa são sinais presentes em suas vidas. Expressam a cultura de seu grupo familiar, de sua cidade, de seu bairro, tudo isto perpassado pela cultura da mídia que, no mundo de hoje, invade nossas vidas e vai constituindo novos mitos. Além disso, parece que persiste entre os seres humanos uma imensa curiosidade pelas

origens e razões de nossa vida. Os seres humanos ainda têm um desejo imenso de busca pela verdade sobre a sua existência. O desejo de compreender porque se está vivo e a razão de se viver. Isto se expressa, segundo Campbell (2004, p. 2), através de mitos que “são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. O mito é o relato da experiência de vida. A mente racional, analítica, o lado esquerdo do cérebro se ocupa do sentido, da razão das coisas”.

Para dar sentido à vida e às coisas que realiza é que o ser humano está em constante busca. Nessa busca, nós, humanos, vamos sendo interpelados pelas ações de outros, como pelas ideologias políticas, religiosas e movimentações dos diferentes grupos sociais. Cada pessoa, segundo Campbell (2004), está empenhada em realizações, às vezes com objetivos e valores que prejudicam a si mesmos, alheios às suas necessidades, levando até ao esquecimento de que o valor maior que se deveria levar em conta é o fato de se estar vivo. Nesse sentido, muitas vezes se acomodam diante de seus líderes e deixam que eles tomem decisões e dirijam suas vidas.

Grupo do Projeto de Assistência Social – Painel – A

Grupo do Projeto de Assistência Social – Paineis – A

Ao olhar para esse cartaz, visualizam-se 14 figuras com seus significados. À direita e quase no meio do painel aparecem três folhas que se complementam entre si. Na página à direita, aparece uma pessoa negra com expressão de esperança, surpresa e afetividade. Logo acima de sua imagem, há uma escrita impressa, que diz: *Nosso desafio é a Vida*. Na página ao lado aparece a frase *Para que o câncer não fique no caminho entre você e seus sonhos* que se estende por duas páginas. A frase permite analisar o porquê da expressão da mulher, que está em uma das páginas. Essa frase é a propaganda de um laboratório, que oferece medicamentos inovadores contra o câncer. Ao lado da página do laboratório foi colocada a figura de uma pessoa com roupa branca, supostamente médica ou da área da saúde, pois está usando um estetoscópio. Abaixo da frase sobre o câncer podem ser visualizadas as velas de um bolo de aniversário. Qual seria a mensagem? Pode ser a alegria de poder festejar mais um ano de vida diante de um panorama que visualiza a presença de uma doença tão temida pelas pessoas. Ou então a alegria de estar presente na vida das pessoas que amamos.

A frase *É esperança e sonhos. Sem sonhos a vida fica vazia* foi expressa pela mulher que colou as figuras que foram descritas acima. O que ela estaria querendo dizer? Provavelmente está preocupada com a sua saúde e a de seus familiares, com a doença que ainda é temida pelas pessoas. Talvez expressando que, apesar de todos os temores, há esperança. E que sem esperança não há sonhos. Isto sugere que sonhos movem as pessoas a irem em busca de esperanças que preencham a vida. Pode ser assim interpretado: Sonhar é viver. É buscar novos horizontes para a vida. Novos rumos. Mas que relação há entre este sonhar e a religião? Que sonhos perpassam a mente deste grupo?

Também aparece a relação entre religião e saúde, visto que ao lado das figuras descritas encontram-se mais duas que ilustram fatos relacionados com a saúde. Uma delas é imagem da campanha contra a AIDS e a outra a propaganda de seguros de vida e saúde. Esta última traz também duas mãos que se apertam na solidariamente, sugerindo parceria, união nas ações. A união nos sonhos, nos desejos de uma vida com maior qualidade. Essa qualidade está expressa na frase que acompanha as mãos *Agora sim, você pode garantir uma perfeita saúde para seus negócios*. Essa frase faz parte da propaganda da Golden Cross, que tem como slogan – *uma vida toda com você*. Ainda neste mesmo quadro, logo abaixo das mãos está escrita a palavra *saúde*. Ao fundo aparece uma janela, com vidros em quadrados. Também há algo bem significativo, que é uma linha na cor laranja, com ponto em amarelo indicando uma

subida estatística. Esta linha passa por trás das mãos. Isto parece indicar que a proteção para a saúde com a Golden Cross tem uma ascendência e cada um que a ela se ligar estará seguro. Isto porque a união permite conquistas.

A outra imagem, ligada à saúde, sobre a AIDS, traz uma frase ao centro: *Onde está a AIDS?* E ao fundo imagens de pessoas em festa de carnaval, uma das oportunidades de contágio. Abaixo da frase *Onde está a AIDS* aparece o alerta *Use camisinha e proteja-se de AIDS*, e ainda um alerta do ministério da saúde sobre a prevenção da AIDS e mais o número do telefone do disque saúde. Qual a relação desta cena com a religião? O que isto nos sugere? A pessoa que colocou essa figura da AIDS comentou: *Tá escrito na Bíblia que vinha doença braba. E tá aí. Quem não acredita em Deus, ela vem mais cedo.* Parece que essa pessoa tem familiaridade com a Bíblia. Observa-se neste painel nitidamente, a preocupação destas mulheres com a saúde. A saúde, o cuidado com o corpo e a proteção também se relacionam com a religião, que ensina que Deus deseja que cada um cuide de seu corpo como sua morada, mas também porque a fé em Deus dá coragem e segurança para enfrentar a doença.

Olhando para a figura que está à esquerda e no canto debaixo do painel, encontramos um homem dormindo e duas pessoas olhando, dando a impressão de que está em um aparelho de televisão na vitrine de uma loja. A pessoa que colocou esta figura argumentou que *quando a gente dorme – sonha.* É outra mulher do mesmo grupo, falando em sonhos. Isto sugere que elas têm sonhos e gostam de sonhar. Que sonhos podem ser estes? Talvez sonho de um lugar melhor para morar, pois elas moram precariamente, de ter acesso a saúde, sem discriminação. Sonhos de poderem resolver seus problemas. Todos os sonhos as movem para que sigam em frente e busquem alcançá-los. No programa do qual elas participam, são incentivadas a buscarem coisas que lhes agradam e que ajudem a realizar seus sonhos.

Logo acima da imagem desse homem observa-se a foto de bebês bilíngües com uma professora dando orientações em uma tarefa com números, usando a brincadeira da *sapata* ou *amarelinha*, para fixação do aprendizado. No quadro, explica-se o ensino de um segundo idioma que, neste caso, começa a partir de um ano. Quer esse quadro mostrar um desejo do grupo de também saber um novo idioma ou elas viram nele o cuidado com as crianças? Porque o quadro logo acima deste é de uma família e a fala de quem o colocou é: *Uma religião é uma família cidadã, representa a eternidade.* Isto dá a idéia de que a religião é representada na união da família. Por que a família é importante para elas? Nesse grupo a maioria tem uma família sem a estrutura usual que a figura representa: Pai, mãe e filho. A

maioria das mulheres vive só com os filhos, e estes não são filhos de um mesmo pai. Outras cuidam dos netos e vivem com eles, mas também não têm marido. Isto pode justificar o sonho de terem uma família, com uma estrutura que lhes desse segurança. A idéia aqui é a vontade de que a religião oriente para a cidadania e que isto é algo que pode melhorar a vida que têm.

Logo acima da imagem da família, e já no topo do painel, encontra-se a figura de um prédio em construção e, ao lado, a de um bebê dentro da placenta. Isto simboliza o desejo de um lugar protegido para morar e a continuidade da vida, com segurança. A continuidade da vida pelo nascimento. Nova vida que sugere esperança de dias melhores, dias que buscam pelo transcendente, representado também pela imagem da igreja que está colocada ao lado da imagem do feto e ligada a uma foto de uma empresa que tem, conforme o texto ilustrativo, um momento destinado para que os funcionários rezem pedindo proteção para o dia de trabalho. E a frase destaque destas duas páginas é *a Fé que move empresas*. E, abaixo desta frase, uma legenda explicativa que diz: *A religião entra na rotina das corporações brasileiras e muda até a maneira de encarar o lucro*. Isto indica uma nova maneira de iniciar um dia de trabalho, na perspectiva de confiança no transcendente. Isto dá a idéia de que o ânimo para o trabalho é revigorado, mudando até maneira de olhar para os lucros que resultam do trabalho. A imagem dos funcionários concentrados ouvindo um homem ler a Bíblia está mostrando a atenção e reverência religiosa como parte da rotina da empresa.

Abaixo desta imagem elas colocaram um coração recortado da propaganda do Banco Itaú. Ele está colado acima da figura que é símbolo e propaganda do Banco Bradesco. E a frase complementar *É dividir para somar*. Isto sugere em relação com a religião que, ao dividir aquilo que se sabe, soma-se conhecimento e aumenta-se o bom relacionamento entre as pessoas que se amam, conforme se expressa na figura do coração. O coração em todos os lugares do mundo sugere a expressão de amor, de carinho, de afeto.

Acima da imagem descrita uma pessoa colocou na propaganda da Sadia com a foto de selva com rio. Ela se expressou assim: *Se eu morasse assim morreria do coração. É como se todo mundo tapasse os ouvidos*. Esse lugar na mata, na opinião dela, parece não ser bom para morar visto que aparece selva fechada, com muito silêncio e sem movimento de pessoas. Há pessoas que gostam de silêncio, para refletir, outras não, conforme a expressão de uma outra componente deste grupo *estar na natureza é uma maneira de pensar, de refletir*. Isto dá a idéia de que as coisas não são igualmente boas ou más.

Olhando para o quadro geral, neste painel o que predomina é o sonhar por uma vida melhor e isto está relacionado com a religião, que dá esperança para a continuidade da vida. Também se nota que a preocupação com a saúde e a preservação da vida é fundamental para este grupo. No entanto, há uma simbologia também na figura da construção, que está colocada à esquerda do painel. Nessa figura, há um telhado em forma de escada, sugerindo que há um desejo de alcançar coisas melhores e, dentre elas, o céu azul que faz parte desta figura. A construção de um prédio poderia indicar o desejo delas terem um lugar para morar. Uma boa moradia indica uma vida melhor e uma relação com um lugar que Deus tem reservado para aqueles que nele crêem.

As pessoas que têm uma religião instituída buscam refúgio e orientação na igreja. Ela é um símbolo da relação que o ser humano tem com Deus. A igreja está ligada à figura do grupo de funcionários da empresa que se reúnem para orar. Observou-se nesse grupo de mulheres que elas relacionam a religião com as suas necessidades primordiais, vida, saúde, moradia e dinheiro. Segundo Figueiredo (2000), “o ser humano precisa confrontar-se com o mundo exterior, com os arquétipos, para integrá-los na própria personalidade. Esses arquétipos³⁰ agem como se fossem personalidades vivas, como é o caso do salvador, do redentor, daquele que ajuda alguém a recuperar as condições ou as razões de viver plenamente”(p.52). Essas personalidades fazem parte também do imaginário das pessoas componentes deste grupo.

As imagens que foram escolhidas parecem expressar seus pensamentos sobre a religião ligados à vida de cada uma das pessoas que fazem parte deste grupo de pesquisa. A saúde, os sonhos, a moradia e a família integram seu imaginário coletivo, e podem se tornar personalidades vivas no seu cotidiano. Chama a atenção que este grupo não escreveu nada em seu painel, fazendo uso exclusivamente das imagens e fotos das revistas e das frases que acompanhavam.

³⁰ Arquétipos são a reprodução em imagens das reações instintivas, provocando por sua disposições inatas um comportamento correspondente a uma necessidade. Iwashita, (1991 ; 254 apud, Figueiredo, 2000, p. 80.)

Grupo do Projeto de Assistência Social – painel B

Grupo do Projeto de Assistência Social – painel B

Neste quadro encontram-se 13 imagens selecionadas com escolhas relacionadas à vida dos componentes, conforme analisaremos a seguir. Na primeira figura, à direita do quadro, vemos um homem lançando ou jogando um globo terrestre. O argumento da pessoa que colocou essa imagem foi *religião é ter paz consigo e no mundo inteiro*. Isto dá a idéia de que ela se preocupa com o que acontece e existe no mundo e deseja ter paz consigo e com o mundo. Ao lado desta imagem, vemos a de um homem comum que, na visão de quem a escolheu sugere que *religião é a pessoa ser humilde*. Isto indicaria que a humildade é algo ligado com a religião e que pode trazer bom relacionamento entre as pessoas e paz no meio em que vivem.

A imagem seguinte e, à esquerda, é de uma baiana, subindo uma escada e carregando um vaso em sua cabeça, tendo ao fundo o elevador Lacerda, na cidade de Salvador. A subida em escadas sugere conquistar novas situações na vida, novos conhecimentos, até vencer desafios que a vida apresenta. Logo acima desta imagem aparecem dois selos de um prêmio recebido, pois a frase escrita neste quadro é, *e o reconhecimento*. Reconhecer é um caminho que a religião ensina. Reconhecer o ensinamento, os seus erros, a necessidade de amar o próximo. Este amor é estendido na convivência com outras pessoas. Neste sentido, elas colocaram a imagem de um avô negro, que abraça seu neto. Como se trata de uma campanha de economia à energia, aparentemente eles desligaram a televisão e os utensílios elétricos e estão curtindo um ao outro em sinal de afeto e alegria. O abraço entre estes dois personagens que aparecem nesta figura dá a idéia de felicidade, pois a expressão corporal dos dois é acolhedora e de paz. Este quadro do abraço simboliza a felicidade que vem de estar junto. De poder conviver em família e de ter cooperação na vida familiar, porque ali nesta imagem está escrito: *Você está economizando milhões de quilowatts apagando as luzes e desligando aparelhos*. O economizar faz parte do cotidiano das pessoas que pesquisei. Muitas delas têm só luz elétrica e nenhum aparelho para desligar. Mas os filhos delas precisam de carinho, como o demonstrado pelo senhor que abraça e dá segurança e paz ao menino e vice-versa.

Paz e amor estão expressos também na imagem do coração vermelho, que se destaca em desenho sobre a foto de uma mulher beijando a criança que está em seu colo à esquerda do painel. É o símbolo da empresa de produtos alimentícios, *Sadia*. O que se pode imaginar é que

elas entendem o amar os outros como uma lição da religião, pois disseram que *religião é amor e carinho*. E esse amor e carinho – *Representa a igreja. Que representa Jesus*.

Olhando ainda para a esquerda, e acima, nota-se uma cena com um rio cristalino e um carro às suas margens. E a relação que elas fizeram com esta imagem foi *religião é bonito e bom*. Isto sugere que para elas a natureza e o passeio de carro são coisas bonitas e boas como a religião. Essa beleza pode estar relacionada com a beleza da imagem da mão do bebê, logo acima, que coloca sua mãozinha sobre a de um adulto, na propaganda de um seguro de vida. Isto dá a idéia, mais uma vez, de que elas estão preocupadas com a segurança de seus próprios filhos, visto que elas disseram: *Na hora em que a gente precisa só confia em Deus. Por exemplo, quando um filho fica doente aí nós recorremos a Deus*. Isto indica que a segurança expressa nas mãos é como quando, em meio a problemas, se busca amparo e proteção em Deus.

No centro e no alto do painel, estão charges de políticos nas quais o chargista Paulo Caruso, apresenta na seção humorística Avenida Brasil, *los tres amigos*. Nessa charge aparecem três políticos, Leonel Brizola, Ciro Gomes e Itamar Franco, que parecem estar na mesma situação indo a algum lugar. Itamar está com um placa pedindo carona para o caminho da roça. Brizola autoriza dar carona para ele, pois todos vão para o mesmo sítio. Brizola dá ordem para irem para o brejo, aí Ciro Gomes diz: *passando pela Argentina*. No quadro maior da charge aparecem os três em cima de uma vaca. Na seguinte ordem: Ciro Gomes na frente, Brizola no meio e Itamar na parte traseira da vaca, quase caindo, mas dizendo as palavras: *oh! trem bão sô*. Essa expressão é característica dos mineiros. A escolha desta figura com esses políticos sugere que ao se estar em situação de desconforto ainda é possível buscar ajuda e solução para a resolução de seus problemas. Foi o que fizeram os políticos mencionados nesta charge: Ciro Gomes – ministro; Itamar – embaixador e Brizola – o eterno político defensor de seu partido PDT, sempre incentivando o povo a lutar. Ele é um ícone que representa luta e vitória.

Da política elas partem para a eutanásia. Ao lado das charges, visualiza-se um homem idoso olhando para um quadro verde onde estão escritas várias palavras e, entre elas, eutanásia e homicídio. Teriam elas entendido o que isto significa na vida das pessoas que não têm mais esperança de viver? Eutanásia, um tema muito discutido nos meios religiosos e científicos. Praticar a eutanásia significa abreviar a vida de alguém. Será que foi desejo delas relacionar a eutanásia com política? Ou foi um acaso a colocação destas figuras bem

próximas? A noção de política que eles têm é ligada à visita de políticos, os quais pedem votos e fazem promessas. Na semana que fizeram os painéis, receberam a visita de políticos que lhes fizeram algumas promessas. As promessas deles nem sempre são cumpridas, são interrompidas as suas ações assim como acontece na eutanásia, que interrompe a vida.

A cruz ao alto e à direita do painel sugere que alguém deu a vida por outra ou outras pessoas e embaixo da cruz visualizam-se alguns homens que estão parados. A cruz é um dos símbolos do cristianismo. Disseram: *Toda a igreja que tem uma cruz representa Jesus*, que pode ser uma razão para se viver melhor. Esse viver melhor também está relacionado com o que se tem para comer. Nesse sentido, a figura ao lado da cruz mostra uma casa bem mobiliada e vários pratos de comida e o dizer central desta página são *Onde se come bem, muito bem – No coração da Vila Madalena*. Isto dá a impressão de ser propaganda de um restaurante. Essas mulheres ao selecionar alimentos e casa, devem ter tido em mente o desejo de poder alimentar bem a sua família, esteja ela onde estiver.

O mar e a casa representam a Palavra de Deus é a frase dita referente à figura ao meio da página e ao lado direito. Essa preocupação é natural, visto que todas moram em precárias casas de vila.

Outra imagem que apareceu no painel foi a de uma página inteira que se refere ao lazer, pois o título dela é *Tempo de esqui*. Essa figura mostra homens esquiando no meio da neve, entre pinheiros. Sobreposta a essa imagem aparece uma outra com casas bem construídas e preparadas para temporadas em local de neve. E são casas diferentes das que elas moram. Isto parece sugerir, mais uma vez, que elas sonham em ter um lugar melhor para morar e um lugar e tempo para lazer.

Por fim, houve ainda o registro de algumas frases como *Através da religião tenho fé*. Ter fé é ter esperança de dias melhores, de uma situação de vida que permita a elas poderem viver melhor e ajudar os seus. A frase seguinte *quando ganha casa é Bênção de Deus*, demonstra mais uma vez o desejo que elas têm de poder mora melhor. Esse morar melhor em uma casa lembra segurança e apoio. E isto elas podem buscar na religião que, segundo uma pessoa do grupo disse, *a religião está dentro da gente*.

Nessa leitura dos significados expressos por estes grupos mediante o emprego de imagens, palavras e recortes de todo o tipo de material impresso, procurei fazer um ensaio de leitura, de interpretações possíveis do que ali estava expresso. Esse ensaio permite ler e ver

histórias de vidas. Procurei observar as imagens que se repetem e qual o significado que poderiam carregar e os motivos de terem sido selecionadas dentre tantas outras.

CAPÍTULO 5

RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E ENSINO RELIGIOSO

Quando pesquisamos significados de Religião, salta aos olhos o quanto desejos, sonhos, esperanças e preocupações com questões sérias, que através dos tempos vêm desafiando a humanidade, emergem em todos os grupos. Tudo isso nos instiga a refletir sobre a ampla gama de significados que estão embutidos nos sentidos de religião e a importância de se discutir isto, especialmente no contexto contemporâneo em que as religiões se multiplicam e o número de adeptos cresce a cada dia, e não só em nosso País. A grande mídia internacional tem noticiado e comentado esta expansão das religiões como um fenômeno mundial. Para procurar compreender o sentido de religião na vida das pessoas, lancei mão do pensamento de alguns autores, dentre os quais Gaarder (2000), Figueiredo (1995, 2000), Kuchembecker (2000), Campbell (2004).

Segundo Figueiredo (2000), aquilo que se constrói significativamente ao longo da história de vida, pelo “imaginário coletivo, revelador dos desejos, das aspirações, das angústias, dos temores, das esperanças são imagens arquetípicas”(p.80). O ser humano tem se mostrado em constante busca pelo transcendente, e a procura por novos lugares para realizar este imperativo parece que tem contribuído para o sempre crescente número de religiões e filosofias. O pertencer a algum grupo “religioso faz parte da vida de um povo” (KUCHENBECKER, 2000, p. 23), embora diferentes grupos, dentro disso que se tem entendido por “povo”, possam se identificar com variadas tendências de reflexão religiosa. Este pertencer a uma religião envolve uma certa formatação do olhar, com conseqüências na conduta das pessoas. Por isso, estudar os significados de religião em diferentes contextos educativos chamou minha atenção para as maneiras diferenciadas como a religião se inscreve na vida das pessoas, mas também para como cada condição de vida constitui suas próprias formas de sentir, viver e explicar a religião. Pude perceber que cada grupo montou seu painel fazendo uma seleção de elementos que representassem seu mundo, seu dia-a-dia. Em todos os painéis, no presente estudo, parece que houve uma forma específica de salientar o cristianismo e de representá-lo. A seleção de frases, expressões, imagens, figuras, fotos e personagens que fizeram, foi demonstrando as diferenças entre os universos a partir dos quais compuseram seu jeito de expressar os significados de religião. Foi a partir da sua vida

cotidiana, da sua inserção na cultura de hoje, com tudo que esta cultura lhes oferece, disponibiliza ou sonega, que eles compuseram e expressaram seus significados.

Pude perceber que a realidade simbólica de cada grupo interfere significativamente na forma de expressão e na organização dos painéis. Os grupos compostos por professores e alunos, por exemplo, familiarizados e inscritos na cultura escolar, expressaram-se utilizando elementos que se poderia chamar de didáticos, isto é, com forte ênfase no aspecto de organização didática do painel, como se ele fosse algo para explicar, para demonstrar. Foram econômicos em elementos figurativos (imagens, figuras e fotos) e esbanjaram palavras e frases escritas por eles mesmos, além de usarem muitas setas e linhas para indicar conexões, direções e seqüências de idéias. Os grupos compostos por alunos do ensino fundamental exploraram a expressão escrita para explicar suas próprias escolhas de imagens, como se fossem uma legenda para dirigir o olhar. Preocuparam-se mais com a descrição do significado do que com o recurso a elementos puramente expressivos. Dedicaram-se a escolher e escrever palavras que identificassem sua maneira de pensar, servindo essas, como guia para a leitura das imagens. O fato de serem alunos de uma professora com formação em Artes, talvez esteja relacionado com a preocupação em decorar os painéis com traços, contornos, pinturas de fundo, etc. Posso afirmar isso porque minha convivência em escolas com professoras de Artes, mostrou-me que elas exigem esse tipo de cuidados na apresentação dos trabalhos de seus alunos e alunas. Isso é mais um indicativo de como as vivências e as culturas em que estamos inscritos nos formam, nos constituem como pessoas.

A construção dos painéis das mulheres do grupo de Assistência Social, por sua vez, se destacou dos demais, exatamente por sua ampla utilização e exploração de imagens. As palavras que aparecem já estavam impressas naquilo que escolheram e recortaram. Esse grupo manifestou suas idéias sobre religião praticamente usando apenas imagens, e nelas sobressaiu-se a preocupação com saúde e alimentação, mostrando a religião associada com as suas necessidades mais básicas. Junto com estas coisas tão fundamentais de que necessitam, como moradia, alimento e saúde, aparece também paz, esperança e sonhos. A palavra sonhar talvez emerja, numa leitura pelo viés de gênero, do fato de que este era um grupo exclusivamente feminino, e parece que as mulheres que compõem este grupo encontram na possibilidade de sonhar um manancial que as ajuda a seguir em frente e a dar significado às suas vidas, também em busca de esperança e paz. É importante ressaltar aqui, que [esse grupo expressou a relação de suas vivências com o que a religião significa para elas usando o material que a](#)

elas foi disponibilizado. Com certeza se houvesse outro material poderia Ter aparecido outras formas de expressão sobre o significado de religião para elas.

Ainda é preciso registrar que nestes grupos de mulheres da Assistência Social – grupos A e B – o trabalho de montagem dos painéis foi feito com grande seriedade e dedicação, o que contrastou com a displicência e desinteresse demonstrado por um dos grupos de estudantes do ensino fundamental. Ao mesmo tempo em que aquelas mulheres selecionavam e colavam as cenas e imagens na grande folha de papel pardo que ofereci para a composição dos painéis, elas também diziam frases que fui anotando. Dentre estas, destaco *Religião é ter paz consigo e com o mundo; religião é bonito e bom; através da religião tenho fé; a religião está dentro da gente*. Essas frases sugerem que a religiosidade existe em cada uma delas e para elas foi importante expressar isso. Na sua simplicidade revelaram seus desejos e a vontade que têm de alcançar algo melhor do que aquilo que estão vivendo no momento. Por sua vez, a relação entre religião e paz é um componente comum aos demais grupos da pesquisa. Aliás, este vínculo entre religião e paz é celebrado na maior parte das religiões que conhecemos hoje. Os meios de comunicação têm sido pródigos em disseminar esta idéia lançando mão, para isto, de inúmeras formas de programação, que vão da transmissão mundial de celebrações canônicas a informações sobre viagens de líderes religiosos que circulam entre distintos povos, grupos e nações, pregando a paz, passando pela disseminação de imagens e ditos sobre a paz através de shows, propagandas, produtos, etc. No dia que escrevo esta conclusão está acontecendo uma tragédia no Sri Lanka e em outros países da Ásia, que têm estado envolvidos em disputas religiosas. O povo dessas regiões está vivendo uma das maiores e mais trágicas catástrofes naturais de todos os tempos. Hoje eles estão pedindo socorro para o mundo e, ao fazer isso, também pedem paz.

Neste grupo de mulheres, paz aparece ligada com amor, uma vez que este se expressa nas imagens com gestos como o do homem idoso que está abraçando o menino, do casal com um bebê no colo, na imagem do coração com mulher e criança ao fundo, bem como nos gestos de preservação e proteção da vida. Religião para elas é vida, é vontade de proteger, de ser feliz. A relação desse grupo com o cristianismo está expressa nos ícones da cruz, de uma igreja, de um grupo em oração e nos gestos de amor pelas pessoas, incluindo-se aqui, como ampliação disso, a preocupação com a preservação da natureza.

Já os painéis montados pelos grupos de professoras e um professor salientaram familiaridade com o cristianismo. A figura da Bíblia e palavras que estão relacionadas aos

seus ensinamentos, e que são fontes do cristianismo – amor, paz, justiça, evangelização, Deus, Salvador, esperança – aparecem várias vezes. Com essas palavras, e outras que dão sentido ao contexto da Religião, eles ligaram palavras e imagens, começando pela *comunicação*, passando por *busca*, *amor*, *justiça* para chegar ao *céu*, indicando estar com Deus. Isso parece ser o sentido de religião para um dos grupos de professoras. O outro grupo de docentes identifica na religião a *chave da vida*. Mesmo que eles deixem transparecer que essa chave está ligada a coisas que não são compreendidas racionalmente, como *crença*, *fé* e a própria religião, isto pode ser explicado através da linguagem mitológica.

([Tirei uma frase sobre o mito](#)) Visualizando todos os painéis poderia se dizer que há um certo rito oculto nas imagens relacionadas ali. Tais como o desejo pela paz, a busca de harmonia, a prática do amor, a valorização da vida e o desejo de que ela seja melhor. Eles demonstram esperar que a religião lhes ofereça segurança e que a natureza seja preservada para um melhor viver. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. Os grupos comemoram a vida, a paz e o amor na maioria das imagens ali colocadas. As manifestações de seus pensamentos e formas de expressar a religião em suas vidas de uma forma comemorativa, vêm revelar o quanto eles anseiam por viver, por expressar o que sentem, por poder aprender a cada dia com o outro, mesmo fora do sistema estabelecido na escola e na igreja. Eles conseguem ver o que está oculto para muitas pessoas. Eles conseguiram transpor barreiras na comunicação e disseram do desejo de ser feliz, de ter saúde, de poder viver em paz, com amor e tranquilidade. Do desejo de ter um bom lugar para morar, de ter segurança e isto se visualiza pela poucas imagens que expressam tristeza. Apenas duas imagens do Papa e a da artista representando a mãe de Jesus deixaram transparecer tristeza e preocupação, as demais são ícones cristãos e islâmicos, que sugerem a prática da religião de diversos modos. Diante deste panorama, onde as manifestações dos grupos refletem a história da religiosidade de cada um, fica ainda um desafio de poder compreender a religião e a potencialidade que tem em relação ao ser humano.

Foi muito significativo para mim caminhar investigando a parte histórica da inserção da religião nos contextos educativos, onde pude verificar a preocupação e as lutas que dispensaram os interessados, para que este ensino se mantivesse na escola até ser considerado como disciplina componente da formação humana. Vejo como uma contribuição para a educação e muito significativa a leitura das imagens. Aprender a trabalhar com as imagens e aprender a lê-las, foi uma experiência que me enriqueceu na compreensão que devo ter com

os meus alunos e com as pessoas em diferentes contextos educativos. Com esta pesquisa também aprendi a respeitar e compreender o que faz parte das vivências dos componentes que fizeram parte deste trabalho. Isto ajudou a abrir minha mente para olhar a religião como parte do ser humano em suas diversidades. Espero que este trabalho contribua para ampliar os conhecimentos sobre os educandos e suas religiosidades e o que isto representa para eles. Trabalhar com a educação e com a religião em diferentes contextos tem sido um constante despertar para novos horizontes e que isso possa continuar sendo objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Juan Francisco Garcia. *O Ensino religioso hoje se encontra na dicotomia*. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/mussulo/2347/ensino.htm>>. Acesso em: 20 maio 2004.

ASTRAIN, Ricardo Salas. *Religión Étnica, Modernización y Procesos Identitarios em América Latina. Uma Análise Sobre el Conflicto Interétnico em Araucanía-Chile*. Novamerica. Rio de Janeiro, n. 93, p.22- 29, mar. 2002.

BARROS, Marcelo. *O Deus Uno e seus Múltiplos Caminhos: Diálogo entre as Religiões, Caminho de Busca Espiritual*. *Novamérica*. Rio de Janeiro, n. 93, p. 70, mar. 2002.

BENDER, Rui. *Teorias e Prática Caminham Juntas*. *Novolhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BORJA, Célio *Experiência Liberdade de Educação para Todos*. *Passos*, n. 25, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.cl.org.br/ensrel25.htm>>. Acesso em: 20 maio 2004.

BURNS, Bárbara; AZEVEDO, Décio; CARMINATI, Paulo Barbero. *Costumes e Culturas: Uma Introdução à Antropologia Missionária*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CABRAL, J. **Religiões, Seitas e Heresias**. Coleção Reino de Deus, 5ªed., Universal Produções : Rio de Janeiro. 1979.

CARNIATO, Maria Inês. *Superar Temores e Construir Sonhos*. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, n. 31, ano VIII, p. 28-31 ago. 2003.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito Seleção*. Resumo e adaptação de Carlos Guimarães. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/carlos.guimaraes/mitos.html>>. Acesso em: 25 dez. 2004

CÂNDIDO, Viviane Cristina. *Para Que Caibam Todos*. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, n. 31, ano VIII, p. 38-4, ago. 2003.

CARRANZA, Brenda. *Toda Religião tem um Componente Fundamentalista?* *Novamérica*. Rio de Janeiro, n. 93,p. 48-51, 2002.

CASALDÁLIGA, Pedro. *O Mundo Tornou A Começar*. *Novamérica*. Rio de Janeiro, n. 93, p.14-21, mar. 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COLORAMA Enciclopédia Universal Ilustrada. *Mirador Internacional*. São Paulo: Melhoramentos; Enciclopédia Britânica do Brasil, 1973. vol 6.

CONSORTE, Josildedt Gomes. Diversidade Humana: Fonte de riqueza ou ameaça? *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, n. 31, ano VIII, p. 8-11, ago. 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DREWERMANN, Eugen. *Religião para quê? Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder*. Em diálogo com Jürgen Hoeren/ Eugen Drewermann. Trad. Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

DREWERMANN, Eugen. Deus em uma Sociedade de Consumo. *Novolhar/* p. 10, setembro/2002. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FERNANDES, Carlos. Petróleo de Fina Qualidade. *Eclésia*. São Paulo: Eclésia, ano 9, n. 98, p. 24-25, fev. 2004.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *O Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Tema Gerador no Currículo de Educação Religiosa: O Senso do Símbolo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FISCHAMM, Roseli. Diálogo Inter-religioso no Brasil: minorias e educação nacional. *Novamérica*. Rio de Janeiro, n. 93, p. 36-41, mar. 2002.

FRASS, Hans-Jürgen. *A Religiosidade Humana: Compêndio de Psicologia da Religião*. Trad. Ilson Kayser e Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FÓRUM Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Ensino Religioso das Escolas Públicas*. Disponível em: <<http://www.blumenau.zaz.com.br/fonaper/frames.html>>. Acesso em: 2004.

FÓRUM Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares. Ensino Religioso*. 4. ed., São Paulo, Ave Maria, 2001.

FOUCAULT, Michael. *A Ordem do Discurso*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

INCONTRI, Dora. *Fenômeno Religioso*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur13/dora.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2004

INSTITUTO de Cidadania. A fé que move a galera. *Veja Especial Jovens*, n. 32, p.64-65, jun./abr. 2004

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; Notaker, Henry. *O Livro das Religiões*. Trad. Isa Mara Lando. Revisão técnica e apêndice Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GHELLER, Erinida G. (org.). *Cultura Religiosa: o sentimento religioso e sua expressão*. 5. ed. vol. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GROMME, Thomas H. *Educação Religiosa Cristã: compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GETERI, *Grupo de Trabalho do Ensino Religioso Escolar Interconfessional*. Porto Alegre: SEED, 1996.

HALL, Stuart, *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

HARVEY, 1992; CASTELLIS, 2000 apud CARRANZA, Brenda. Toda Religião tem um Componente Fundamentalista? *Novamérica*. Rio de Janeiro, n. 93, p. 48-51, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio. *O Processo de Escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KEIM, Ernesto Jacob. Lutero e a Educação, um Desafio às Escolas Confessionais. *Novolhar*, p. 6-7, São Leopoldo: Sinodal, 2004.

KELNNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma Pedagogia Pós-Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas em Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 104-131.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KRASSUSKI, Jair Antônio, O papel da Filosofia na Educação do Sujeito a partir da Modernidade. *Educação*. Santa Maria: Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. vol. 27, n. 2, p. 25- 30, 2002.

LARROSA, Jorge; LARA, Núria Pérez (orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MAGALDI FILHO, Waldemar. Pluralismo: Identidade e Alteridade. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p. 13-17, ago. 2003.

MARIZ, Cecília. As Questões Religiosas e o Mundo Atual. *Novamerica*. Rio de Janeiro, n. 93, p. 04- 13, mar. 2002.

MARTIN, Juan Luis. O diálogo Inter-Religioso. *Novamerica*. Rio de Janeiro, n. 93, p. 56-59, mar. 2002.

MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob. A Beleza de Sermos Diferentes. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p. 24-27, ago. 2003.

MITO, Rito e Religião. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/mito.htm>> Acesso em: 25 dez. 2004.

NIRMALATMANANDA, Swami. Harmonia das Religiões. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p. 52-53, ago. 2003.

NERY, José Israel. O Ensino Religioso Escolar no Brasil (ERE) no Contexto da História e das Leis. *Revista de Educação*, Brasília : AEC do Brasil, ano 22 (88), p.7-20, jul./set. 1993.

OLENIKI, Marilac Loraine R.; DALDEGAN, Viviane Mayer. *Encantar: uma prática pedagógica do Ensino Religioso*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIOLA, Gilmar. *Ensino nas escolas públicas deve ser laico ou religioso?* Disponível em: <<http://member.bcentral.com/cgi-bin/fc/fastcounter-login?23072671>>. Acesso em: 23 maio 2004.

PROPOSTA Curricular de Santa Catarina. *Implementação do Ensino Religioso – Ensino Fundamental*. Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto : Florianópolis, 2001.

ROSAS, Vanderlei *O Ensino Religioso nas Escolas*. Disponível em: <<http://www.submarino.com.br/books.770>>. Acesso em: 24 maio 2004.

ROSSETO, Marisa Ester Aldecôa. As crenças da Humanidade. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p. 32-36, ago. 2003.

RUEDEL, Pedro. *Diretrizes para o ER das Escolas Oficiais do Sistema Estadual do Ensino do Rio Grande do Sul*. Documento compatibilizado com a Equipe Inter-confessional de Orientação, Acompanhamento e Avaliação da Educação Religiosa. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação, 1982.

RUEDEL, Pedro. *Evolução do Ensino Religioso nas Escolas Oficiais do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Mestrado, Universidade Vale do Rio dos Sinos, 1999.

SAFRA, Gilberto. A Fragmentação do éthos no mundo contemporâneo. In: NOÉ, Sidney (org.). *Espiritualidade e saúde: da cura d'alma ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal. 2004. P. 7-14.

SANTA Catarina. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Diretrizes 3: Organização da prática escolar na educação básica: conceitos científicos essenciais, competências e habilidades*. Florianópolis: Diretoria Fundamental/ Diretoria de Ensino Médio, 2001.

SANTORO, D. Filippo. Igreja Diálogo Fecundo. Passos, n. 14, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.cl.org.br/ensrel25.htm>>. Acesso em: 20 maio 2004.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. A força Sagrada da Palavra no Mito e na Lenda. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p. 46-49, ago. 2003.

SILVA, Marta Nörrnberg da. Cuidado em movimento. A ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro. In: NOÉ, Sidney (org.). *Espiritualidade e saúde: da cura d'alma ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal. 2004.p. 15-24.

STEFANO, Marcos. São Paulo de todas as Crenças. *Eclésia*. São Paulo: Eclésia, ano 9, n. 98, p. 32-41, fev. 2004.

TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo Religioso de Princípio. *Diálogo*. São Paulo: Paulinas, ano VIII, n. 31, p.18-22, ago. 2003.

WOODROW, Alain. **As Novas Seitas**. Tradução de Celeste Maria Jardim de Moraes. São Paulo : Paulinas, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma Introdução Teórica e Conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. 7-72.